

II Simpósio Internacional de Teologia Prática

A TRANSMISSÃO DA FÉ CRISTÃ NA ERA DIGITAL

4 A 6
OUTUBRO



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA PRÁTICA 4 a 6 de outubro de 2022

Tema:

A transmissão da fé cristã na era digital

Transmissão ao vivo no **YouTube** pelo canal do **IFT PUC Minas**



Organizador

Carlos Alberto Motta Cunha

ANAIS DO II SIMPÓSIO DE TEOLOGIA PRÁTICA
A Transmissão da Fé Cristã na Era Digital

PUC Minas, 4 a 6 de outubro de 2022

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Comunicações e Textos Completos

Grupos Temáticos (GTs)

Belo Horizonte

PUC Minas

2022

Os textos publicados são de responsabilidade de cada autor

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S612a	<p>Simpósio Internacional de Teologia Prática (2. : 2022: Belo Horizonte, MG) Anais do II Simpósio Internacional de Teologia Prática [recurso eletrônico]: a transmissão da fé cristã na era digital / organizador Carlos Alberto Motta Cunha. Belo Horizonte: PUC Minas, 2022. <i>E-book</i> (99 p.)</p> <p>ISBN: 978-65-88331-69-9</p> <p>1. Teologia - Congressos. 2. Mídia digital - Aspectos religiosos - Cristianismo. 3. Fé. 4. Evangelização. 5. Tecnologia digital. 6. Comunicação de massa - Aspectos religiosos - Cristianismo. I. Cunha, Carlos Alberto Motta. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa. III. Título.</p> <p>SIB PUC MINAS</p> <p>CDU: 25</p>
-------	---

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086

COMISSÕES E ORGANIZAÇÃO

Coordenação geral:

Prof. Dr. Jean Richard Lopes

Comissão Organizadora:

Prof. Dr. Amarildo José de Melo

Prof. Dr. Carlos Alberto Motta Cunha

Prof. Dr. Cleto Caliman

Prof. Dr. Edward Guimarães

Prof. Dr. Jean Richard Lopes

Prof. Dr. Junior Vasconcelos do Amaral

Prof. Dr. Luís Henrique Eloy e Silva

Prof. Dr. Renato Alves de Oliveira

Prof. Dr. Roberlei Panasiewicz

Profa. Dra. Solange Maria do Carmo

Comissão Científica:

Profa. Dra. Cleusa Caldeira – FTSA

Profa. Dra. Aparecida Maria de Vasconcelos – FAJE

Profa. Dra. Aurea Marin Burocchi – ISTA

Prof. Dr. Cláudio Ribeiro – UFJF

Prof. Dr. Luís Henrique Eloy e Silva – PUC Minas

Prof. Dr. Leonardo Pessoa – PIB Roma

Prof. Dr. Antonio Palafox – México

Prof. Dr. Carlos Alberto Motta Cunha – PUC Minas

Prof. Dr. Cleto Calimann – PUC Minas

Prof. Dr. Roberto Zwetsch – EST

Apoio técnico:

Jeferson Martins da Conceição

Secretário:

Walison Dias da Silva

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
RESUMOS POR GRUPOS TEMÁTICOS (GTS).....	11
<i>GT 1 – Pastorais de anúncio e formação</i>	<i>11</i>
A celebração eucarística no metaverso: contraponto entre possibilidade e necessidade – uma análise crítico-pastoral	11
<i>Marlone Pedrosa</i>	
Juventudes e mundo digital: uma reflexão pastoral a partir do Sínodo sobre os jovens.....	11
<i>Elson da Silva Pereira Brasil</i>	
Igreja Católica e a cultura digital como espaço de evangelização.....	12
<i>Renê Augusto Vilela da Silva</i>	
As TICs e as oportunidades de evangelização, estudo e ensino teológico	12
<i>Vamberto Marinho de Arruda Junior</i>	
A dinâmica eclesial evangelizadora e os anseios das juventudes: uma conversão pastoral possível e necessária	13
<i>Edward Guimarães</i>	
A instituição do ministério do catequista e sua contribuição para a afirmação do protagonismo leigo	14
<i>Bruno de Lucena Araújo e Nicácio Lima Oliveira</i>	
Origem e desenvolvimento do Dia Mundial das Comunicações Sociais: uma salutar trajetória	14
<i>Tiago Cosmo da S. Dias</i>	
<i>GT 2 – Pastorais sociais e de fronteira</i>	<i>15</i>
A pluralidade dos discursos do pentecostalismo católico nas redes sociais e seu impacto na pastoral.....	15
<i>João Claudio Rufino Rodrigues Silva</i>	
A entre-pertença religiosa no metaverso	15
<i>Marcos Rodrigues Simas</i>	
Saciar-se da água viva: um caminho de enfrentamento à pós-verdade no meio cristão	16
<i>João Gilberto Torres Aranha</i>	

Uma reflexão sobre o conceito de tradição e sua relação com o processo de transmissão da fé no pensamento de Yves Congar	16
<i>Anderson Costa Pereira</i>	
Teologia e ideologia: relação e incidências na vida da Igreja	17
<i>Darlan Alcântara Sousa</i>	
A teoria do simbolismo religioso de Paul Tillich e a cultura da imagem na era digital.....	17
<i>Carlos Alberto Motta Cunha</i>	
GT 3 – Temas abertos.....	18
Francisco: um papa hipertextual.....	18
<i>Gustavo Laureano Pinto</i>	
A transmissão da fé na sociedade do espetáculo	18
<i>Raquel Pacheco Mourão</i>	
Múltiplas juventudes, múltiplas propostas pastorais	19
<i>Valéria Andrade Leal</i>	
A ecologia integral ante os obstáculos impostos pelo modo dominante de governança corporativa.....	19
<i>Antonio Dias Pereira Filho</i>	
Discípulo sem sorriso e sorriso sem discípulo: a formação dos discípulos missionários e o sentido de vida comunitária na era digital	20
<i>Sergio Esteban González Martínez</i>	
O futuro da Igreja: consciência inquieta e o sujeito contemporâneo.....	20
<i>René Dentz</i>	
Jesus, o taumaturgo: Um relato exemplar em Mc 5, 21-43.....	21
<i>Marcos Vinicius Santana dos Santos</i>	
TEXTOS COMPLETOS POR GRUPOS TEMÁTICOS (GTS).....	22
GT 1 – Pastorais de anúncio e formação	22
A celebração eucarística no metaverso: contraponto entre possibilidade e necessidade - uma análise crítico-pastoral.....	22
<i>Marlone Pedrosa</i>	
Igreja Católica e a cultura digital como espaço de evangelização.....	29
<i>Renê Augusto Vilela da Silva</i>	

As TICs e as oportunidades de evangelização, estudo e ensino teológico	37
<i>Vamberto Marinho de Arruda Junior</i>	
A instituição do ministério do catequista e sua contribuição para a afirmação do protagonismo leigo	44
<i>Bruno de Lucena Araújo e Nicácio Lima Oliveira</i>	
Origem e desenvolvimento do Dia Mundial das Comunicações Sociais: uma salutar trajetória	50
<i>Tiago Cosmo da Silva Dias</i>	
GT 2 – Pastorais sociais e de fronteira	57
Uma reflexão sobre o conceito de tradição e sua relação com o processo de transmissão da fé no pensamento de Yves Congar	57
<i>Anderson Costa Pereira</i>	
Saciar-se da água viva: um caminho de enfrentamento à pós-verdade no meio cristão	65
<i>João Gilberto Torres Aranha</i>	
Teologia e ideologia: relação e incidências na vida da Igreja	71
<i>Darlan Alcântara Sousa</i>	
GT 3 – Temas Abertos	78
Francisco: um papa hipertextual.....	78
<i>Gustavo Laureano Pinto</i>	
Discípulo sem sorriso e sorriso sem discípulo: a formação dos discípulos missionários e o sentido de vida comunitária na era digital	86
<i>Sergio Esteban González Martínez</i>	
Múltiplas juventudes, múltiplas propostas pastorais	93
<i>Valéria Andrade Leal</i>	

APRESENTAÇÃO

O mundo atual configura-se, cada vez mais, impregnado pela cultura digital, na qual novas formas de contato, de encontro, de trocas de informação surgem continuamente, favorecendo a aproximação das pessoas de todos os cantos do planeta. Para as igrejas cristãs, convocadas a proclamar o evangelho a todas as gentes (Mt 28,19-20), essa realidade torna-se um desafio, mas, ao mesmo tempo, apresenta-se como uma grande oportunidade para a transmissão da fé e formação de novos discípulos e discípulas de Jesus Cristo, comprometidos com o Reino de Deus. Movido por essas inquietações, o Instituto de Filosofia e Teologia da PUC Minas propõe um espaço para pensar e caminhos e práticas que contribuam com a transmissão da fé na era digital, contando com a colaboração de especialistas em Teologia como também em Comunicação digital.

Objetivo geral: Compreender o cenário contemporâneo da era digital e propor caminhos para práticas pastorais que melhor favoreçam a transmissão da fé nesse ambiente.

Objetivos específicos: Refletir sobre a transmissão da fé na era digital: desafios e oportunidades; deixar-se interpelar pelas novas formas de interrelação das mídias digitais, observando a influência delas na configuração das comunidades eclesiais; propor caminhos e práticas de transmissão da fé nas redes.

Justificativa: O tema “A transmissão da fé cristã na era digital” remete à complexidade dos elementos que compõem o processo clássico de comunicação: emissor, receptor, mensagem, canal, código, contexto e ruídos. Em outras palavras: Quem transmite o quê e para quem? Que meios são utilizados e como superar os ruídos para uma boa comunicação? No conjunto destas perguntas, a transmissão da fé é desafiada ainda mais quando se trata dos ambientes digitais com os seus próprios códigos, que se tornaram uma verdadeira mediação muito mais do que um aparato tecnológico. Urge repensar o sentido de cada um desses elementos com o objetivo de transmitir a mensagem cristã de modo significativo a um mundo absorvido pela lógica da rede.

Público-alvo: Agentes de pastoral, presbíteros, pastores, pastoralistas, evangelizadores, estudantes e professores de cursos de graduação e pós-graduação, público em geral.

Programação:

04/10

19h: Abertura: Dom Walmor, D. Joaquim, Pe. Evandro, Pe. Renato Alves e Pe. Jean

19h45: CONFERÊNCIA – A transmissão da fé cristã no mundo atual

Conferencista: Prof. Dr. Armando Matteo

Descrição: A transmissão da fé desenvolve-se por meio de duas realidades entrelaçadas. A primeira é a comunidade de fé que, na escuta do evangelho, compreende-se de uma forma específica em cada época, pois ela própria é evangelizada pela Palavra que comunica. A segunda diz respeito à sua missão no mundo, à proclamação do mesmo evangelho a todas as gentes. Esse entrelaçamento exige que a Igreja, dócil ao Espírito Santo, esteja atenta às novas circunstâncias existenciais, reelabore a sua mensagem e se arrisque em novos caminhos pastorais e comunicativos para melhor testemunhar Jesus Cristo e o Reino de Deus. Quais são

os desafios que as igrejas devem enfrentar interna e externamente para a transmissão da fé na era digital?

05/10

8h: PAINEL – Da conexão à comunhão: a rede como espaço eclesial

Conferencistas: Mariel Caldas e Moisés Sbardelotto

Descrição: A era digital é marcada por tendências. “Da conexão à comunhão” é uma delas no âmbito do cristianismo. A novidade deste movimento consiste em encontrar pontos de encontro e interação criativa entre a rede e a vivência da fé cristã, de forma que a rede possa ser considerada verdadeiro espaço eclesial. A lógica da rede amplia o horizonte de sentido da comunhão e abre novos caminhos de vida comunitária. Como alimentar a comunhão com Deus, com o próximo e com toda a criação por meio da rede digital?

10h15-11h15: OFICINAS

1) Evangelização dos nativos digitais – André Carvalho Santos

Descrição: A oficina trabalhará elementos básicos de entendimento sobre o ciberespaço como um lugar onde os nativos digitais passam maior parte do tempo da vida. Na pandemia todas as instituições, eclesísticas ou não, se viram diante de uma realidade virtual extremamente necessária para continuar fazendo o seu trabalho. Mas será que todos pensaram em estratégias para entrar no novo ambiente? Na evangelização aprendemos que devemos conhecer a cultura do povo, seus costumes, sua linguagem, para assim se aventurar em novas terras. Assim apontaremos caminhos para a evangelização dos nativos digitais tão necessária para a assertividade da igreja em sua missão.

2) Oficina Catequese On-line: do tradicional ao digital – Aline Amaro Silva

Descrição: Esta oficina traz elementos para uma transformação digital na catequese, aborda temas para se pensar numa catequese em tempos digitais, pandêmicos e pós-pandêmicos, uma catequese vivida em espaços híbridos. Com base no “Diretório para a Catequese” (2020) e na obra “Catequese Digital: Por onde começar?” (2021), propõe-se um itinerário de conscientização sobre as mudanças no cenário global que também impactam no entender e agir catequético. Além disso, indica caminhos pedagógicos para uma catequese on-life que integre a experiência de educação da fé tradicional com a digital.

3) Liturgia (e sacramentos) na era digital – Danilo Cesar

Descrição: Nos tempos agudos da pandemia da COVID, a incorporação das redes sociais foram uma alternativa irrenunciável para a pastoral. Para as Liturgia muitas questões foram suscitadas, pois entrou em questão uma segunda mediação que se interpõe na relação ritual da Igreja. Desse encontro qual é o fruto no diálogo entre Liturgia e mídias sociais, em vista de uma recepção da Liturgia do Concílio Vaticano II? Que “fusão de horizontes” é desejável e possível? Quais os desafios e oportunidades que conseguimos identificar neste momento?

4) Ética na internet – Oton da Silva Araújo Júnior

Descrição: O ambiente digital possibilita interações inimagináveis há poucas décadas. Ao mesmo tempo em que amplia a capacidade de comunicação e de informação, traz consigo novos questionamentos éticos. Os novos areópagos interpelam a fé cristã, a fim de que esta seja anunciada também no universo das novas mídias.

5) Youtubers da fé – Patrícia Garcia

Descrição: A oficina que traz o tema “Influenciadores Digitais da Fé” preparou uma série de perguntas que nos farão refletir sobre o que é um influenciador digital, e o que é um influenciador digital da fé? Como conceituá-los, quais os critérios para se tornar um influenciador digital e como surgem esses “influencers” da fé? E no âmbito das religiões, especificamente a cristã, qual é o papel dos “influenciadores da fé” na vida dos fiéis? Além de pensarmos como se dá o processo de construção da identidade dos influenciadores digitais da fé nas redes, partindo da perspectiva de identidade não como essência ou um fato da natureza, mas como construções sociais compostas por elementos diversos ou atributos emergentes da interação social entre o sujeito e o mundo, trazendo a discussão, claro, para o enfoque das mídias digitais, ou seja, como são construídas as identidades no espaço virtual, sendo ela mesma o espaço de produção das subjetividades.

6) O fundamentalismo bíblico na rede: caminhos de superação – Aíla L. Pinheiro de Andrade

Descrição: O contexto contemporâneo é diretamente afetado pelas dinâmicas que se estabelecem a partir do desenvolvimento de tecnologias digitais e dispositivos móveis conectados em rede. A oficina visa alargar a reflexão sobre a origem e os pilares do fundamentalismo bíblico, seus riscos à fé e seus limites na transmissão da fé, especialmente presentes nas redes sociais. Procurar-se-á criar uma dinâmica dialógica e transformadora, incitando os participantes a trazerem para a discussão as suas perspectivas e experiências com esta demanda.

7) A espiritualidade na rede – Pe. Alfredo

Descrição: A pandemia nos atingiu de forma brutal e nos obrigou a ter que reinventar nosso modo de viver, rezar e celebrar nossa fé. Abriu-se diante de nós uma “espiritualidade digital”, repleta de desafios e de novas oportunidades. Queremos nesta oficina considerar as duas faces dessa nova espiritualidade: o que ela nos proporciona de ocasiões para nosso crescimento espiritual, mas também identificar os perigos diante dos quais temos que reagir como cristãos. Chegaremos, assim, a uma mística inclusiva, aberta e amorosa, conectados e comprometidos com as necessidades das pessoas e do nosso mundo.

8) Transmissão da fé e igrejas inclusivas – Maria Cristina Furtado

Descrição: Esta oficina terá como objetivo conhecer e refletir sobre as teologias libertadoras inclusivas, e como as igrejas inclusivas e os grupos LGBT católicos, espalhados pelo Brasil, utilizam as redes sociais para a divulgação da fé, e para o entrosamento das pessoas LGBTQIA+ com o Deus todo poderoso no Amor incondicional.

14h – 17h: COMUNICAÇÕES

Grupos Temáticos:

- 1) Pastorais de anúncio e formação
- 2) Pastorais sociais e de fronteira
- 3) Temas abertos

19h15: CONFERÊNCIA – A transmissão da fé na arquitetura das redes

Conferencista: Ir. Joana Puntel

Descrição: A sociedade atual possui um cenário marcado por inéditas experiências no campo da cultura digital, encontra-se diante de um “novo sujeito” que se move dentro de uma nova arquitetura da comunicação. A modalidade da transmissão da mensagem altera de unilinear para novas formas de interação. No processo comunicativo da cultura digital, a transmissão

unilinear é substituída por aquela reticular, interativa e colaborativa. Nesse novo cenário, é preciso repensar as modalidades existentes para a transmissão da fé. Trata-se de uma atitude que requer a coragem de pensar de modo mais profundo a relação entre a fé, a vida da Igreja e as transformações que vivemos hoje. Na era digital, novas linguagens desafiam paradigmas tradicionais e nos impelem para uma mudança de mentalidade e de prática pastoral.

06/10

8h15: MESA REDONDA – Desarticulação pastoral e infodemia: desafios e consequências
Debatedores: Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães, Magali Cunha

Descrição: O excesso de informação e a velocidade com que elas circulam, além de gerar cansaço e estresse, deixa o internauta desorientado, pois nem sempre as notícias são confiáveis e verdadeiras. Vivemos em plena infodemia, ou seja, há uma situação endêmica ou pandêmica no que diz respeito à comunicação. No campo da fé, não é diferente. Cresce a presença dos evangelizadores na rede, mas a qualidade teológica dessa presença nem sempre pode ser confirmada. Em meio a tantos (des)influenciadores digitais da fé, a sensação de labilidade aumenta e o cristão se sente confuso. Somada à desarticulação pastoral, característica de grande parte das comunidades eclesiais, o problema da presença das igrejas nas redes ganha vulto e pede uma luz. Como nos organizar pastoralmente para ocupar os espaços digitais com uma teologia pertinente, crível e confiável? Que consequências a infodemia teológica pode trazer para as comunidades eclesiais e para os cristãos em geral?

10h15: CONFERÊNCIA – Internet e fé cristã: caminhos e desafios
Conferencista: Majo Centurión

Descrição: A internet e os meios digitais chegaram para ficar. A fé cristã, cuja característica principal é a comunhão e a vida fraterna, parece ameaçada pela rede, pois essa cria uma outra forma de relações interpessoais e, logo, de comunicação da fé. Seria a transmissão da fé cristã incompatível com os elementos próprios da internet ou esses são novos telhados dos quais se deve proclamar a Palavra de Deus como disse Jesus nos Evangelhos? Que caminhos percorrer para que a pastoral cristã seja eficaz hoje, especialmente nos espaços digitais?

11h45: ENCERRAMENTO
Palavra final da equipe organizadora

Evento On-line: [Canal do Youtube IFT - PUC Minas](#)

Informações

Telefone: (31) 3319-4633

e-mail: simposioteologiapratica@gmail.com

RESUMOS POR GRUPOS TEMÁTICOS (GTS)

GT 1 – Pastorais de anúncio e formação

A celebração eucarística no metaverso: contraponto entre possibilidade e necessidade – uma análise crítico-pastoral

Marlone Pedrosa
marlonepedrosa@yahoo.com.br
Mestrando na FAJE e bolsista da CAPES

Resumo: A era digital é marcada pelo movimento e inovação. Impulsionada pelas constantes evoluções e aperfeiçoamentos tecnológicos, a internet, através de seus programas e aplicativos, constantemente nos proporciona meios diversos e dinâmicos de interação e comunicação. Usar essas novidades tornou-se um imperativo em muitos meios. Inclusive, na Igreja, vários agentes de pastoral se veem “obrigados” a usar tais recursos em nome de uma suposta “atualização” de suas práticas pastorais. Há uma corrida frenética para ser o pioneiro no uso dessa ou daquela ferramenta para transmitir conteúdos e ganhar “seguidores” nas redes sociais. O problema se apresenta no fato de que geralmente isso é feito sem uma análise crítica da real necessidade em se realizar tal intento. Em julho deste ano, foi noticiado a transmissão da primeira missa no metaverso, transmitida por um canal brasileiro de TV católico e sua plataforma digital. Parece que algumas questões ficam de fora nessas iniciativas, tais como: o significado litúrgico da celebração eucarística para a vida comunitária e a Igreja, nosso relacionamento com Deus e com os irmãos... A partir da constatação dessa pressa, por parte de agentes pastorais, em aderir às inovações tecnológicas na celebração eucarística, essa comunicação pretende fazer uma análise crítica de cunho pastoral e eclesial das implicações que tal atitude traz. Quando se toma consciência da enorme gama de possibilidades proporcionadas pela internet relativo à pastoral, é prudente a observância do ensinamento paulino (1Cor 6,12): “Tudo posso, mas nem tudo me convém”.

Palavras-chave: Metaverso. Celebração eucarística. Pastoral. Era digital.

Juventudes e mundo digital: uma reflexão pastoral a partir do Sínodo sobre os jovens

Elson da Silva Pereira Brasil
elsonspb@gmail.com

Resumo: A compreensão da relação entre mundo digital, juventudes e evangelização é de grande importância para a ação evangelizadora da Igreja. O caminho sinodal para a XV Assembleia do Sínodo dos Bispos inaugurou o uso das mídias digitais nesse tipo de processo, pois, pela primeira vez, foi disponibilizado um questionário on-line para que jovens do mundo todo respondessem expressando sua compreensão do mundo juvenil e do acompanhamento vocacional. Ao mesmo tempo, fez-se amplo uso das redes sociais para divulgar o Sínodo. A partir desses dados, nosso objetivo consiste em revisitar o percurso do Sínodo dos Bispos de 2018 sobre jovens, a fé e o discernimento vocacional. Queremos refletir como o processo

sinodal fez uso do mundo digital, pensou sobre ele e levantou propostas para a evangelização das juventudes no mundo atual considerando as novas mídias sociais. A reflexão contará ainda com uma ponderação sobre uso das mídias sociais digitais no mundo contemporâneo, bem como as expectativas para o uso das mesmas como instrumentos eficazes na evangelização. Tal compreensão poderá ajudar na melhor integração da pastoral dos jovens no âmbito da pastoral orgânica e de conjunto na Igreja.

Palavras-chave: Juventudes. Mundo digital. Papa Francisco. Sínodo.

Igreja Católica e a cultura digital como espaço de evangelização

Renê Augusto Vilela da Silva
vilelaaugusto@yahoo.com.br
Mestre, PUC-SP

Resumo: O artigo aborda a influência da cultura digital na evangelização da Igreja Católica. Trata-se de uma reflexão bibliográfica que visa explicar sobre parte das mudanças culturais que surgiram nos últimos anos e que acarretam mudanças no comportamento religioso. As popularizações da internet, das redes sociais, dos meios digitais de comunicação são um fenômeno que abarca a religiosidade, a transmissão de sua mensagem de conversão e de profissão de fé. Entende-se que as novas maneiras de comunicação, linguagens, tecnologias e interatividade atingem a relação do humano com Deus e as percepções sobre o sagrado. Avaliamos essa dimensão de evangelização e cultura digital a partir do Concílio Vaticano II que propõe um diálogo com a sociedade e com o avanço de outras ciências. A partir do Inter Mirifica a Igreja abriu-se para imergir na comunicação social (e em consequência digital). A cibercultura se apresenta como um meio de evangelização e que deve contar com um aprofundamento por parte da Igreja. Existem canais e redes que são frutos de estudos e seguem a doutrina da fé, porém surgem inúmeros influenciadores digitais, palestrantes entre outros que merecem e carecem de atenção para que não ocorram discrepâncias no anúncio da mensagem da Boa-Nova. O artigo visa refletir sobre a comunicação religiosa e a cultura interativa que respeita a ética e os princípios católicos.

Palavras-chave: Igreja Católica. Cultura digital. Evangelização.

As TICs e as oportunidades de evangelização, estudo e ensino teológico

Vamberto Marinho de Arruda Junior
prvambertojr@gmail.com
Mestre, PUC-SP

Resumo: O letramento digital é uma tarefa imposta aos seres humanos do séc. XXI, especialmente após a chegada da pandemia do Covid-19, onde muitas celebrações litúrgicas afins, muitos ensinamentos teológicos, catequéticos foram realizados de maneira remota, obrigando párocos, pastores, professores em seminários etc. a se reinventarem para assistirem seus correligionários e alunos. As TICs (Tecnologias de informação e comunicação) estão presentes hoje para facilitarem a interatividade entre os dois polos de interesse nessa equação, os que celebram/ministram/ensinam e os que participam/recebem/aprendem. É mister um olhar atento não só para as redes sociais, mas para as diversas mídias e softwares existentes que podem ajudar no processo missionário religioso e educativo. Quem sabe, não apenas usar um

AVA (ambiente virtual de aprendizagem), mas criar um, que facilite o acesso gratuito dos fiéis aos mistérios e belezas da fé, aproximando padres/pastores/leigos evangelizadores e professores dos que são guiados/ensinados por eles. Softwares de estudo bíblico-teológico como o Logos-Verbum, AVA como o Moodle; canal no YouTube, contas no Instagram; Facebook; Tiktok; Telegram, WhatsApp; uso dos celulares, computadores etc.; e mesmo livros, apostilas, são tecnologias que podem ser integradas para uma interação e interatividade formativa, socializadora e humanizante. O ensino virtual é uma realidade que deve inspirar as instituições de ensino teológico e as instituições religiosas como um todo, levando-as a se beneficiarem das tecnologias que existem. Para isso devem treinar seus professores e líderes religiosos nessa realidade, eliminando os preconceitos que existem e assim, facilitar a vivência entre o que partilha e o que recebe o que foi partilhado.

Palavras-chave: TICs. AVA. Missão. Evangelização. Teologia.

A dinâmica eclesial evangelizadora e os anseios das juventudes: uma conversão pastoral possível e necessária

Edward Guimarães
ednmbg@gmail.com
Doutor, PUC Minas

Resumo: O mundo das juventudes é uma realidade complexa. No campo religioso da fé cristã, não há muitos especialistas em juventudes. A ação evangelizadora da Igreja católica não consegue alcançar ou envolver significativamente os jovens na contemporaneidade. O distanciamento entre a dinâmica eclesial e o mundo das juventudes não é um fenômeno recente. Muitas pesquisas estão sendo feitas sobre as razões desse divórcio. O que a Igreja Católica tem feito, como esforço pastoral evangelizador, para se aproximar do mundo das juventudes? O que move e mobiliza as juventudes contemporâneas é uma temática refletida e conhecida pelo clero e pelos agentes de pastoral e lideranças cristãs? Essa realidade tem encontrado acolhida e fecundado o dinamismo da missão evangelizadora da Igreja Católica? Nesta comunicação compartilharemos os resultados parciais de uma pesquisa em curso, que vem sendo feita para o Dossiê Evangelização e Juventudes, organizado pelo Observatório da Evangelização PUC Minas. Utilizamos a seguinte metodologia: primeiro, fizemos um levantamento de pesquisas sobre o mundo das juventudes no Brasil e na América Latina, que contemplem, em alguma medida, esta temática de fundo ou que ofereçam elementos para compreendê-la. Segundo, demos atenção ao que os jovens dizem e como se comportam em relação a suas vivências religiosas, de modo especial sobre a Igreja católica. Terceiro, de posse dos resultados alcançados, nos valendo da metodologia ver, julgar e agir, apresentamos uma análise teológico-pastoral, com pistas prospectivas para uma possível e necessária conversão pastoral às juventudes.

Palavras-chave: Igreja Católica. Juventudes. Evangelização. Conversão Pastoral. Teologia Pastoral.

A instituição do ministério do catequista e sua contribuição para a afirmação do protagonismo leigo

Bruno de Lucena Araújo
Nicácio Lima Oliveira
brunoaraujo4848@gmail.com
Graduandos, PUC Minas, bolsista FAPEMIG

Resumo: O projeto tem como objetivo a pesquisa da contribuição que a instituição do ministério do catequista pelo Motu Próprio *Antiquum Ministerium*, do Papa Francisco, traz para a afirmação do protagonismo leigo na evangelização. A partir disso, buscar-se-á uma análise do papel do ministério instituído para o catequista, verificando em que medida se trata de um passo importante no caminho de afirmação do protagonismo dos leigos no processo evangelizador. Assim, a metodologia a ser utilizada tratará do estudo, da análise e da síntese de material bibliográfico acerca do tema, especialmente do já citado Motu Próprio. Será importante o aprofundamento na questão da abertura que o Concílio Vaticano II realizou na Igreja em seus diversos âmbitos, especialmente no que se refere aos ministérios laicais. Desse modo, o exame dos documentos do Magistério da Igreja também auxiliará nessa busca, tendo em vista que o serviço evangelizador é, verdadeiramente, uma vocação. Por fim, será abordada a importância que a instituição do ministério do catequista apresenta nas propostas do Papa Francisco para a nova evangelização, a partir da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.

Palavras-chave: Concílio Vaticano II. *Antiquum Ministerium*. Ministério do catequista. Protagonismo leigo.

Origem e desenvolvimento do Dia Mundial das Comunicações Sociais: uma salutar trajetória

Tiago Cosmo da S. Dias
pe.tiagocosmo@gmail.com
Doutorando, PUC-SP

Resumo: O Dia Mundial das Comunicações Sociais é celebrado na Igreja Católica Apostólica Romana, em todo o mundo, sempre no domingo da Ascensão do Senhor. A celebração nasceu como fruto dos desdobramentos do Decreto *Inter Mirifica*, do Concílio Vaticano II, que pediu, dentre as muitas iniciativas, “um dia dedicado a ensinar aos fiéis seus deveres no que diz respeito aos meios de comunicação, a se orar pela causa e a recolher fundos para as iniciativas nesse setor, segundo as necessidades do mundo católico” (IM 18). A presente pesquisa procura observar o desenvolvimento da compreensão dos temas relacionados à comunicação nos pontificados que se seguiram ao Concílio, de Paulo VI a Francisco, salientando os principais aspectos que comprovam o quanto a Igreja abriu-se a este campo e aprendeu a tê-lo como um caminho *sine qua non* para o anúncio de Jesus Cristo. Em uma passagem breve pelas mensagens, constata-se o quanto o percurso da Igreja foi progressivo, passando aos poucos de uma compreensão de que existem os simples “meios de comunicação”, apenas como instrumentos, para um verdadeiro “mundo das comunicações” (RM 37c), até chegar a Bento XVI, que entrou na chamada era digital.

Palavras-Chave: Dia Mundial das Comunicações Sociais. Papas. Comunicação.

GT 2 – Pastorais sociais e de fronteira

A pluralidade dos discursos do pentecostalismo católico nas redes sociais e seu impacto na pastoral

João Claudio Rufino Rodrigues Silva
silvajc@pucsp.br

Resumo: A preocupação da Igreja com o pentecostalismo tem sido crescente nos últimos anos. Dentro desse espectro, a corrente de graça, Renovação Carismática Católica – designada assim pelo Papa Francisco – tem se mostrado como um desafio. De acordo Mariano (1999, pp.7-8), ao analisar o fenômeno religioso do pentecostalismo evangélico nas décadas de 60-70, afirmou que houve uma mudança radical em sua liturgia, transformando-o numa experiência religiosa multifacetada. Influenciada por esse contexto, nascia, nos EUA, a RCC cuja gênese já estava marcada pela pluralidade. Com o advento do sistema midiático-cultural, para utilizar a linguagem de Moreira (2013), o pentecostalismo católico teve acentuada sua fragmentação. A partir do referencial teórico elaborado por Alberto da Silva Moreira, Ricardo Mariano e Pino de Lucà Trombetta, ao tratarem do pentecostalismo globalizado, sua expansão, diversificação e transformação, a presente comunicação visa apresentar uma análise teológico-pastoral das mais diversas linhas, atuantes nas redes sociais, dos discursos do pentecostalismo católico atual e seus impactos no imaginário religioso, no Brasil.

Palavras-chave: Pentecostalismo católico. Redes Sociais. Pastoral.

A entre-pertença religiosa no metaverso

Marcos Rodrigues Simas
marcossimas@me.com

Resumo: O metaverso pode ser definido como uma nova plataforma que serve para criação de aplicativos e ferramentas de interação social em um ambiente de virtualidade real, já que simula o mundo real de uma forma alternativa, onde as pessoas podem experimentar acesso através de vários dispositivos e até ser representadas por seus avatares. A partir do rebranding do Facebook para Meta, diversas outras grandes marcas, inclusive no Brasil, começaram a investir nesta tecnologia, acreditando que esse será um fenômeno importante nos próximos anos. Inspirados no metaverso, recentemente a Coca-Cola lançou um novo sabor (Byte) com edição limitada, a USP e a FIA Business School criaram alguns cursos exclusivamente em realidade virtual, e representando a religião, acontece o primeiro culto da Lagoverso.com, da Igreja Batista da Lagoinha. Diante disso, nesta comunicação, procuraremos indagar como o pertencimento religioso dos participantes do metaverso poderá ser afetado, já que experimentam um sentimento diferenciado de pertença que não mais necessita de um lugar fixo, ou mesmo de uma pertença fixa. Para isso, utilizaremos o conceito de entre-pertença dos fiéis que alteram na modernidade atual suas práticas religiosas não mais se limitando ao exercício comunitário local em um ambiente físico, mas abrindo novas e inúmeras oportunidades no ambiente digital, em seus espaços intervalares e nas fronteiras, no híbrido, seja na mistura pensada e provocada ou não.

Palavras-chave: Entre-pertença. Metaverso. Religiosidade digital. Virtualidade real.

Saciar-se da água viva: um caminho de enfrentamento à pós-verdade no meio cristão

João Gilberto Torres Aranha
joaoaranha@gmail.com
Graduando, FTSA

Resumo: O apelo à emoção, sem equilíbrio com a razão, conduz à disseminação de notícias falsas, em todos os meios, inclusive o cristão. Diante disto, o trabalho objetiva, a partir de pesquisa bibliográfica, ligar o comparativo que o salmista apresenta no início do Salmo 1, daquele que segue a Deus como uma árvore à beira do rio, e a apresentação de Jesus como portador de água viva, no capítulo 7 do Evangelho segundo João. Por esta conexão, será apresentada uma proposta de caminho para que os cristãos brasileiros analisem as informações recebidas conforme ensina o Evangelho, e não sejam desviados a uma pós-verdade ou à mentira. O discernimento passa por duas atitudes necessárias: ouvir a verdade e ser a verdade. Conclui-se que quando se assumem as limitações, se abre um espaço de revolução, para que a água viva que Jesus ofereceu à mulher samaritana e nos oferece, conduza os que bebem dela, mediante reflexão, ao caminho de salvação, à vida que transforma vidas e à verdade libertadora.

Palavras-chave: Pós-verdade. Verdade. Cristianismo. Libertação.

Uma reflexão sobre o conceito de tradição e sua relação com o processo de transmissão da fé no pensamento de Yves Congar

Autor: Anderson Costa Pereira
pereira-anderson1@hotmail.com
Mestrando, PUC-SP

Resumo: A Tradição é considerada um dos pilares sobre os quais se assenta a fé da Igreja. Afirma-se categoricamente que a Igreja Católica é também a Igreja da Tradição, sendo a sua fiel guardiã. O Papa João Paulo II, na Constituição Apostólica Fidei depositum, para publicação do Catecismo da Igreja Católica, redigido após o Concílio Vaticano II (1962-1965), confirma esta importância da Tradição: “Guardar o Depósito da Fé é a missão que o Senhor confiou à Sua Igreja e que ela cumpre em todos os tempos”. Nesta comunicação, procura-se oferecer uma reflexão sobre o conceito de Tradição na compreensão do teólogo Yves Congar (1904-1995), a partir de sua obra Tradição e tradições: ensaio teológico. Parte-se do pressuposto de que a compreensão da Tradição é de capital importância para se dar o devido valor doutrinal, pastoral e espiritual ao processo de transmissão da fé na cultura digital. Ademais, ensina Congar que a Tradição não é um processo de transmissão intacto e rígido de um Depósito Sagrado (Fidei depositum), mas um processo vivo e dinâmico, como atualidade da Revelação inserida no tempo e no espaço. Deste modo, a Tradição permanece sempre viva na era digital.

Palavras-chave: Tradição. Transmissão. Yves Congar.

Teologia e ideologia: relação e incidências na vida da Igreja

Darlan Alcântara Sousa

darlan_alcantara@hotmail.com

Graduando, PUC Minas, bolsista FAPEMIG

Resumo: A sociedade pós-moderna, marcada profundamente pelo pluralismo e subjetivismo, tem sido protagonizadora de discussões acaloradas acerca de quase todos os temas que tocam a humanidade. As instituições e seus valores nunca estiveram tão em cheque quanto agora. Também a Igreja com sua doutrina e teologias tem sido questionada e confrontada. Entre os fiéis, não há uma postura uniforme sobre muitos temas e a polarização tem ganhado força em seu meio, inclusive no âmbito digital onde os discursos são carentes dos pressupostos teológicos mais elementares, o que possibilita a argumentação sem fundamentação. Nas discussões sobre as teologias ou sobre a vivência da fé, tornou-se clichê acusar o outro de conceitos mal compreendidos, como ideológico, liberal, conservador, marxista, comunista, direitista ou esquerdista. Percebe-se uma visão exclusivista em algumas linhas da teologia em detrimento da pluralidade, própria do campo teológico. O que gera, conseqüentemente, divisão no tecido eclesial e enfraquece a força do testemunho dos cristãos para o mundo. Face à falta de uma compreensão mais ampla acerca da reflexão teológica, da elaboração de teologias contextuais ou novas teologias e de suas conseqüências para a vida prática de toda Igreja, o presente trabalho objetiva apresentar uma compreensão mais profunda sobre a teologia como ciência humana e espera, por conseqüência, tornar-se instrumento de superação da divisão através da consciência de que é possível uma convivência frutuosa entre as diversas possibilidades de vivência da fé cristã no catolicismo.

Palavras-chave: Teologia. Ideologia. Reflexão. Práxis Pastoral. Comunicação.

A teoria do simbolismo religioso de Paul Tillich e a cultura da imagem na era digital

Carlos Alberto Motta Cunha

carlosamc04@gmail.com

Doutor, PUC Minas

Resumo: A contemporaneidade configura o mundo através de imagens digitais, em contraste com o mundo da modernidade estruturado como linguagem. O mundo imagético pós-moderno, digitalizado, impõe o “pensar em imagem”, que possibilita uma presença que não é apreendida conceitualmente, mas como um acontecimento. A representação da realidade por meio de imagens está na origem da vida humana e na era digital retorna com especificidades próprias exigindo que a teologia cristã seja capaz de ressignificar os seus símbolos de fé. Diante desse contexto, o objetivo da comunicação consiste em apresentar a teoria do simbolismo religioso de Paul Tillich como um caminho possível para contextualizar a mensagem cristã na era digital. Para Tillich só se pode falar de Deus numa linguagem simbólica, que preserve o caráter sagrado; um “Deus próximo e profundo” próximo do horizonte de significados do ser humano. A teoria tillichiana está alicerçada nas imagens bíblicas que se fundem numa unidade simbólica propiciando ao fiel sentido existencial, vivo e concreto.

Palavras-chave: Paul Tillich. Símbolismo religioso. Cultura imagética. Era digital.

GT 3 – Temas abertos

Francisco: um papa hipertextual

Gustavo Laureano Pinto
glaureanop@gmail.com
Graduando, PUC-SP, PIBIC-CEPE

Resumo: O Papa Francisco, em suas diversas viagens, aparições e escritos, apresenta sua enorme capacidade comunicativa. Utilizando-se da análise das redes realizada por Pierre Lévy, podemos classificar o papa, através de seu magistério, como hipertextual, ensinando não somente pelas palavras, mas pelas ações. Busca-se, nesta comunicação, analisar a atuação comunicacional do Papa, dando ênfase para sua visão das redes sociais, estabelecendo como os cristãos devem se portar no ambiente digital. Tal pesquisa, através da análise bibliográfica dos textos do pontífice e de Pierre Lévy, pretende verificar como as redes são um caminho necessário para concretizar a cultura do encontro, um dos principais conceitos no magistério de Francisco. Pode-se concluir que o Papa Francisco assume algumas categorias presentes na caracterização das redes, mesmo que não beba diretamente desta fonte. Ele considera as redes como um espaço privilegiado para as relações humanas, acentuando o aspecto relacional que o tecnológico, caminho necessário para que se supere os desafios atuais do ambiente digital.

Palavras-chave: Papa Francisco. Cultura do encontro. Pierre Lévy. Hipertexto. Ambiente Digital.

A transmissão da fé na sociedade do espetáculo

Raquel Pacheco Mourão
aquelmouraocont@gmail.com
Graduanda, PUC Minas

Resumo: A arte e a estética sempre estiveram presentes na vida do ser humano, perpassando a sua existência em vários âmbitos. Praticamente todas as atividades humanas comportam dimensões estéticas e na religião não é diferente, sobretudo porque a força da experiência religiosa se traduz esteticamente. No cristianismo, uma das evidências da espetacularização da religião está na maioria dos programas televisivos evangélicos e nas mídias sociais de diferentes denominações, principalmente aquelas que realizam a transmissão dos cultos, geralmente apoiados nos efeitos especiais, com textos de fácil assimilação pelas multidões e apelos emocionais. A comunicação cristã utilizando-se das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) assumiu novos contornos, por exemplo, a Igreja Batista da Lagoinha inaugurou um templo no Metaverso chamado de “Lagoverso”, trata-se de um templo virtual que além de oferecer a experiência do culto aos indivíduos que são representados por avatares, possibilita também a interação com jogos, área de recreação infantil, palestras e shows. O presente artigo busca refletir sobre a transmissão da fé na sociedade do espetáculo considerando as novas linguagens e as transformações sociais, analisando o fenômeno da estetização do Cristianismo evangélico e propondo caminhos éticos para a utilização das TICs a partir dos teóricos Guy Debord, Gilles Lipovetsky, Zygmunt Bauman, Brenda Carranza, Bernard Charlot e J. J. Von Allmen.

Palavras-chave: Sociedade do Espetáculo. Estetização da religião. Transmissão da fé.

Múltiplas juventudes, múltiplas propostas pastorais

Valéria Andrade Leal
vandradeleal@yahoo.com.br
Doutoranda, PUC-Rio

Resumo: A pluralidade é marca visível da sociedade atual. Aspectos da globalização e da era digital fazem crescer a diversidade diminuindo as distâncias entre diversas culturas juvenis. A presente pesquisa, como parte de investigação acerca da evangelização juvenil no Brasil e o querigma, buscou caracterizar a diversidade de propostas pastorais para as diferentes juventudes de forma a anunciar-lhes o Cristo vivo a partir de suas próprias experiências de vida e de comunidade eclesial. O ponto de partida é a análise das propostas pastorais das chamadas “expressões juvenis”, assim denominadas pelos documentos da Comissão Episcopal Pastoral para Juventude – CNBB. Para tanto, procedeu-se com a análise documental e crítica dos textos oficiais da conferência episcopal brasileira e fragmentos de documentos próprios das expressões juvenis e suas manifestações nas redes sociais em canais oficiais de diferentes grupos. Observou-se que cada expressão juvenil é fruto de uma experiência local, particular e/ou comunitária e que apresenta desafios pastorais próprios entre os quais destaca-se a unidade e sentido de pertença à comunidade eclesial como um todo.

Palavras-chave: Juventudes. Expressões juvenis. Evangelização juvenil.

A ecologia integral ante os obstáculos impostos pelo modo dominante de governança corporativa

Antonio Dias Pereira Filho
antonioidiasperfil@gmail.com

Resumo: Este trabalho parte do conceito de ecologia integral, apresentado pelo Papa Francisco na encíclica *Laudato Si'* (LS), com o objetivo de refletir acerca dos principais obstáculos impostos pelo modo de governança corporativa dominante no mundo dos negócios à sua verdadeira implementação. A fim de lograr tal intento, o trabalho realiza uma revisão de literatura por meio do emprego das pesquisas bibliográfica e documental, recorrendo, sobretudo, a estudos em ciências administrativas e teologia, assim como a documentos do Magistério da Igreja Católica. A análise da literatura permite evidenciar que o modelo de empresa da teoria da agência, o modo de governança corporativa orientado aos acionistas e o modelo contábil das normas internacionais de relatórios financeiros representam os principais empecilhos a uma efetiva implementação dos ideais preconizados pela LS mediante o conceito de ecologia integral. Não obstante alguns avanços alcançados, notadamente graças ao ativismo de stakeholders, subsiste no ambiente empresarial uma lógica essencialmente financeira e, por conseguinte, a busca pela maximização da riqueza de proprietários ou acionistas, geralmente em detrimento de interesses inerentes aos capitais ambiental e social, de modo particular. O trabalho se insere no campo da ecoteologia e oferece contribuições para alimentar os debates em vista da concepção de um modo de governança corporativa que acolha os princípios da ecologia integral e promova o desenvolvimento sustentável.

Palavras-chave: *Laudato Si'*. Ecologia Integral. Governança corporativa. Teoria da Agência. Acionistas.

Discípulo sem sorriso e sorriso sem discípulo: a formação dos discípulos missionários e o sentido de vida comunitária na era digital

Sergio Esteban González Martínez

sergioestebangonza@gmail.com

Especialista, Centro Universitário Salesiano de São Paulo

Resumo: Os desafios contemporâneos impõem-se na vida social comunitária, os sujeitos encontram-se interpelados pelas diversas realidades que pedem respostas. A fraternidade, o diálogo, a concepção de casa comum e a amizade social são afetados pela realidade fragmentária, parcial, episódica, individualista e superficial do sistema econômico que visa formar pessoas e comunidades vulneráveis para manipulação. Dentro desse contexto, a Igreja está chamada a formar discípulos missionários com identidade e missão comprometida no mundo, capaz de criar espaços de união e participação. Dessarte, por meio de estudos bibliográficos, este trabalho pretende refletir como a era digital influencia na formação e autorrealização dos discípulos missionários na concepção comunitária. O Papa Francisco, com seus diversos escritos, abrirá luzes de reflexão, em harmonia com o Documento de Aparecida, que criará esperança na formação dos discípulos missionários. A afirmação que iluminará e dará sentido a esta pesquisa orientada na dimensão existencial da vida cristã é: discípulo sem sorriso e sorriso sem discípulo.

Palavras-chave: Discípulo. Missão. Comunidade. Formação. Era digital.

O futuro da Igreja: consciência inquieta e o sujeito contemporâneo

René Dentz

dentz@hotmail.com

Doutor, PUC Minas

Resumo: Danièle Hervieu, importante socióloga da religião, recentemente publicou uma obra (*Vers l'implosion? Seuil, 2022*) que evidencia os caminhos do catolicismo na contemporaneidade. Permeada por valores narcisistas e individualistas, as sociedades contemporâneas parecem buscar fundamentos “dinâmicos e práticos”, ou poderíamos entender também como pragmáticos e perversos. Dentro desse paradigma, existe o risco de a espiritualidade exercer uma função narcisista. Desde a Conferência de Aparecida, há uma indicação da necessidade da Igreja se conectar com temas antropológicos contemporâneos, sobretudo no que tange à subjetividade e suas demandas. A pandemia, ao contrário, intensificou tendências narcisistas. Mergulhada na cultura do ressentimento, a nossa subjetividade se mostrou demasiadamente individualista, não permitindo abertura ao outro, com o qual constantemente rivaliza. Ou seja, não é possível pedir ajuda, fazer um apelo. É uma atitude não muito aplaudida, pois releva uma “fraqueza”, uma dimensão vulnerável. A subjetividade contemporânea não consegue transformar dor em sofrimento, pois há pouca possibilidade de diálogo e interlocução. Dessa maneira, o sujeito é jogado em um abismo, não encontra sentido. Seu corpo, então, se apega a sentidos imediatos, espaciais, fora das temporalidades que nos permitem vivenciar alteridades e nossa própria humanidade. Qual a saída? Seria o alargamento da experiência de uma “Igreja como resistência”, presenciada nos tempos de Francisco. *Laudato Si* e *Fratelli Tutti* são documentos que indicam e aprofundam esse caminho. Hervieu chama esse movimento de uma “Igreja como consciência inquieta” (HERVIEU, p. 52). Questões emergentes são as mais fundamentais ao debate teológico-pastoral dos próximos anos, como a urgência ecológica. Dessa maneira, a Igreja se coloca em escuta atenta e constante aos anseios

do ser humano contemporâneo, que está à beira do abismo ou do colapso. Uma consciência inquieta busca interfaces hermenêuticas, conexões fundantes.

Palavras-chave: Inquietude. Narcisismo. Subjetividade.

Jesus, o taumaturgo: Um relato exemplar em Mc 5, 21-43

Marcos Vinicius Santana dos Santos
marcos201110@hotmail.com
Graduando, PUC Minas

Junior Vasconcelos do Amaral
jvsamaral@yahoo.com.br
Doutor, PUC Minas

Resumo: Em Marcos, o caminho pastoral de Jesus se constitui a partir das curas e taumaturgias, bem como ensinamentos dirigidos às multidões. O Jesus primitivo do evangelho marcano inaugura sua mensagem como boa nova do reino de Deus, por palavras e atos. O ensino de Jesus se torna uma práxis libertadora. Na narrativa de Mc 5, 21-43, encontram-se dois relatos em um só, a chamada inserção literária, ou “sanduíche” narrativo, unindo o milagre da filha de Jairo à cura da mulher hemorroíssa. Esta é cura ao tocar na extremidade da veste do Filho de Deus, enquanto a menina o receberá em sua casa. O relato é compósito de características diferentes: Jairo demanda que Jesus vá a sua casa, a mulher apenas toca a veste de Jesus. O elemento da fé, altamente contraposta e justaposta sobressai. O objetivo desta comunicação consiste em analisar a circunstância do milagre e seus detalhes para os leitores e ouvintes de Marcos hoje. A metodologia consistirá em ler e interpretar o texto de Marcos sobre o ponto de vista do método sincrônico de análise narrativa. Conclui-se que o relato visa a evidenciar a exousia (poder-autorizado) de Jesus, explicando quem ele é, o Filho de Deus, para as comunidades primitivas que ouviam o querigma: a mensagem sobre a Vida, Paixão e Ressurreição de Jesus.

Palavras-chave: Evangelho de Marcos. Cura. Anúncio.

TEXTOS COMPLETOS POR GRUPOS TEMÁTICOS (GTS)

GT 1 – Pastorais de anúncio e formação

A celebração eucarística no metaverso: contraponto entre possibilidade e necessidade - uma análise crítico-pastoral

*Marlone Pedrosa**

RESUMO

A era digital é marcada pelo movimento e inovação. Impulsionada pelas constantes evoluções e aperfeiçoamentos tecnológicos, a internet, através de seus programas e aplicativos, constantemente nos proporciona meios diversos e dinâmicos de interação e comunicação. Usar essas novidades tornou-se um imperativo em muitos meios. Inclusive, na Igreja, vários agentes de pastoral se veem “obrigados” a usar tais recursos em nome de uma suposta “atualização” de suas práticas pastorais. Há uma corrida frenética para ser o pioneiro no uso de novas ferramentas para transmitir conteúdos e ganhar “seguidores” nas redes sociais. O problema se apresenta no fato de que geralmente isso é feito sem uma análise crítica da real necessidade em se realizar tal intento. Em julho deste ano, foi noticiado a transmissão da primeira missa no metaverso, transmitida por um canal brasileiro de TV católico e sua plataforma digital. Parece que algumas questões ficam de fora nessas iniciativas, tais como: o significado litúrgico da celebração eucarística para a vida comunitária e a Igreja, nosso relacionamento com Deus e com os irmãos... A partir da constatação dessa pressa, por parte de agentes pastorais, em aderir às inovações tecnológicas na celebração eucarística, essa comunicação pretende fazer uma análise crítica de cunho pastoral das implicações que tal atitude traz.

Palavras-chave: Metaverso. Celebração eucarística. Pastoral. Era digital.

INTRODUÇÃO

O século XXI tem como uma de suas características marcantes a influência da internet no cotidiano da humanidade. A era digital, marcada por avanços constantes, vem mudando mundialmente a dinâmica cultural e relacional com uma gama de possibilidades. Empresas e instituições fazem um grande esforço de atualização no uso da rede de computadores, pois veem neste ambiente uma forma de modernizar suas atividades e atingir um público maior e mais variado. No campo das novidades prometidas nesta área, o metaverso é a mais candente. Anunciado como o futuro da internet, ele tem interessado muitos segmentos da sociedade. Dentre esses segmentos está a Igreja. Em julho deste ano foi celebrada a primeira missa no

* Mestrando em Teologia pela FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia), bolsista CAPES. E-mail: marlonepedrosa@yahoo.com.br

metaverso, transmitida por um canal de TV católico. Este trabalho objetiva analisar esses avanços tecnológicos trazidos pelo metaverso e sua relação com a transmissão da celebração eucarística, trazendo uma análise crítica pastoral sobre a necessidade de uso desse recurso para tal fim. Faremos uma breve explanação do metaverso, colocando em seguida a questão da missa neste ambiente. Logo após, traremos argumentos sobre o caráter social e comunitário da celebração eucarística e a importância da presencialidade objetiva para a questão sacramental na visão atual da liturgia da Igreja.

1 AVANÇO TECNOLÓGICO E METAVERSO

Desde que a primeira conexão entre computadores ocorre na história, em 1969, o mundo testemunha um grande avanço técnico dos equipamentos e popularização mundial da internet, introduzindo a humanidade na era digital.

Concomitantemente a este avanço tecnológico, e diretamente influenciada por ele, observa-se igualmente uma evolução cultural e social. A internet tornou-se onipresente no cotidiano, exercendo uma forma de soberania junto aos cidadãos, determinando ou influenciando seu comportamento. É inegável a atração exercida pelo virtual na sociedade em geral.

Através de programas e aplicativos constantemente atualizados e renovados, a internet proporciona, não somente ao cidadão comum, mas também às empresas e instituições, um excelente campo para promover uma maior visibilidade social e uma comunicação dinâmica e criativa junto a seus pares.

Em vários meios sociais o uso dessas novidades tornou-se um imperativo e estar conectado e atualizado é uma forma de afirmar a existência pessoal ou institucional.

A dinamicidade, o movimento e a inovação caracterizam bem o ambiente digital. Constantemente surgem novas plataformas, programas, redes sociais, aplicativos que pressionam e promovem uma incessante busca de atualização por parte dos usuários conectados.

Neste campo de inovações digitais, a palavra do momento é metaverso. Este termo foi cunhado, em 1992, pelo escritor estadunidense de ficção científica Neal Stephenson, no seu livro intitulado "*Snow Crash*". Nesta obra, o autor cria um mundo onde os humanos, representados por avatares, interagem em ambiente virtual. E, "ao contrário do que o senso comum diz,

a Ficção Científica não prevê futuros, ela extrapola o presente nos dando pistas para a construção de desenhos de futuro e é nisso que reside sua força” (AMARAL, 2021).

No mundo real, as expectativas em torno do metaverso foram acirradas por um pronunciamento feito pelo criador do Facebook, Mark Zuckerberg, em uma conferência virtual da companhia (que também inclui o Instagram, o Messenger, o WhatsApp e dezenas de outras empresas), em 28 de outubro do ano passado. Na ocasião ele anuncia a mudança do nome da empresa para Meta e o plano de um investimento milionário no desenvolvimento do metaverso (LAVADO, 2021), previsto para estar implantado após o ano 2030. Este universo virtual, possui três características fundamentais: é imersivo, colaborativo e interativo (ZANATTA, 2021).

Segundo Zuckerberg, o metaverso abre uma série de possibilidades interacionais no campo do trabalho, compras, relacionamentos, viagens, dentre inúmeras outras, permitindo às pessoas, por exemplo, se teletransportarem para os lugares onde precisam estar, como clubes, empresas, museus, igrejas, locais turísticos sem a necessidade de deslocamento físico. Essa imersão virtual seria viabilizada pelo uso de equipamentos especiais, tais como: óculos, capacetes, luvas, fones de ouvidos conectados etc. Dessa maneira, ao invés de simplesmente ver um conteúdo por uma tela, com o metaverso será possível estar dentro dele, aumentando a probabilidade da captura da atenção e dos sentidos do usuário. Nele o virtual e o real estarão cada vez mais conectados. Esse universo digital promete transformar as experiências *online*. “Estamos no início do próximo capítulo da internet”, escreveu Zuckerberg em uma carta online (MCDERMOTT, 2021). Assim, em termos de promessas para um futuro próximo, o metaverso aparece como a mais proeminente, sendo considerado a próxima fronteira da internet. Porém, ele ainda não existe em seu conceito amplo de possibilidades imersivas no mundo virtual. No entanto, vem sendo vendido por empresas. “O que mais se assemelha a ele atualmente são os videogames online, plataformas que há muitos anos experimentam com sucesso a construção de mundos virtuais” (TANII, 2022). O que se chama de metaverso atualmente são experiências tridimensionais bem aquém do projeto original anunciado por Zuckerberg, mas que estão se multiplicando no meio digital.

2 A CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA NO METAVERSO

2.1 A questão colocada

A Igreja, inserida na sociedade, não pode ficar alheia às possibilidades comunicacionais presentes no ambiente digital. Temos visto, historicamente, o esforço institucional feito no intuito de uma atualização em relação à evolução dos instrumentos de comunicação.

Observa-se vários agentes de pastoral embrenhando verdadeiras empreitadas em prol do uso de inovadores recursos digitais em nome de uma suposta “atualização” de suas práticas de evangelização. Estabelece-se disputas entre grupos intereclesiais em favor de um suposto pioneirismo no uso de novas ferramentas para transmitir conteúdos e ganhar “seguidores e likes” nas redes sociais. “Parece haver uma certa afobação e deslumbramento diante das possibilidades oferecidas por algumas experiências digitais” (SBARDELOTTO, 2022). O problema se apresenta no fato de que geralmente isso é feito sem uma análise crítica da real necessidade em se realizar tal intento.

Em julho deste ano, foi noticiado a transmissão da primeira missa no metaverso por um canal brasileiro de TV católico e sua plataforma digital. Parece que algumas questões ficam de fora nessas iniciativas, tais como: o significado litúrgico da celebração eucarística para a vida comunitária e a Igreja, o que se entende por participação ativa dos fiéis, nosso relacionamento com Deus e com os irmãos... Observa-se, no entanto, que “a falta de limites é uma marca tanto das redes digitais quanto das subjetividades contemporâneas, com elas compatíveis” (SIBILIA, 2021).

Sem questionar a validade de tal celebração, ou a experiência feita pelos que dela participaram, a questão candente é: qual a necessidade pastoral em se celebrar uma missa no metaverso? Papa Bento XVI afirma que “o desenvolvimento tecnológico pode induzir à ideia de autossuficiências da própria técnica, quando o homem, interrogando-se apenas sobre o como, deixa de considerar os muitos porquês pelos quais é impelido a agir” (BENTO XVI, 2009).

2.2 A Celebração Eucarística e seu caráter social

No contexto pandêmico, o incentivo, por parte da própria Igreja, da participação dos fiéis nas celebrações eucarísticas, deveu-se a uma urgência e necessidade pastoral pontuais. Para cumprir as determinações de isolamento social impostas pelas autoridades e resguardar a saúde dos ministros e fiéis, essa foi a forma encontrada a fim de garantir, ainda que remotamente, uma participação do povo nas celebrações da comunidade eclesial.

Porém, em se tratando da celebração eucarística, a participação online se reveste de um caráter extraordinário, uma vez que trata-se de um sacramento e, ordinariamente, a comunidade se reúne presencialmente para tal celebração. Desde o início do cristianismo o valor desse encontro celebrativo é ressaltado: “Eles eram perseverantes ao ensinamento dos Apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações. (...) Dia após dia, unânimes, mostravam-se

assíduos no templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração” (At 2,42.46). A *Sacrosanctum concilium* (SC), constituição do Concílio Vaticano II sobre a sagrada liturgia, afirma que a missa tem uma natureza pública e social (SC 27), e recomenda aos fiéis, para uma participação mais perfeita da missa, a comunhão do Corpo do Senhor (SC 55). Também o Catecismo da Igreja Católica (CIC) ressalta a participação na missa como reflexo da identidade do fiel ao afirmar que “a participação na celebração comunitária da Eucaristia dominical é um testemunho de pertença e de fidelidade a Cristo e à sua Igreja. Assim, os fiéis atestam sua comunhão na fé e na caridade” (CIC 2182).

Papa Francisco tem se manifestado em escritos e discursos sobre a importância da presença física na participação da missa. No prefácio do livro “A Igreja no mundo digital”, de Fabio Bolzetta, lançado este ano, o papa pondera:

O encontro virtual não substitui e jamais poderá substituir aquele em presença. Estarmos fisicamente presentes ao partir o pão eucarístico e o pão da caridade, o olhar nos olhos um do outro, o abraçar-se, o estar um ao lado do outro ao servir Jesus nos pobres, apertando a mão dos doentes, são experiências que pertencem à nossa experiência diária e nenhuma tecnologia ou rede social jamais poderá substituí-las. (COLLET, 2022)

CONCLUSÃO

Conforme o anúncio de Zuckerberg, o metaverso é um ambicioso projeto digital em construção. Independentemente de sua concretização ou não, oferece preciosa oportunidade aos católicos de considerar como pensar o mundo que existe e o que está por vir, partindo da consciência de que o mundo físico é precioso e significativo (MCDERMOTT, 2021). Não se trata de abandonar e nem demonizar as conquistas e possibilidades trazidas pelas ferramentas digitais no processo de formação e evangelização do cristão. Muitos avanços ocorreram neste campo, devendo ser reconhecidos, valorizados e incentivados pela Igreja.

A celebração eucarística, porém, tem caráter sacramental, e como tal exige sinais sensíveis e materiais para sua realização, que passam pelos sentidos corporais objetivos. Sua vivência inclui um comer e um beber que tocam objetivamente nosso paladar. A liturgia a concebe num mesmo tempo cronológico e espaço geográfico. Dessa forma, a vivência da eucaristia no metaverso permanecerá impossibilitada, como atualmente já acontece em relação ao rádio, à televisão e à internet (SBARDELOTTO, 2021). Pertinente a observação feita por Moisés Sbardelotto:

Portanto, essas serão limitações para a vivência dos sacramentos, segundo a teologia tradicional. Exceto que a reflexão teológica avance a ponto de reconhecer como válidas sacramentalmente tais experiências comunicativas e sensoriais ressignificadas digitalmente, assim como o “aqui e agora” que as categorias socioculturais da sociedade do século XXI vêm desenvolvendo hoje, graças aos desenvolvimentos tecnológicos recentes. Basta lembrar que a própria celebração da missa mudou (e muito) ao longo da história. Embora certos grupos defendam a chamada “missa de sempre”, a celebração da eucaristia passou por diversas transições e transformações históricas. Portanto, a “missa de hoje” também pode mudar para corresponder às experiências culturais contemporâneas e futuras. Como Francisco afirma na *Evangelii gaudium* (n. 33), é preciso abandonar o cômodo critério pastoral que afirma: “Sempre se fez assim”. Talvez o metaverso demandará que se supere esse critério também no âmbito litúrgico. Só o tempo (futuro) dirá (SBARDELOTTO, 2021).

Papa Francisco lembra que, embora o virtual não substitua a beleza dos encontros realizados pessoalmente, “o mundo digital é habitado e deve ser habitado por cristãos” (COLLET, 2022). Não se pode ignorá-lo, pois os fiéis estão nele de forma ativa.

Porém, com relação à celebração eucarística no metaverso, antes de incentivo de sua realização, é preciso uma análise crítica por parte dos agentes envolvidos, usando critérios de discernimento bíblico, litúrgico, eclesial e pastoral. Não basta observar somente o critério da praticidade, mas o “porquê” das iniciativas neste campo. Quando se toma consciência da enorme gama de possibilidades proporcionadas pela internet é prudente a observância do ensinamento paulino (1Cor 6,12): “Tudo me é permitido, mas nem tudo me convém”.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana. *Metaverso e os devires de cultura em Matrix*. Entrevista concedida a Ricardo Machado. 3 fev. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/614061-metaverso-e-os-devires-de-cultura-em-matrix-entrevista-especial-adriana-amaral>. Acesso em: 25 set. 2022.

BENTO XVI, Papa. *Carta Encíclica Caritas In Veritate*. 29 jun. 2009. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html. Acesso em: 25 ago. 2022.

BÍBLIA de Jerusalém. 4 ed. São Paulo: Paulus, 2006.

CATECISMO da Igreja Católica. Edição típica vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

COLLET, Andressa. *Papa: mundo digital deve ser habitado por cristãos com formação adequada*. 20 jun. 2022. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2022-06/papa-francisco-prefacio-livro-igreja-digital-fabio-bolzetta.html>. Acesso em: 26 set. 2022.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Sacrosanctum Concilium. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 29ª ed. Coordenação de Frei Frederico Vier. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 257-306.

DIAS, Letícia. *Santuário da Vida transmite Missa no Metaverso*. 26 jul. 2022. Disponível em: <https://www.a12.com/redacaoa12/noticias/santuاريو-da-vida-transmite-missa-no-metaverso>. Acesso em: 20 ago. 2022.

LAVADO, Thiago. *Com mudança de nome, Facebook aposta tudo no Metaverso*. 28 out. 2021. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/meta-facebook-aposta-tudo-metaverso/>. Acesso em: 4 ago. 2022.

MCDERMOTT, Jim. *“Desculpe, Mark Zuckerberg: nós, católicos, queremos o mundo real, não o metaverso”*. 03 nov. 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/614157-desculpe-mark-zuckerberg-nos-catolicos-queremos-o-mundo-real-nao-o-metaverso>. Acesso em: 20 set. 2022.

PAREDES, Arthur. *Conheça a história da Internet desde sua primeira conexão até hoje*. 30 abr. 2019. Disponível em: <https://www.iebschool.com/pt-br/blog/software-de-gestao/conheca-a-historia-da-internet-desde-sua-primeira-conexao-ate-#:~:text=A%20verdadeira%20origem%20da%20Internet,da%20Stanford%20e%20da%20UCLA>. Acesso em: 2 set. 2022.

SBARDELOTTO, Moisés. *Metaverso. Novas possibilidades e desafios para a Igreja*. Entrevista concedida a Ricardo Machado. 22 out. 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/613851-a-igreja-no-metaverso-possibilidades-e-desafios-de-novas-experiencias-da-fe-entrevista-especial-com-mois-esbardelotto>. Acesso em: 25 set. 2022.

SBARDELOTTO, Moisés. *Missa no metaverso: qual a necessidade pastoral?*. 30 jul. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/620774-missa-no-metaverso-qual-a-necessidade-pastoral>. Acesso em: 4 ago. 2022.

SIBILIA, Paula. *Metaverso: entre planos e incertezas, o risco de uma “bolha sem fora”*. Entrevista concedida a Ricardo Machado. 05 nov. 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/614221-metaverso-entre-planos-e-incertezas-o-risco-de-uma-bolha-sem-fora-entrevista-especial-com-paula-sibilia>. Acesso em: 20 set. 2022.

TANII, Valentina. *O metaverso não existe*. 25 ago. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/621538-o-metaverso-nao-existe>. Acesso em: 20 set. 2022.

ZAGANO, Phyllis. *Realidade virtual e o vindouro metaverso católico*. 04 ago. 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/611726-realidade-virtual-e-o-vindouro-metaverso-catolico>. Acesso em: 26 set. 2022.

ZANATTA, Rafael. *Metaverso: entre a possibilidade de uma existência estendida e a escravidão algorítmica*. Entrevista concedida a Ricardo Machado. 20 out. 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/613797-metaverso-entre-a-possibilidade-de-uma-existencia-estendida-e-a-escravidao-algoritmica-entrevista-especial-com-rafael-zanatta>. Acesso em: 25 set. 2022.

Igreja Católica e a cultura digital como espaço de evangelização

Renê Augusto Vilela da Silva*

RESUMO

O artigo aborda a influência da cultura digital na evangelização da Igreja Católica. Trata-se de uma reflexão bibliográfica que visa explicar sobre parte das mudanças culturais que surgiram nos últimos anos e que acarretam mudanças no comportamento religioso. As popularizações da internet, das redes sociais, dos meios digitais de comunicação são um fenômeno que abarca a religiosidade, a transmissão de sua mensagem de conversão e de profissão de fé. Entende-se que as novas maneiras de comunicação, linguagens, tecnologias e interatividade atingem a relação do humano com Deus e as percepções sobre o sagrado. Avaliamos essa dimensão de evangelização e cultura digital a partir do Concílio Vaticano II que propõe um diálogo com a sociedade e com o avanço de outras ciências. A partir do *Inter Mirifica* a Igreja abriu-se para imergir na comunicação social (e em consequência digital). A cibercultura se apresenta como um meio de evangelização e que deve contar com um aprofundamento por parte da Igreja. Existem canais e redes que são frutos de estudos e seguem a doutrina da fé, porém surgem inúmeros influenciadores digitais, palestrantes entre outros que merecem e carecem de atenção para que não ocorram discrepâncias no anúncio da mensagem da Boa-Nova. O artigo visa refletir sobre a comunicação religiosa e a cultura interativa que respeita a ética e os princípios católicos.

Palavras-chave: Igreja Católica. Cultura digital. Evangelização.

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa apresentar o espaço digital como um campo de evangelização. A Igreja Católica deve usar desse mecanismo para evangelização e divulgação da doutrina. Sabe-se que a comunicação faz parte da humanidade e a cultura digital é um instrumental para que a esfera religiosa, que utilizando desses meios busca a promoção da dignidade da vida humana em seus diversos sentidos. E ainda mais como nos diz papa Francisco por ocasião do 56º dia das Comunicações sociais (2022): “A partir das páginas bíblicas aprendemos que a escuta não significa apenas uma percepção acústica, mas está essencialmente ligada à relação dialogal entre Deus e a humanidade”.

Tratando de comunicação digital e evangelização, apresentamos alguns apontamentos desse diálogo no âmbito religioso. O documento *Ética na Publicidade – EP* (2002) menciona da responsabilidade dos meios de comunicação, isto é, o cumprimento real da missão dos que trabalham com a comunicação no ato de promover um “processo autêntico e integral das

* Mestre pela PUC-SP (FUNDASP)

pessoas e do servir o bem da sociedade” (*EP*, n.1). Ao olhar para a Igreja e sua missão sabemos que a vivência dos sacramentos comunica a transcendência, são comunicação e participação que geram uma transformação da pessoa e da realidade. “Não é possível pensar um encontro com Deus que não envolva uma transformação do sujeito que se encontra, influenciando e pautando o comportamento das pessoas” (Cf. BRUSTOLIN, 2018, p. 334).

1 COMUNICAÇÃO DIGITAL: PROMOÇÃO DA DIGNIDADE HUMANA

A Igreja Católica neste sentido trata e busca incentivar uma ética nos meios de comunicação que vise o bem comum, pois como sabemos os meios de comunicação possuem uma ampla importância e, vinculada a mídia é “uma poderosa força de persuasão que modela as atitudes e os comportamentos no mundo contemporâneo” (*EP*, n.1). Sabe-se que o fenômeno no ambiente católico oferece inúmeros serviços religiosos online que possibilitam a vivência de uma prática religiosa e para a manifestação da devoção e discursos religiosos. Discursos esses que são realizados fora do templo físico e por pessoas instituídas sacramentalmente. Surgem assim inúmeros ritos online que sugerem uma relação com o sagrado de forma digital. Abre-se um processo de midiaticização da vida de fé diante de novas formas de manifestá-la e de realizar as práticas religiosas (Cf. SBARDELOTTO, 2012, p. 76-78).

“A comunicação é um elemento a ser utilizado de forma estratégica e competente nas ações pastorais, não apenas como processo informativo, mas como um elemento de evangelização ou mesmo nova evangelização da Igreja” (VILELA, 202, p.61). E compreendendo que o acesso a informação produz conhecimento, cabe também a Igreja contribuir e realizar uma evangelização que utilize os meios modernos de comunicação. Essa intercomunicação entre os saberes corresponde ao apelo feito na V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (2007) na qual mostra que é preciso valorizar os espaços de diálogo entre fé e ciência que equivale a uma profícua conversa entre Igreja e o mundo contemporâneo (*DAP*, n. 495).

Conforme Puntel (2008) a Igreja pode utilizar dos meios modernos de comunicação para evangelizar no mundo contemporâneo, mas é preciso compreender a evolução do processo de comunicação, suas transformações e seus conceitos, na qual há uma interconexão entre mídia e cultura. Partindo das perspectivas da cultura midiática vemos as influências no mundo social e da mesma forma o mundo influenciando os meios de comunicação e conseqüentemente a Igreja e seus fiéis.

Papa Francisco nos diz na ocasião do 56º dia das Comunicações sociais (2022):

Assim temos, por um lado, Deus que sempre Se revela comunicando-Se livremente, e, por outro, o homem, a quem é pedido para sintonizar-se, colocar-se à escuta. O Senhor chama explicitamente o homem a uma aliança de amor, para que possa tornar-se plenamente aquilo que é: imagem e semelhança de Deus na sua capacidade de ouvir, acolher, dar espaço ao outro. No fundo, a escuta é uma dimensão do amor.

2 COMUNICAÇÃO COMO INSTRUMENTAL DE EVANGELIZAÇÃO

Para contribuir em nossa reflexão há de mencionar que a comunicação digital é um campo vasto, porém é preciso que a Igreja Católica se posicione na busca e o anúncio da veracidade. Trata-se de olhar para os personagens ou evangelizadores digitais e formá-los e até mesmo intervir em determinadas situações que ferem ou contrariam ao magistério e principalmente a dignidade da pessoa humana e todo o trabalho que é feito em e com base na responsabilidade social.

Não cabe a Igreja ou seus seguimentos utilizar a imagem da Instituição ou da fé popular para um mercado de vendas ou mesmo defesa de coisas contrárias ao Evangelho. É necessária uma comunicação fundada na verdade que compreenda a liberdade de expressão, mas que busque e possibilite a vida e o anúncio do Evangelho (VILELA, 2021, p. 62).

Podemos acrescentar o documento *Igreja e Internet* (2006) que mostra que a Igreja frente aos meios de comunicação social consiste em encorajar o seu progresso correto e a sua justa utilização para o desenvolvimento, a justiça e a paz da humanidade à luz do bem comum e num espírito de solidariedade (n.3). A comunicação “ou [ajuda] as pessoas a compreender e a realizar melhor o bem e a verdade, ou transforma-se em forças destruidoras que se opõem ao bem-estar humano” (EP, 2002, n.14). A Igreja que se faz presente no mundo cibernético, utiliza desse meio para a sua evangelização, apresentando e construindo um sentido religioso. Os discursos geram perfis cristãos, mas também influenciam na dinâmica da propagação da fé. Acontece uma interação e mesmo uma busca por interesses pelo discurso e símbolo apresentado. A evangelização pode cair num complexo mercado, de oferta e procura, de mensagens ideológicas e de constrição de diálogos de interesse. Já que o fiel se conecta com o virtual e a interação é online e não física (Cf. SBARDELLOTTO, 2012, p. 81-83)

Algumas experiências de religiosidade via *internet*, até mesmo a Eucaristia apresenta um novo contexto e linguagem, pois o estilo e a mensagem criam novas formas de encararem a dinâmica comunitária e a maneira de viver a fé cristã. Não se trata apenas da presença física

e participação, mas envolve situações financeiras e até mesmo de conteúdo. (Cf. BRUSTOLIN, 2012, p. 326)

3 COMUNICAÇÃO E A REALIZAÇÃO DE UMA PROPOSTA RELIGIOSA

A comunicação tem por si uma missão sublime, a de gerar uma consciência da realidade e da história em conformidade com a criação primeira e com o projeto de salvação de Deus (DÍEZ, 1997, p. 439). A responsabilidade na comunicação é algo amplo, que contém dimensões importantes para realização de uma verdadeira sociedade, mas também com muitos problemas que limitam o progresso humano que muitas vezes permanece em visões falsas e em coisas que não trazem sentido para a existência humana. O decreto *Inter Mirifica* que nos diz que “O correto uso desses meios requer o conhecimento das normas éticas que os regulam e sua fiel observância prática” (n.4).

E para isso devemos considerar as circunstâncias, finalidades, ambiente e contexto social, econômico, cultural e religioso. Todos devem buscar ter consciência formada quanto o uso dos meios de comunicação, visto que se tornou algo indispensável no âmbito das relações humanas e social, e por todos terem direito exige-se que a comunicação “seja sempre verdadeira e íntegra, observadas as exigências da justiça e da caridade” (*IM*, n.5).

A comunicação midiática e as tecnologias precisam rever caminhos e elementos articuladores com a sociedade. Pois a evangelização não se trata apenas do uso da tecnologia, mas da cultura e da ética. É preciso formação e compreensão sobre a cultura e informações. Não se trata apenas da evangelização, mas de treinamento que possa conhecer e saber o que seja a comunicação e de como atuar com esse instrumental (Cf. PUNTEL, 2011, p. 236).

A Igreja assume o desafio de desenvolver uma comunicação adequada aos nossos tempos. Por exemplo, hoje já não se trata de *dirigir uma comunicação à sociedade*, segundo o modelo de transmissão, mas uma comunicação a partir e entre os mundos sociais, seguindo um modelo de participação, colaboração, intercâmbio e diálogo, como percebemos no processo da internet e especificamente das redes sociais (PUNTEL, 2011, p. 238).

O conceito de religião dentro de uma estrutura digital passa a sofrer nuances o que acarreta na mudança do comportamento religioso. A internet fez ampliar os discursos religiosos e a influência nas mídias e na formação em grande massa. Sabe-se que as mídias e os discursos estão cada vez mais difusos, principalmente após o distanciamento físico e social (oriundos da pandemia da COVID-19). As tecnologias e os locutores de mídias devem ser avaliados de forma

crítica, observando o campo em que executam a ação de evangelização (Cf. SOUZA; TUDOR; EVOLVI, 2021, p.3-4).

Devem-se compreender as palavras do papa Francisco por ocasião da 54^o dia das Comunicações sociais, que nos diz que não devemos seguir as lógicas do storytelling, nem de fazer ou fazer-se publicidade. A Igreja deve fazer memória daquilo que somos aos olhos de Deus (2020). Existe uma grande gama de testemunhas (influenciadores digitais cristãos) que expõem sua experiência com o sagrado. A experiência que se manifesta em diferentes perspectivas: artística, musical, danças entre outros. Essas experiências que geram conteúdos midiáticos e fazem com que outros possam converter a religiosidade e mesmo a igrejas. (Cf. BISPO, 2018, p. 256-258). Isso não se trata apenas de uma realidade evangélica pentecostal, mas também na vida da igreja católica.

O que a Igreja Católica afirma sobre isso? Ela está se manifestando sobre essa realidade ou ainda está omissa? Se há manifestação, é favorável ou desfavorável à presença das TICs em ambientes religiosos, dentro e fora de momentos ritualísticos fundamentais desta religião?

De simples realidade virtual e paralela à experiência real, muitos, principalmente jovens, encontram dificuldades em distinguir uma vida online e uma vida off-line. Não se trataria mais apenas de meio técnico que possibilita experiências específicas, mas da própria construção da experiência em si (AZEVEDO; FERREIRA, 2018, p.65)

E se nos apoiarmos no Documento de Aparecida vemos que somente com informação se resolve a falta de comunicação. E vendo que os meios de comunicação invadiram todos os ambientes, se faz importante o uso do mesmo na transmissão da fé, por isso além da transmissão por tradição é preciso saber lidar com as informações instantâneas (*DAP*, n. 38-39).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A comunicação deve compreender sua historicidade, bem como a nova cultura instalada, aprender a caminhar conforme os progressos, estando em conformidade com a ética para não perder-se, mas para promover a dignidade humana e o Reino de Deus” (VILELA, 2021, p. 64). E nessa perspectiva vemos que “As inovações causam impacto sobre a forma de ser cristão no mundo. Alteram também as possibilidades de relação com o mistério, pois a Palavra de Deus pode ser acolhida pelo rádio, pela televisão ou pela internet” (BRUSTOLIN, 2012, p.323).

As estratégias midiáticas são fundamentais na divulgação da mensagem religiosa para que mantenha contato com os fiéis. Devem-se obter estratégias que possam agir na realidade

social (Cf. MELO, 2015, p.73). A tecnologia e suas ferramentas proporcionam um novo modo de atuar e provoca novas formas de evangelizar, de interagir. O meio virtual permite que os fiéis se tornem não apenas participantes ou expectadores, mas difusores dos conteúdos religiosos (Cf. MELO, 2015, p. 85).

Deve-se cuidar para que a religião ou mesmo a manifestação religiosa não caia num contexto relativista. Pois, a religião na web pode cair numa nova modalidade de pluralidade de espiritualidades e de experiências em relação ao sagrado. A experiência do sagrado vivida apenas pelas redes sociais pode fazer um deslocamento de um seguimento da religião para uma religião de espiritualidade (Cf. PACE; GIORDAN, 2012, p. 433). Que pode acarretar na perda de referenciais e na criação de religiões individuais.

Na Igreja Católica vemos que saíram de uma concepção onde viam os meios de comunicação como apenas um meio e que deveriam cuidar para questões morais, até ao ponto de perceber que não se trata de um contexto paralelo a nossa realidade, realizando assim uma busca e diálogo com essa realidade e tecnologia e, com os impactos que se dão na vida cotidiana da Igreja. (AZEVEDO; FERREIRA, 2018, p.70).

Num mundo onde as tecnologias digitais nos proporcionam experienciar as novidades do mundo sem precisar de muitos esforços, a mídia e os aparelhos eletrônicos, as redes sociais e os novos canais de comunicação e de interação social, podem ser considerados um inimigo à vida cristã se mal utilizado pelo fiel e pelos evangelizadores (SANTOS. ALBUQUERQUE, 2020, p.36). Papa Francisco, na sua mensagem para o 53º dia mundial das comunicações sociais (2019) nos lembra que *“Somos membros uns dos outros” (Ef 4, 25): das comunidades de redes sociais à comunidade humana*. Com esse tema nos falou da importância de vivermos a realidade e de não escondermos a beleza do Evangelho. É importante anunciar e transmitir a fé que temos. E mesmo diante das dificuldades é preciso que a comunicação não seja apenas virtual, mas que também possa ser pessoal, como indica o tema da mensagem do 55º dia mundial das comunicações sociais (2021): *“Vem e verás” (Jo 1, 46). Comunicar encontrando as pessoas onde estão e como são*.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Bonnie Moraes Manhães de; FERREIRA, Raphael da Silva. Redes sociais e religião: a Igreja Católica diante da sociedade imagética conectada. In: Numem - Revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 21, n.1, jan./jun. 2018, p. 62-80

BISPO, Raphael. Na corrente midiática da fé: comunicação de massa e dinâmicas contemporâneas do testemunho evangélico. In: Horizonte antropológico, Porto Alegre, ano 24, n. 52, p. 249-277, set./dez. 2018.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. Eucaristia na era digital: a questão da presença e da participação. In: *Teocomunicação*. Porto Alegre v. 42 n. 2 p. 322-342 jul./dez. 2012

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: 4.ed. Paulus,2007

DÍEZ, Felicísimo Martínez. *Teologia da Comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1997.

INTER MIRIFICA. *Decreto sobre os meios de comunicação social*.1963. In: DARIVA, Noemi (ORG). *Comunicação social na Igreja: documentos fundamentais*. São Paulo: Paulinas, 2003. P.67-79.

MELO, Mônica Santos de Souza. A Utilização das Redes Sociais pela Igreja: Novas Formas de Diálogo com o Fiel. In: *Gláuks* v. 15 n. 1 (2015).

PACE, Enzo; GIORDAN, Giuseppe. A religião como comunicação na era digital. In: *Civitas* . Porto Alegre v. 12 n. 3 p. 418-438 set.-dez. 2012

PAPA FRANCISCO. Mensagem pelo 54º dia Mundial das Comunicações sociais: “*Para que possas contar e fixar na memória*” (Ex 10, 2). *A vida faz-se história*” 2020. In: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20200124_messaggio-comunicazioni-sociali.html

PAPA FRANCISCO. Mensagem pelo 56º dia Mundial das Comunicações sociais. *Escutar com o ouvido do coração*. In: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20220124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>

PONTÍFICIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Igreja e Internet*. 2006 (n. 3) São Paulo. Paulinas. 3ºed. 2006.

PONTÍFICIO CONSELHO PARA COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Ética na Publicidade*, 2002 (n. 153). São Paulo: Paulinas, 2ºed.,2002.

PUNTEL, Joana T. *Cultura midiática e Igreja: uma nova ambiência*. 2ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

PUNTEL, Joana. A IGREJA A CAMINHO NA COMUNICAÇÃO. In: *Teocomunicação*. Porto Alegre v. 41 n. 2 p. 221-242 jul./dez. 2011

SANTOS, Deyse Luciano de Jesus; ALBUQUERQUE, Ludimila Carneiro. Lives da fé: as fronteiras entre a igreja e a comunicação virtual em tempo de isolamento social. In: *folha de rosto: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação*. v. 6, n. 2, p. 32-43, maio/ago. 2020.

SBARDELOTTO, Moisés. Deus em bits e pixels: uma análise das interações comunicacionais em rituais online católicos. In: Acta Científica, Engenheiro Coelho, Centro Universitário Adventista de São Paulo – Unasp. v. 21, n. 2, p. 75-87, mai/ago 2012.

SOUZA, Marco Túlio de; TUDOR, Mihaela-Alexandra; EVOLVI, Giulia. Mídia, religião e religiosidade na era digital. Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura, v.10, nº1, edição de julho de 2021.

VILELA, Renê Augusto da Silva. Diálogo entre ética e comunicação social: numa perspectiva religiosa. In: Jornada PHAES - ambiente digital e religiões. São Paulo: PUCSP, 2021. v. 1. p. 60-65.

As TICs e as oportunidades de evangelização, estudo e ensino teológico

*Vamberto Marinho de Arruda Junior**

RESUMO

O letramento digital é uma tarefa imposta aos seres humanos do séc. XXI, especialmente após a chegada da pandemia do Covid-19, onde muitas celebrações litúrgicas afins, muitos ensinamentos teológicos, catequéticos foram realizados de maneira remota, obrigando párocos, pastores, professores em seminários etc. a se reinventarem para assistirem seus correligionários e alunos. As TICs (Tecnologias de informação e comunicação) estão presentes hoje para facilitar a interatividade entre os dois polos de interesse nessa equação, os que celebram/ministram/ensinam e os que participam/recebem/aprendem. É mister um olhar atencioso não só para as redes sociais, mas para as diversas mídias e softwares existentes que podem ajudar no processo missionário religioso e educativo. Quem sabe, não apenas usar um AVA (ambiente virtual de aprendizagem), mas criar um, que facilite o acesso gratuito dos fiéis aos mistérios e belezas da fé, aproximando padres/pastores/leigos evangelizadores e professores dos que são guiados/ensinados por eles. Softwares de estudo bíblico-teológico como o Logos-Verbum, AVA como o Moodle; canal no YouTube, contas no Instagram; Facebook; Tiktok; Telegram, WhatsApp; uso dos celulares, computadores etc.; e mesmo livros, apostilas, são tecnologias que podem ser integradas para uma interação e interatividade formativa, socializadora e humanizante. O ensino virtual é uma realidade que deve inspirar as instituições de ensino teológico e as instituições religiosas como um todo, levando-as a se beneficiarem das tecnologias que existem; para isso devem treinar seus professores e líderes religiosos nessa realidade, eliminando os preconceitos que existem e assim, facilitar a vivência entre o que partilha e o que recebe o que foi compartilhado.

Palavras-chave: TICs. AVA. Missão. Evangelização. Teologia.

INTRODUÇÃO

Ao se tratar das tecnologias da informação e comunicação é mister um entendimento do processo de aprendizagem do funcionamento e uso adequado destas novas ferramentas. Antigamente se falava apenas de alfabetizar, porém, seu cabedal conceitual era limitado, como se vê na distinção: Alfabetização é um processo que “inclui a memorização do alfabeto, reconhecimento das letras, capacidade de junção entre as sílabas e formação de palavras. O aluno usa todo esse conhecimento para leitura e escrita”. (GINEAD CURSOS, 2021) Já letramento, conceito mais amplo e complexo, “é um processo mais amplo que vai além do aprendizado das letras e símbolos da escrita. Nele o aluno é capaz de compreender, interpretar

* Mestre em Teologia pela PUC-SP. Pós-graduando em Metodologias de Ensino à distância pela Faculdade Única.

e usar o conhecimento da língua em práticas sociais.” (GINEAD CURSOS, 2021). Tal distinção é recente, pois o termo letramento, também o é, conforme reitera Moraes:

O termo letramento, no Brasil, é um conceito recente, inaugurado por volta de 1980. Antes disso, as pesquisas e estudos relacionados à apreensão dos códigos pertencentes à língua portuguesa eram voltados aos processos e métodos de alfabetização, tanto de crianças quanto de adultos. A falta de um conceito definidor de práticas mais complexas de escrita e leitura fez com que a palavra e a concepção de letramento alcançassem espaço na área educacional e das ciências linguísticas, porém cabe aqui destacar que letramento e alfabetização são fenômenos distintos. (MORAES, 2020, p. 35).

Diante do exposto, o letramento tem um cunho social, envolvendo não apenas ler e escrever em determinado idioma, mas “tem a ver com a possibilidade de enxergar e participar do mundo de forma cidadã, crítica e reflexiva, viabilizando que cada indivíduo seja capaz de interagir ativamente com sua cultura e sua sociedade.” (HEINSFELD, 2020, p. 34). Cada área do saber requer o seu letramento próprio (Multiletramento), e isso inclui a área das tecnologias, inclusive as digitais.

No contexto pandêmico da Covid-19, as instituições religiosas focadas no ensino (Igrejas e Escolas) tiveram, as que não estavam antes, que amadurecer rapidamente para a necessidade da utilização das TICs em seus usos e práticas educacionais, missionais, litúrgicas e afins. Esse processo não foi, e não é ainda, fácil devido a demanda de letramento digital, nos dois polos dessa equação (IGREJA/ESCOLA – FIÉIS/ALUNOS), o qual está em níveis distintos nos polos referidos. Mas, o que são TICs? Como elas podem ajudar nas práticas religiosas e educacionais? Quais são as dificuldades que existem no manuseio das TICs? O foco deste trabalho é atender esses questionamentos.

1 TICs, O QUE SÃO?

Ao se falar de TICs, fala-se de um recorte no mundo das tecnologias, uma vez que tecnologia é “o uso de técnicas e do conhecimento adquirido para aperfeiçoar e(ou) facilitar o trabalho com a arte, a resolução de um problema ou a execução de uma tarefa específica. Dessa forma, ela pode ser aplicada em diversas tarefas diferentes” (KARASINSKI, 2013). Assim, pode se falar de tecnologias usadas na agricultura, cerâmica, ensino, meios digitais e da internet, softwares etc. Heinsfeld aborda esse recorte:

TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO, são as tecnologias que, como a própria expressão indica, favorecem a comunicação entre os seres humanos e

a difusão da informação. A mudança-chave que ocorre nessas tecnologias é a inserção das tecnologias digitais, incluindo a internet e seus desdobramentos. Mas, antes do século XXI já havia diversas tecnologias com o propósito de informar e comunicar. O rádio e a TV são bons exemplos e mesmo a utilização do sistema de Correios para o envio de cartas com informações relevantes para familiares não deixa de ser um tipo de tecnologia. (HEINSFELD, 2020, p. 18)

Mesmo no âmbito das TICs há gradações, em que há interseções, entre conceitos semelhantes conforme explicado no Quadro 1 abaixo:

Quadro 1- Diferença entre expressões de uso cotidiano sobre as tecnologias da Informação

Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC)	Expressão empregada para descrever todos os recursos eletrônicos utilizados como fonte de comunicação e obtenção de informação.
Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC)	Expressão utilizada para descrever todos os recursos digitais que podem, de alguma forma, ser utilizados para comunicação e informação, como computadores, internet, realidade virtual, aumentada.
Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC)	Expressão empregada para descrever todos os recursos eletrônicos, digitais ou não, que surgiram ao final do século XX e início do século XXI.

Fonte: Heinsfeld (2020, p. 17).

Esses recursos ou ferramentas, ajudam bastante no processo educacional da contemporaneidade (Em 2020 “os cursos a distância já correspondiam a 43,8% dos alunos das 2.608 instituições de ensino superior no Brasil. Apenas entre 2009 e 2019, o número de ingressos nos cursos a distância teve um salto de 378,9%”. [FARFAN; SILVA, 2020]). E com a experiência na pandemia, percebeu-se que na alçada litúrgico-religiosa, com as devidas ressalvas, o processo foi exitoso e tem potencial para crescer. A seguir vê-se algumas TICs que podem ser usadas para auxiliar a ligação Igreja-Fiel; Escola/Seminário-Estudante.

2 EXEMPLOS DE TICS USADAS NO PROCESSO ENSINO-EVANGELIZAÇÃO

Como o uso, as finalidades e as modalidades das TICs são variadas, aborda-se aqui apenas alguns exemplos no domínio religioso, reiterando o aspecto da esfera digital, essas próprias TICs já funcionam em outras tecnologias, a saber: computadores, tablets, smartphones; e em alguns casos subentendem outra: a internet, nesta, há também, os blogs e os sites que ajudam nesse processo interativo.

A primeira (apenas na ordem e não em qualidade, pois não é o foco desta pesquisa) é o campo das redes sociais que permitem, e permitiram na pandemia, uma aproximação entre

instituição e seguidores, seja o YouTube com seus vídeos que permitiram a transmissão de missas/cultos, seminários, simpósios (Como o SIMPEB da Faculdade de Teologia da PUC-SP, quem 2021 e 2022 ocorreram somente na modalidade online, o de Pastoral da PUC-MG, na mesma modalidade [ambos tendo uma base online e retransmitindo pelo YouTube), aulas e reflexões (como as que ocorrem no canal do Grupo de pesquisa bíblica São Jerônimo [ex: <https://www.youtube.com/watch?v=Ykdk76RaVlw>] ou a Associação Brasileira de pesquisa Bíblica, ABIB, [<https://www.youtube.com/@abib-associacaobrasileirad8880>]); O Instagram, o Facebook, o WhatsApp, que permitem a interação até por chamada de vídeos, ocorrendo ao vivo, facilitando a interatividade entre as partes.

A segunda TIC realçada aqui é o uso de softwares, como o extinto BibleWorks (que parou em sua 10ª edição), o Logos (<https://pt.logos.com/10>) e o Verbum (<https://pt.verbum.com/10>) da empresa Faithlife (que em certo sentido suprem a lacuna deixada pelo primeiro programa citado), outros softwares que facilitam o estudo da bíblia (aqui você encontra uma lista sugestiva com 13 exemplos: <https://airtonjo.com/blog1/2012/02/13-programas-gratuitos-para-estudos.html>).

A terceira Tic a se destacar são os aplicativos de reuniões virtuais, como Zoom, Google meet, Teams, Skype dentre outros, que permitem a reunião de pessoas de localidades diferentes numa mesma cidade ou não, e, mesmo em países diversos. Muito usada no ambiente acadêmico e litúrgico na pandemia,

Por fim, tratamos dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), muito utilizados em Faculdades e escolas para facilitar a interação professor-aluno e aluno-aluno, exemplos de Ava são: Moodle, Teleduc, AulaNet. O que é um AVA? Heinsfeld responde:

Os ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) são plataformas on-line que congregam recursos educacionais e administrativos em um mesmo local, possibilitando a troca entre estudantes e docentes e proporcionando experiências de aprendizagem on-line. Um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) é um espaço virtual em que ocorre a interação entre os sujeitos envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem. A concretização desse espaço se dá por meio da comunicação em rede. Os AVAs auxiliam docentes e discentes na organização de conteúdos e na realização de atividades educacionais. (HEINSFELD, 2020, p. 61).

Poderiam ser citados outras TICs, mas estas dão uma amostra do universo a ser explorado, adaptado e ressignificado pelos religiosos em sua missão querigmática e pedagógica. E quanto ao uso corrente dessas tecnologias, há que se destacar que nem tudo ocorre com perfeição, existem as dificuldades e limitações, que são exemplificadas na próxima seção.

3 DIFICULDADES ENFRENTADAS NO USO DAS TICS

Nem tudo acontece a contento na experimentação das TICs, há defasagem tanto do lado IGREJA/ESCOLA quanto do FIEL/ALUNO. Desafios de manuseio, de acesso, de utilização das variadas tecnologias, bem como de metodologia por parte dos formadores. Rojo relata, algumas dificuldades neste processo:

[...] falta de conexão, as limitações de equipamentos, a falta de ambiente tranquilo e de tempo de uso dos equipamentos quando há muitos familiares para um só computador. Do lado do(a) professor(a), pesa contra o uso de seus próprios equipamentos e conexão, em geral sem nenhum amparo financeiro da instituição para a qual trabalha, e a exigência de maior tempo de preparação mesmo se mantendo o mesmo tempo e número de aulas. (ROJO, 2020, p. 41).

O que é dito dos professores cabe também aos religiosos, pois muitos não são nativos digitais, e ainda falta, em alguns, o interesse de se inserir neste mundo tecnológico. A importância do tema precisa ser enfatizada e analisada, assim se identifica o problema e se busca uma solução, como destacam Heinsfeld e Pischetola, ao refletir sobre as dificuldades no processo de interação com e por meio das TICS:

Em suma, os dois aspectos acima mencionados – reconfiguração da relação com o saber e inclusão digital como democratização pela internet – apresentam-se como desafios similares para a educação, com relação à apropriação tecnológica e exploração de seus potenciais. Em nosso entendimento, trata-se de um único grande desafio: encarar as tecnologias digitais como veículo, produção, transformação de cultura. Isso é ainda mais evidente ao pensarmos nas jovens gerações, que crescem imersas nas tecnologias digitais. Por um lado, suas práticas de busca, acesso e elaboração da informação através das tecnologias nos dizem respeito às mudanças na relação com o saber e a aprendizagem. Por outro lado, essas mesmas práticas nos fazem pensar no significado da inclusão social na contemporaneidade. (HEINSFELD; PISCHETOLA, 2017, p. 1358).

Foi observado até aqui, dentro desta seção, aspectos que dificultam a interatividade entre os polos abordados nesta pesquisa, tais como sociais (não tem internet e nem dispositivos [celulares, notebooks etc.] para todos) tanto do lado dos que promovem a fé quanto dos que são parceiros e ouvintes, a mesma deficiência se vê no manuseio das TICs (muitos tiveram que lidar com essas tecnologias de forma mais intensa a partir de 2020 e não tiveram formação adequada para isso), e também na pouca ênfase das instituições promotoras, uma vez que muitas encararam o uso dessas tecnologias como emergencial e não como algo que deve ser continuado (o como deveria ser estudado).

O assunto é tão amplo que Silva (2012) fez uma dissertação de mestrado só analisando as competências necessárias para o aluno que estuda à distância, embora trabalhe também, só que com menos intensidade, as qualificações requeridas dos professores nesse processo, fatos e dados que podem facilmente serem extrapolados para qualquer modalidade EAD, o que neste estudo engloba a pregação, liturgia e afins.

CONCLUSÃO

Com o advento da pandemia da Covid-19, a subsequente reclusão nos lares, os serviços cúlticos religiosos e o ensino teológico nas faculdades e seminários ficaram momentaneamente paralisados, até entrarem em cena as TICs que ajudaram nesse processo de interação e interatividade entre os polos envolvidos nesta situação. Softwares, redes sociais, AVA, aplicativos e outras tecnologias foram utilizadas, não sem desafios, uma vez que tal mudança foi repentina e pegou a sociedade, com suas desigualdades, de surpresa, obrigando todos a se reinventarem.

É verdade que certos aspectos da fé necessitam da presencialidade, mas uma vez reinseridos os encontros ao vivo, não se devem descartar o uso das TICs, mas estudar meios para que elas façam cada vez mais parte da vida da igreja e seminários. Algo que ambientes ditos seculares já entenderam, e nesse mister cabe o que disse Jesus, só que num ambiente hostil: “importava praticar estas coisas, mas sem omitir aquelas”. (Mt 23,23).

REFERÊNCIAS

- GINEAD CURSOS. *Alfabetização e letramento: conceitos, métodos e dicas*. 2021. Disponível em: <https://www.ginead.com.br/blog/alfabetizacao-e-letramento-conceitos-metodos-e-dicas>. Acesso em: 21 nov. 2022.
- FARFAN, Tainá; SILVA, Bruno. *Cursos de ensino superior a distância crescem 378,9% nos últimos 10 anos*. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/cursos-de-ensino-superior-a-distancia-crescem-378-9-nos-ultimos-10-anos/>. Acesso em: 21 nov. 2022.
- HEINSFELD, Bruna D. *Apostila de Tecnologia da Informação no processo de ensino e aprendizagem*. Cel. Fabriciano: Grupo Prominas de Educação, 2020.
- HEINSFELD, Bruna D.; PISCHETOLA, Magda. Cultura digital e educação, uma leitura dos Estudos Culturais sobre os desafios da contemporaneidade. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 12, n. esp. 2, p. 1349-1371, ago/2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v12.n.esp.2.10301>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

KARASINSKI, Lucas. *O que é tecnologia?* 2013. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/tecnologia/42523-o-que-e-tecnologia-.htm>. Acesso em: 21 nov. 2022.

MORAES, Antônio H. C. Letramento digital e formação inicial de professores de línguas em uma universidade comunitária do Recife. In: CIDRIM, Luciana; LOPES, Waslon; MADEIRO, Francisco. (orgs.). *Tecnologias e ciências da Linguagem: vertentes e novas aplicações*, Vol. 2. São Paulo: Pá de Palavra, 2020, p. 35-46.

ROJO, Roxane. (Re)pensar os multiletramentos na pandemia. In: RIBEIRO, Ana E.; VECCHIO, Pollyana de Mattos M. *Tecnologias digitais e escola [recurso eletrônico] : reflexões no projeto aula aberta durante a pandemia*. São Paulo: Parábola, 2020. p. 40-43.

SILVA, Ketia Kellen A. *Mapeamento de Competências: um foco no aluno de educação à distância*. 2012. 186f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

A instituição do ministério do catequista e sua contribuição para a afirmação do protagonismo leigo

Bruno de Lucena Araújo*
Nicácio Lima Oliveira**

RESUMO

O projeto tem como objetivo investigar a contribuição trazida pela instituição do ministério do catequista pelo Motu Próprio *Antiquum Ministerium*, do Papa Francisco, tendo em vista a afirmação do protagonismo leigo na evangelização. A partir disso, buscar-se-á uma análise do papel do ministério instituído para o catequista, verificando em que medida se trata de um passo importante no caminho de afirmação do protagonismo dos leigos no processo evangelizador. Assim, a metodologia a ser utilizada tratará do estudo, da análise e da síntese de material bibliográfico acerca do tema, especialmente do já citado Motu Próprio. Será importante o aprofundamento na questão da abertura que o Concílio Vaticano II realizou na Igreja em seus diversos âmbitos, especialmente no que se refere aos ministérios laicais. Desse modo, o exame dos documentos do Magistério da Igreja também auxiliará nesta busca, haja vista que o serviço evangelizador é, verdadeiramente, uma vocação. Por fim, será abordada a importância que a instituição do ministério do catequista apresenta nas propostas do Papa Francisco para a nova evangelização, a partir da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.

Palavras-chave: Concílio Vaticano II. *Antiquum Ministerium*. Ministério do catequista. Protagonismo leigo.

INTRODUÇÃO

Por meio da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (n. 37), o Concílio Vaticano II mostra a preocupação da Igreja no sentido de fazer com que a missão evangelizadora corresponda às necessidades próprias de cada tempo. Essa missão é compreendida como tarefa também dos leigos. Portanto, ele convida o laicato a assumir seu protagonismo evangelizador.

A abertura do Concílio Vaticano II ao reconhecimento do batismo como origem de toda vocação cristã imprime nos leigos a responsabilidade acerca do anúncio da Palavra de Deus, contribuindo para o crescimento do Seu Reino. Desse modo, a tarefa de ensinar também foi confiada aos leigos, os quais “com ingentes esforços trazem singular auxílio à expansão da fé e da Igreja” (*Ad Gentes*, 17).

No campo da catequese, o ministério instituído para leigos e leigas é de suma importância, pois faz valer a vocação do seu batismo. Reconhecendo isso, o Papa Francisco

* Aluno do curso de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Projeto financiado pela FAPEMIG. Email: brunoaraujo4848@gmail.com

** Aluno do curso de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Projeto financiado pela FAPEMIG. Email: nicacio.olyveira@gmail.com

destaca a importância da transmissão da fé pelos leigos com o resgate do ministério de catequista.

Em seu pontificado, o Santo Padre mostra a preocupação eminente com a renovação da consciência evangelizadora, por meio da qual se convida o catequista a uma atitude de “proximidade, abertura ao diálogo, paciência e acolhimento cordial que não condena” (*Evangelii Gaudium*, 165).

1 ABERTURA ECLESIAL AOS MINISTÉRIOS LEIGOS E VALORIZAÇÃO DO LAICATO

Nos últimos tempos, de modo especial, a partir do Concílio Vaticano II, a Igreja mostra a sua preocupação com a evangelização, ao mesmo tempo em que reconhece a urgente necessidade de corresponder às exigências que cada tempo manifesta no que lhe diz respeito. Para tanto, ela busca sempre compreender como o homem e, conseqüentemente, a sociedade se manifestam em cada época, estando atenta, de igual modo, ao seu processo histórico. Isso é bem claro no próêmio da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (n. 1) no qual ela afirma que “a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história”. Desse modo, o mundo não é mais entendido como um inimigo ou como algo a ser combatido mas, como o tempo e o espaço no qual o povo de Deus se situa.

Isso é fruto de um longo processo que ocorreu do fim do século XIX até as primeiras décadas do século XX. Nesse período, já não se podia mais negar que a Modernidade chegara à Igreja, marcando, de forma definitiva, a sua presença. Aqui surgem os movimentos de renovação que objetivam repensar a prática da fé a partir dos critérios da Modernidade. Como exemplo de movimento de renovação, há o Movimento Leigo, cuja compreensão acerca do homem passa de uma realidade, na qual ele era tido como parceiro da instituição, isto é, como aquele que exerce os seus carismas e dons para o bem do grupo ao qual ele pertence, para um indivíduo que tem consciência do seu papel de protagonista na sociedade, sendo um agente sociotransformador. É preciso assumir o papel de cristãos na sociedade e não apenas nas quatro paredes do Templo.

Assim, um dos legados que o Concílio Vaticano II imprimiu no seio eclesial é o reconhecimento do protagonismo leigo. Esse reconhecimento nasce com o batismo, fonte de todas as vocações no seio da Igreja. Novamente citando o referido Concílio, os leigos e leigas desempenham importante papel, prestando “com grandes trabalhos uma ajuda singular e absolutamente necessária à expansão da fé e da Igreja” (*Ad Gentes*, 17). Contudo, é preciso

deixar claro que o laicato, ao exercer o seu protagonismo, sendo fundamental no trabalho evangelizador, não deve ser visto como “quebra-galho” ou “tapa buraco”, pois possui o exercício de suprir a carência de ministros ordenados. Ao contrário, é, antes de tudo, pilar que sustenta o ânimo missionário da Igreja Católica.

Tendo o Concílio Vaticano II como ponto de partida, o serviço ministerial foi colocado como centro da atividade evangelizadora. Desse modo, deixou-se de lado uma visão hierárquico-elitista marcada pela ênfase no ministério ordenado. Daí, nasce, portanto, a valorização do laicato como verdadeiro detentor dos ministérios recebidos no batismo a serviço da expansão do Reino de Deus. Aqui é necessário enfatizar que o concílio não faz uma inovação no campo da transmissão da fé, mas busca nas fontes da fé cristã uma resposta para as necessidades da evangelização no mundo atual. Nessa busca nas fontes cristã, os padres conciliares observaram o destaque dos leigos em seus vários ministérios na tarefa de transmissão da fé, trazendo essa perspectiva para a Igreja do século XXI.

2 MINISTÉRIO LAICAL DE CATEQUISTA: O SEU RETORNO E IMPORTÂNCIA NA VIDA ECLESIAL E O COMPROMISSO DA IGREJA COM A EVANGELIZAÇÃO NO HOJE DA HISTÓRIA

Adentrando, especificamente, no âmbito da catequese e nos frutos do pontificado do Papa Francisco, a instituição do Ministério laical de Catequista é um passo dado na afirmação e no reconhecimento do protagonismo dos leigos e leigas. No *Motu Proprio Antiquum Ministerium*, no qual é instituído o Ministério de Catequista, o Santo Padre, ao falar dos batizados que se dedicam à transmissão da fé, descreve uma de suas motivações à referida instituição:

Olhar para a vida das primeiras comunidades cristãs, que se empenharam na difusão e no progresso do Evangelho estimula, também, hoje a Igreja a perceber quais podem ser as novas expressões para continuarmos permanecendo fiéis à Palavra do Senhor, a fim de fazer chegar o seu Evangelho a toda criatura (AM, 2).

A preocupação do Pontífice com o anúncio do “Evangelho a toda criatura” não é algo recente. O seu primeiro documento, a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, manifesta esse seu desejo de forma clara, ao mesmo tempo em que já sinaliza a sua atenção aos ministérios laicais. Todavia, fica clara a preocupação do Pontífice quanto ao seu alcance, haja vista que, “Apesar de se notar uma maior participação de muitos nos ministérios laicais, este compromisso não se reflete na penetração dos valores cristãos no mundo social, político e econômico” (EG,

102). É para levar a mensagem de Cristo a todo o mundo, incluindo as realidades *ad extra*, que Francisco ressalta o caráter do exercício do Ministério laical de Catequista no campo secular, de modo que ele não seja apenas mais um aparato ou título que coloque empecilhos à missão. Novamente aqui, o que já foi referido mais acima: é preciso levar o comportamento cristão para fora da realidade do templo.

A instituição do Ministério laical de Catequista pelo Papa Francisco não é baseada em uma realidade nova ou recém instaurada nem estimulada por ela. De fato, o ministério de catequista é algo que já está presente na Igreja primitiva, como bem ressalta o Pontífice, a partir do título do seu *Motu Proprio, Antiquum Ministerium*, e nas suas palavras de abertura do referido documento. Assim, Francisco embasa o seu desejo de que o desempenho da missão da Igreja, no mundo de hoje e nos tempos futuros tempos, seja marcado pela fidelidade ao passado, isto é, à Tradição, ao mesmo tempo em que se assume a responsabilidade pelo tempo presente (AM, 5).

O ministério, por sua vez, não deve ser entendido como uma instância hierárquica. É certo que há o ministério ordenado, que tem a função de guiar o povo eleito no caminho da salvação (CIC, 874), mas há também o de caráter laical, cujo objetivo é a presença transformadora do leigo no mundo, a fim de impregná-lo de princípios cristãos (AM, 5; EG, 102). Todos os ministérios devem ser entendidos como serviço, pois estão em função da transmissão da Boa Nova, bem como da assistência aos necessitados.

Desse modo, buscamos compreender o intuito do Papa Francisco, ao dar continuidade ao retorno dos ministérios laicais. Nosso objetivo é pesquisar a contribuição que a instituição do ministério do catequista pelo Motu Próprio *Antiquum Ministerium* traz para a afirmação do protagonismo leigo na Igreja, estudando o processo de abertura da Igreja aos ministérios laicais, com base no Concílio Vaticano II, bem como analisando o Motu Próprio *Antiquum Ministerium*, em que é instituído o ministério laical do catequista e, por meio dele, mostrar a importância da instituição do ministério de catequista para a nova evangelização, a partir das propostas do Papa Francisco, à luz da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.

O fruto dessa pesquisa estará voltado, principalmente, para os transmissores da fé, leigos e leigas que desempenham o processo de evangelização por meio da catequese. Mediante a instituição do ministério, Francisco aponta também a necessidade de uma formação mais profunda e concreta dos nossos catequistas. Essa tarefa, por sua vez, é direcionada às Conferências Episcopais e Dioceses que, com base na instituição do ministério de catequistas, devem traçar caminhos e metas a serem percorridos por aqueles que já têm a tarefa de transmitir a fé por meio da catequese, mas que, agora, recebê-la-ão formalmente.

Dessa forma, este estudo pretende explicitar a importância de uma tarefa tão importante para a fé, mas não só isso, uma vez que quer iluminar caminhos que possam chegar às mais simples comunidades para que cada batizado possua ferramentas eficazes para cumprir seu ministério. Ou seja, o batizado não deve somente possuir ferramentas e métodos prontos, mas, de acordo com cada realidade pastoral, deve desenvolver caminhos que façam a mensagem do Reino chegar a todos, sem distinção. Desse modo, os leigos e leigas poderão sentir-se ainda mais responsáveis pela tarefa de transmitir a fé e compreender que eles realmente são os protagonistas da nova evangelização.

CONCLUSÃO

Portanto, o Papa Francisco enfatiza que, para que haja no seio da Igreja um novo vigor missionário evangelizador, precisa-se criar uma consciência de discípulos-missionários nos leigos e leigas e, conseqüentemente, despertar para a responsabilidade evangelizadora nas comunidades com o exercício do múnus batismal recebido por cada membro. A prática da vida ministerial do laicato parte de uma resposta imediata ao chamado de Jesus a uma vida doada, de modo que só quem faz uma experiência profunda com o querigma é capaz de responder sim ao mestre que chama, ensina e envia.

Iluminados por Jo 20,1-18, podemos compreender a importância do anúncio do evangelho por meio daqueles que vivenciaram no querigma uma experiência concreta de amor. Centralizando a figura de Maria Madalena, podemos compreender que o catequista é aquele que experimentou a misericórdia de Jesus, recebendo dele as graças efusivas no batismo. Desse modo, o catequista é chamado pelo mestre, mesmo em um mundo que vive a desesperança a túmulo vazio, a se lançar no anúncio do ressuscitado que venceu os poderes deste mundo. A instituição do Ministério do Catequista é a confirmação do sim dado no batismo, no qual todos são chamados a anunciar o Cristo ressuscitado.

REFERÊNCIAS

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. Critérios e itinerários para a instituição do Ministério de Catequista. 1. ed. Brasília: edições CNBB, 2021.

FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no dia atual (24.11.2013). São Paulo: Paulus, 2013.

_____. Carta Apostólica sob a forma de Motu Próprio *Antiquum Ministerium*. Brasília: Edições CNBB, 2021.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. Diretório para a Catequese (23.03.2020). São Paulo: Paulinas, 2020.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965. Decreto *Apostolicam Actuositatem*. In: VIER, Frederico (Coord.). Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 1968. p. 527-564.

_____. Decreto *Ad Gentes*. In: VIER, Frederico (Coord.). Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 1968. p. 349-399.

_____. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: VIER, Frederico (Coord.). Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 1968. p. 37-117.

ALMEIDA, Antônio José de. Leigos e leigas. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 50, p. 253-286, mai./ago., 2015.

FREZZATO, Anderson. O doc. 105 da CNBB “Cristãos leigos e leigas, na Igreja e na sociedade”: um esforço de atualização do Concílio Vaticano II. *Diversidade religiosa*, João Pessoa v. 8, n. 1, p. 181-196, 2018.

KLOPPENBURG, Boaventura. O protagonismo dos fiéis leigos. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 35, n. 148, p. 261-274. jun., 2005.

NERY, Israel. Panorama da catequese, nos 40 anos do Concílio Vaticano II. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 37, n. 103, p. 381-397, set./dez., 2005.

OLIVEIRA, Rafael Alves. Desafios da catequese atual: repensar o paradigma catequético à luz da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco. *Annales Faje*, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 360-370, 2021.

PASSOS, João Décio. Os desafios do protagonismo leigo. *Atualidade teológica*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 50, p. 231-252, mai./ago., 2015.

PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html>. Acesso em 08 mar. 2022.

Origem e desenvolvimento do Dia Mundial das Comunicações Sociais: uma salutar trajetória

Tiago Cosmo da Silva Dias*

RESUMO

O Dia Mundial das Comunicações Sociais é celebrado na Igreja Católica Apostólica Romana, em todo o mundo, sempre no domingo da Ascensão do Senhor. A celebração nasceu como fruto dos desdobramentos do Decreto *Inter Mirifica*, do Concílio Vaticano II, que pediu, dentre as muitas iniciativas, “um dia dedicado a ensinar aos fiéis seus deveres no que diz respeito aos meios de comunicação, a se orar pela causa e a recolher fundos para as iniciativas nesse setor, segundo as necessidades do mundo católico” (IM 18). A presente pesquisa procura observar o desenvolvimento da compreensão dos temas relacionados à comunicação nos pontificados que se seguiram ao Concílio, de Paulo VI a Francisco, salientando os principais aspectos que comprovam o quanto a Igreja abriu-se a este campo e aprendeu a tê-lo como um caminho *sine qua non* para o anúncio de Jesus Cristo. Em uma passagem breve pelas mensagens, constata-se o quanto o percurso da Igreja foi progressivo, passando aos poucos de uma compreensão de que existem os simples “meios de comunicação”, apenas como instrumentos, para um verdadeiro “mundo das comunicações” (RM 37c), até chegar a Bento XVI, que entrou na chamada era digital.

Palavras-chave: Dia Mundial das Comunicações Sociais. Papas. Comunicação.

INTRODUÇÃO

O ponto de partida é o maior evento eclesial do século XX: o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), convocado pelo papa João XXIII (1958-1963), do qual, logo mais, celebraremos os 60 anos da abertura. O Concílio promulgou 4 Constituições, 3 Declarações e 9 Decretos. Dentre estes Decretos, está o *Inter Mirifica*, sobre os meios de comunicação social, com 24 artigos. Apesar de não muito extenso, o documento celebrava a primeira vez em que, num Concílio, a Igreja voltava-se à questão da comunicação. Naturalmente, era também a primeira vez que um documento universal da Igreja assegurava a *obrigação* e o *direito* de a Igreja utilizar os instrumentos de comunicação social a favor da evangelização; e aparece como um *dever* utilizá-los.

* Doutorando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Teologia (2022) pela PUC-SP, tendo cursado com bolsa de fomento pela CAPES/PROSUC. Participa do Grupo de Pesquisa ‘Religião e Política no Brasil Contemporâneo’. Pós-graduado em Cultura e Meios de Comunicação (2020), também pela PUC-SP; e em Religião e Cultura (2018), pelo Centro Universitário Assunção (Unifai). É graduado em Teologia (2018) e Filosofia (2014) pela Faculdade Paulo VI; e em Jornalismo (2009), pela Universidade Nove de Julho (Uninove).

Foi neste Decreto que o Concílio fez um apelo para que se celebrasse, anualmente, nas dioceses do mundo inteiro, “um dia dedicado a ensinar aos fiéis seus deveres no que diz respeito aos meios de comunicação, a se orar pela causa e a recolher fundos para as iniciativas nesse setor, segundo as necessidades do mundo católico” (IM 18). O Concílio fazia o apelo e já estabelecia quais deveriam ser as razões pelas quais se celebraria este dia: 1) para *ensinar* aos fiéis seus deveres no que diz respeito aos meios de comunicação; 2) para *orar* por esta causa; 3) para *recolher* fundos.

O apelo é de 1963, quando o Decreto foi promulgado. Segundo Corazza e Puntel (2019, p. 24), a data foi solicitada pelo Concílio porque, ao levar em consideração as profundas transformações da sociedade e os avanços na área tecnológica em todos os setores, a Igreja percebeu o seu “despreparo” nesse campo. Desse modo, não bastava tão somente a profissionalização da comunicação – uma tendência que está em voga hoje -, mas era preciso também compreender a evolução da comunicação nas suas mais diferentes expressões, como linguagem, cultura e, sobretudo, como elemento articulador da sociedade.

Atento à palavra conciliar, a primeira iniciativa de Paulo VI, no que dizia respeito à comunicação, e ainda com o Concílio em andamento, foi criar, em 1964, com o documento *In Fructibus Multis*, a Pontifícia Comissão para as Comunicações Sociais, que tinha por finalidade coordenar e, ao mesmo tempo, estimular a realização das propostas dos padres conciliares. Na ocasião, depois de receber o parecer dos presidentes de algumas das Comissões Episcopais, entre 1964 e 1965, sobre como aplicar o que pedia o número 18 do *Inter Mirifica*, a Comissão criou, em 1966, o Dia Mundial das Comunicações Sociais, com a aprovação do papa.

1 O DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS

1.1 Paulo VI

O Dia Mundial das Comunicações Sociais foi celebrado, pela primeira vez, no dia 7 de maio de 1967, sob o pontificado do papa Paulo VI. De lá para cá, ininterruptamente, na solenidade da Ascensão do Senhor, os papas escrevem uma mensagem para este dia, sempre com um tema que julgam ser atual, articulando o contexto do mundo e as prioridades da Igreja de forma bastante integrada, de forma que haja uma reflexão e apropriação dos conteúdos para o crescimento da comunidade e, ao mesmo tempo, para que haja uma presença evangelizadora concreta na sociedade.

Na primeira mensagem, de Paulo VI, intitulada *Os meios de comunicação social*, é possível constatar um certo “vigor” do papa ao tratar da temática:

Graças a essas maravilhosas técnicas [imprensa, cinema, rádio, televisão e os outros meios de comunicação social], a convivência humana assumiu dimensões novas: o tempo e o espaço foram superados, e o homem tornou-se cidadão do mundo, coparticipante dos acontecimentos mais distantes e das vicissitudes de toda a humanidade. [...] Para esta transformação contribuíram positivamente os meios de comunicação social e, às vezes, de forma determinante, enquanto se esperam novos e surpreendentes progressos [...]. Em tudo isto, vemos delinear-se e agir um admirável desígnio de Deus providente, que abre à inteligência humana sempre novos caminhos para o seu aperfeiçoamento e para a consecução do fim último do homem (PAULO VI, 1967).

O ano era 1967. A palavra de Paulo VI é digna de nota porque um século antes, com diferenças para mais ou para menos, os pontífices fecharam-se completamente à sociedade moderna. Gregório XVI (1831-1846), por exemplo, foi o papa que não quis colocar estradas de ferro e nem iluminação pública à noite nos Estados Pontifícios, porque acreditava que, àquela altura, essas iniciativas iriam ajudar na proliferação dos ideais liberais que, àquela altura, eram os grandes inimigos da Igreja. Seu sucessor, Pio IX (1846-1878), publicou em 1864 a Encíclica *Quanta Cura*, que tinha como anexo o *Syllabus*, que continha os 80 erros da sociedade moderna. Ou seja: um século antes - o que não é muito tempo, se se pensar na realidade da Igreja -, os pontífices decidiram permanecer reclusos e, de certa forma, afirmar que somente a Igreja era detentora da verdade, e que tudo o que estava fora dela deveria ser condenado. Para se ter uma ideia, em 1884 o sacerdote espanhol Sardá y Salvay (1844-1916) publicou um livro intitulado *el liberalismo es pecado!*, no qual afirmava que a liberdade era a amiga mais fiel e cara ao demônio porque abria o caminho a quase infinitos pecados. Por isso, qualquer migalha de liberdade deveria ser condenada. De igual modo, a liberdade de consciência foi vista como loucura e, a de imprensa, um mal que jamais seria suficientemente deplorado (DIAS, 2022, p. 24).

Muita coisa aconteceu para que o Vaticano II fosse convocado, mas é muito salutar que, já em 1967, os meios de comunicação, que até o Concílio eram vistos com tanta desconfiança, sejam chamados de “maravilhosas técnicas”. Ainda não havia a internet naquela época, mas o papa se mostrou aberto a “outros meios de comunicação social” que a inteligência humana desenvolvesse; e disse que os meios de comunicação social, aqui, colaboram para que o homem chegue a seu fim último, que é a felicidade. É uma mudança radical de visão.

Ao todo, Paulo VI redigiu 12 mensagens.

1.2 João Paulo II

Paulo VI morreu em 1978 e, em seu lugar, assumiu João Paulo I (1978), que permaneceu apenas por 33 dias no pontificado, de 26 de agosto a 28 de setembro. Por essa razão, ele não teve a oportunidade de escrever nenhuma mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais.

Com a sua morte repentina, assumiu o polonês Karol Wojtyła, que adotou o nome de João Paulo II (1978-2005). Desenvolver, aqui, rapidamente, as ideias que João Paulo II aborda nas suas mensagens seria até uma traição, visto que seu conteúdo é extremamente extenso. Contudo, é importante mencionar que foi durante o seu pontificado que aconteceu uma verdadeira reviravolta no campo da comunicação: em 1990, o papa publicou a Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, primeira vez que não se entende mais a comunicação de forma restrita, apenas como “meios” ou “instrumentos”, mas se reconhece que há um contexto no qual se está imerso e se participa; aquilo que se chama de cultura midiática.

Quando fala dos novos cenários que necessitam do trabalho missionário da Igreja, João Paulo II colocou, em primeiro lugar, o chamado mundo da comunicação, referindo-se a este como uma “nova cultura”.

O primeiro areópago dos tempos modernos é o *mundo das comunicações*, que está a unificar a humanidade, transformando-a – como se costuma dizer – na aldeia global. [...] *Talvez se tenha descuidado um pouco este areópago: deu-se preferência a outros instrumentos para o anúncio evangélico e para a formação, enquanto os mass-média foram deixados à iniciativa de particulares ou de pequenos grupos, entrando apenas secundariamente na programação pastoral.* O uso dos *mass-média*, no entanto, não tem somente a finalidade de multiplicar o anúncio do Evangelho: trata-se de um fato muito mais profundo porque *a própria evangelização da cultura moderna depende, em grande parte, da sua influência.* Não é suficiente, portanto, usá-los para difundir a mensagem cristã e o Magistério da Igreja, mas *é necessário integrar a mensagem nesta “nova cultura”, criada pelas modernas comunicações [...]* (RM 37c).

Durante o pontificado de João Paulo II que aconteceu o desenvolvimento da internet, ainda que apenas nos seus primórdios.

1.3 Bento XVI

Quando faleceu João Paulo II, em 2005, o cardeal alemão Joseph Ratzinger chegou ao papado e adotou o nome de Bento XVI. Ele é o papa da chamada “era digital”. Em 5 de suas 8 mensagens, de 2009 a 2013, dedicou-se a pedir que se povoasse, o que ele chamou de “continente digital”, de diálogo, de respeito e de presença cristã. Para ele, a mídia digital tem sua linguagem própria, mas também suas armadilhas, e é justamente daí que emanava a necessidade de entrar nessa cultura e saber escutá-la, tendo recebido antes, porém, formação a partir da família e das próprias lideranças da Igreja (CORAZZA; PUNTEL, 2019, p. 10-11).

Um exemplo foi a de 2011, intitulada *Verdade, anúncio e autenticidade de vida na era digital*. Ali o papa diz: “[...] devemos estar cientes de que a verdade que procuramos partilhar não extrai o seu valor da sua ‘popularidade’ ou da quantidade de atenção que lhe é dada. Devemos esforçar-nos mais em dá-la, conhecer na sua integridade do que em torná-la aceitável, talvez ‘mitigando-a’” (BENTO XVI, 2011). Em um tempo no qual o número de curtidas ou compartilhamentos determina se a mensagem alcançou êxito ou não, a palavra do papa foi encorajadora.

1.4 Francisco

Francisco, dos últimos papas, talvez seja o mais controverso ou paradoxal: se, de um lado, existem aqueles que são completamente entusiasmados com a sua mensagem, de outro há os que se opõem radicalmente a ele. Francisco, porém, é um homem para além do seu tempo: suas palavras têm força porque vem somadas de atitudes que confirmam o que ele diz.

De suas mensagens, chamam a atenção, por exemplo, a de 2018, na qual tratou do tema das *fake News*, e também a de 2019, chamada ‘*Somos membros uns dos outros*’ (Ef 4,25): *das comunidades de redes sociais à comunidade humana*. Ali, o pontífice constatou que o ambiente dos *mass-media* é tão invasivo que não se consegue mais separá-lo da vida cotidiana, ao mesmo tempo em que disse que as “comunidades” digitais não são, necessariamente, espaços de comunidade. Para o papa, “a rede é uma oportunidade para promover o encontro com os outros, mas pode também agravar o nosso isolamento, como uma teia de aranha capaz de capturar” (FRANCISCO, 2019).

A conclusão da mensagem, como é própria das intuições de Francisco, ele intitula “*do ‘like’ ao ‘amen’*”, e diz: “A própria Igreja é uma rede tecida pela Comunhão Eucarística, onde a união não se baseia nos gostos [*like*], mas na verdade, no [*amen*] com que cada um adere ao

Corpo de Cristo, acolhendo os outros” (FRANCISCO, 2019). Neste ano, 2022, o tema foi *Escutar com o ouvido do coração* e, no espírito da sinodalidade, o papa dizia à Igreja que nosso primeiro apostolado deve ser o da *escuta*. Para o próximo ano, 2023, já foi divulgado o tema, que será *Falar com o coração*.

CONSIDERAÇÕES

É essencial perceber o esforço e a intensidade dos papas em querer incentivar a entrar, em cheio, no mundo das comunicações. De fato, a Igreja deu um enorme salto à medida em que o campo da comunicação crescia e apontava a direções novas, mas, ao mesmo tempo, nunca deixou de salientar que, também ali no chamado continente digital, para usar uma expressão de Bento XVI, era preciso permanecer cristão, ou seja, testemunhar a fé que professa.

O desafio que permanece, hoje, é vivenciar o dia como *realmente* importante para a dinâmica e a vida eclesial, não como *mais um*. Depois, pensar também qual seria, hoje, finalmente, o seu real objetivo; se, à luz do *Inter Mirifica*, permanecem os mesmos ou devem ser revistos. O fato é que a progressividade na compreensão do que era a comunicação ajuda a compreender, ao mesmo tempo, que a Igreja abandonou aquele olhar condenatório e de desconfiança, e passou a ver como essencial o diálogo entre a fé e a cultura, que é, afinal, o que deve nortear o campo das comunicações em geral.

REFERÊNCIAS

ALBERIGO, G. O Concílio Vaticano II (1962-1965). In: ALBERIGO, G. [org.] *História dos Concílios Ecumênicos*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 391-442.

BENTO XVI. *Novas tecnologias, novas relações*. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day.html Acesso em: 27 mai. 2022.

BENTO XVI. *O sacerdote e a pastoral no mundo digital: os novos media ao serviço da Palavra*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20100124_44th-world-communications-day.html Acesso em: 27 mai. 2022.

BENTO XVI. *Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20110124_45th-world-communications-day.html Acesso em: 27 mai. 2022.

CORAZZA, Helena; PUNTEL, Joana T. *Os Papas da Comunicação*. Estudo sobre as mensagens do Dia Mundial das Comunicações. São Paulo: Paulinas, 2019.

DIAS, Tiago Cosmo da Silva. *A Reforma do Papado*. Um caminho possível a partir da recontextualização da Constituição Dogmática *Pastor Aeternus* e dos anseios dos papas após o Concílio Vaticano II. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/26007/1/Tiago%20Cosmo%20da%20Silva%20Dias.pdf> Acesso em: 27 mai. 2022.

FRANCISCO. “*A verdade vos tornará livres*” (Jo 8,32). Fake News e jornalismo de paz. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20180124_messaggio-comunicazioni-sociali.html Acesso em: 27 mai. 2022.

FRANCISCO. *Comunicar a Família: ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20150123_messaggio-comunicazioni-sociali.html Acesso em: 27 mai. 2022.

FRANCISCO. *Escutar com o ouvido coração*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20220124-messaggio-comunicazioni-sociali.html> Acesso em: 27 mai. 2022.

FRANCISCO. “*Somos membros uns dos outros*” (Ef 4,25): das comunidades das redes sociais à comunidade humana. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20190124_messaggio-comunicazioni-sociali.html Acesso em: 27 mai. 2022.

JOÃO PAULO I. *Discurso do Papa João Paulo I aos representantes da imprensa internacional*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-i/pt/speeches/documents/hf_jp-i_spe_01091978_press.html Acesso em: 27 mai. 2022.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptoris Missio (RM)*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html Acesso em: 27 mai. 2022.

PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi (EN)*. 22.ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

PAULO VI. *Os meios de comunicação social*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19670507_i-com-day.html Acesso em: 27 mai. 2022.

PUNTEL, Joana T. *Comunicação*. Diálogo dos saberes na cultura midiática. São Paulo: Paulinas, 2010.

GT 2 – Pastorais sociais e de fronteira

Uma reflexão sobre o conceito de tradição e sua relação com o processo de transmissão da fé no pensamento de Yves Congar

*Anderson Costa Pereira**

Resumo: A Tradição é considerada um dos pilares sobre os quais se assenta a fé da Igreja. Afirma-se categoricamente que a Igreja Católica é também a Igreja da Tradição, sendo a sua fiel guardiã. O Papa João Paulo II, na Constituição Apostólica *Fidei depositum*, para publicação do Catecismo da Igreja Católica, redigido após o Concílio Vaticano II (1962-1965), confirma esta importância da Tradição: “Guardar o Depósito da Fé é a missão que o Senhor confiou à Sua Igreja e que ela cumpre em todos os tempos”. Nesta comunicação, procura-se oferecer uma reflexão sobre o conceito de Tradição na compreensão do teólogo Yves Congar (1904-1995), a partir de sua obra *O sentido da Tradição*. Parte-se do pressuposto de que a compreensão da Tradição é de capital importância para se dar o devido valor doutrinal, pastoral e espiritual ao processo de transmissão da fé na cultura digital. Ademais, ensina Congar que a Tradição não é um processo de transmissão intacto e rígido de um Depósito Sagrado (*Fidei depositum*), mas um processo vivo e dinâmico, como atualidade da Revelação inserida no tempo e no espaço. Deste modo, a Tradição permanece sempre viva na era digital.

Palavras-chave: Tradição. Transmissão. Yves Congar.

INTRODUÇÃO

A Tradição cristã como transmissão eficaz da verdade eterna através das gerações, dentro de uma lógica de fé, se constitui um dos pontos de reflexão para se chegar ao lume do conhecimento da Teologia de Yves Congar (1904-1995). A compreensão da Tradição cristã no pensamento congariano parte do princípio da transmissão eterna e divina que estão acentuadas em um binômio entre uma transmissão em sentido ativo, que é o ato de transmitir, e no sentido objetivo, que se resume no material que vem a ser transmitido a humanidade através dos tempos.

Ademais, é preciso reconhecer que estamos em um contexto de crise na transmissão da cultura e da fé cristã para as futuras gerações. Urge interrogar-se sobre as dinâmicas que definem a Tradição da Igreja e a sua articulação dialética com as tradições que a alimentam e a expressam ao longo da história. Para isso, aborda-se essa articulação na obra do teólogo francês Yves Congar. Fazemos esta leitura em diálogo com o presente de nossa cultura para discernir

* Mestrando em Teologia, Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP). E-mail: pereiraanderson1@hotmail.com

ali as oportunidades, resistências e desafios que se oferecem tanto para a compreensão quanto para a comunicação da Tradição eclesial.

A crise de transmissão da fé é causada, sobretudo, pelo rápido processo de secularização da sociedade. Muitos estudiosos já tratam desta realidade em seus trabalhos, por meio de inúmeros livros já publicados. A XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, em 2012, impulsionada pelo início do Ano da Fé e pelo 50º aniversário da abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II, abordou o tema “Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã”, escolhido pelo Papa Bento XVI, que sempre teve grande preocupação com o avanço do secularismo na sociedade.

O contexto da Tradição esclarece como se dá ao longo da história uma transmissão fiel do Cristianismo como totalidade à preservação da regra da fé. Urge, portanto, uma reflexão sobre o aspecto teológico da Tradição no sentido de seu lugar no próprio estatuto da transmissão da fé. Abordaremos o tema da transmissão da fé, no contexto de uma Igreja atenta aos desafios do mundo secularizado, mas firmemente ancorada na sua Tradição viva.

1 O CONCEITO DE TRADIÇÃO

Segundo Congar, a Tradição era vista (passivamente) como uma fonte de Revelação separada e complementar das Escrituras, ou (ativamente) como sendo o conteúdo ensinado e conservado pelo Magistério da Igreja. Tudo parecia bastante monótono e insatisfatório. Mas depois começou a surgir um conceito de Tradição mais rico, mais completo e mais dinâmico – um conceito ligado a toda a vida da Igreja. Se a Revelação é a mensagem de Deus dada a nós plenamente e de uma vez por todas em e por meio de Cristo, então a Tradição é essa mesma mensagem continuada na e através da própria vida da Igreja, uma vida que envolve todos os membros da Igreja.

A palavra “tradição” deriva do latim *traditio*, que significa o processo de entregar algo a outro no contexto de um processo legal. O particípio verbal *tradere* descreve a ação de entregar o objeto em questão a um outro. Neste ato de entrega, encontra-se a doutrina, os sacramentos, os ritos, etc. Podemos tratar a Tradição, considerando-a, antes de tudo, como um processo de transmissão contínua dos dons apostólicos que promovem a santidade e fazem aumentar a fé (WICKS, 1999, p. 65). A Tradição é, portanto, um meio de comunicação.

A Tradição é considerada por Congar uma fonte de conhecimento diferente das Escrituras. Enquanto as Escrituras transmitem textualmente a fé, a Tradição transmite, por via oral, a substância da fé cristã. Sabe-se que primeiramente houve uma transmissão oral do

Evangelho até vir a redação dos Evangelhos. Como diz Irineu: “Se os próprios Apóstolos não nos tivessem deixado nenhuma Escritura, não seria necessário seguir ‘a ordem da Tradição’ que eles transmitiram àqueles a quem confiaram as Igrejas?” (IRINEU apud CONGAR, 1960, p. 23). Em santo Irineu a Tradição tem valor normativo.

Vale considerar a íntima relação entre Tradição e Escritura no pensamento de Congar: “não há um ponto de crença que a Igreja sustente apenas pela Tradição, sem referência à Escritura; assim como não há um único dogma que seja derivado apenas da Escritura, sem ser explicado pela Tradição” (CONGAR, 1960, p. 41-42). Interessante notar que, para Congar, a Tradição é uma realidade viva e vivificante. É um contínuo processo de transmissão de uma realidade que não ficou presa ao passado:

Tradição não implica envelhecimento. O envelhecimento é uma alteração e também um atraso em relação ao presente. A Tradição é a transmissão de um depósito através do tempo que tudo altera; mas, acima dos transmissores que se sucedem, Cristo, o Verbo Encarnado, que reina como Senhor acima do tempo, por quem a Igreja subsiste, assegura a identidade da forma de verdade e de vida desta Igreja. (CONGAR, 1964, p. 52).

A verdadeira Tradição nunca envelhece, é eternamente nova. Para o teólogo, o conceito de Tradição deve ser entendido no verdadeiro sentido da palavra, implicando uma assimilação do passado que se conserva e se desenvolve no presente, sem quebrar sua continuidade e sem considerar o passado como ultrapassado, diferente da ideia de uma Tradição fossilizada, cultivada por tradicionalistas como algo estático, rígido e fixo no passado. Como afirma a Comissão Teológica Internacional, “a Tradição é, portanto, algo vivo e vital, um processo contínuo em que a unidade da fé encontra expressão na variedade de línguas e na diversidade de culturas. Ela deixa de ser Tradição se se fossiliza” (CTI, n. 26).

Congar conceitua a Tradição do seguinte modo:

A Tradição é precisamente o lugar onde se realiza a síntese entre a transmissão histórica e a experiência presente que, logo unidas, produzem, no presente e na preparação do futuro, um conhecimento profundo da realidade cristã que transcende o texto do documento com o qual se inicia. A Tradição não é apenas memória, é presença e experiência reais (CONGAR, 1960, p. 113).

A Tradição, portanto, não é puramente passado, velhos hábitos preservados. É atualidade, ao mesmo tempo transmissão, recepção e criatividade. É a presença de um começo em todos os momentos do desenvolvimento. Por isso, a Tradição nunca é uma transmissão pura, mas sempre uma recepção viva e ativa. O teólogo francês condensou em um parágrafo sua concepção sobre a Tradição e citamo-la na íntegra:

A função da Tradição, sob um ponto de vista dogmático, é de comunicar sua autêntica interpretação, a substância que foi transmitida desde o início e foi feita paulatinamente explícita pela reflexão dos Doutores e pela ação do Magistério, especialmente nos grandes Concílios Ecumênicos. Se é considerada em sua totalidade, como Tradição e tradições, sua função também é educativa e conservativa no que tange ao “espírito católico”. Por todos esses meios a Tradição nos dá toda a Boa Nova, desenvolvida na mente da Igreja por todos os séculos e iluminada por sua experiência das realidades de que fala, sempre presentes nela, a fim de despertar e fomentar sua própria vida eclesial; similantemente a Escritura nos dá toda a Boa Nova no que tange ao fundamental do Mistério Cristão. Ambos são completos, mas a Tradição faz explícito certos elementos que na Escritura se encontram apenas em princípio: coisas como o cânon da Escritura, o cânon dos Sacramentos, e muitos pontos não só na mariologia, mas na 'teologia' em geral, como a divindade pessoal do Espírito Santo ou a igualdade das Pessoas divinas (CONGAR, 1960, p. 154-155).

Por fim, não se pode desvincular o processo de transmissão da Tradição da categoria de História. A paixão de Congar pela história, que podemos ver como expressão de seu referencial humanista, é uma atitude teórica, mas também prática ou ética, que consiste em saber-se fazendo história, com a responsabilidade que isso implica. A Igreja deve sempre confrontar sua Tradição, precisamente porque a história é parte constitutiva da própria Tradição. E a história coloca à Igreja sempre novas questões, às quais a Igreja, a partir da Escritura, deve responder para enfrentar as novas necessidades.

2 TRADIÇÃO E TRANSMISSÃO DA FÉ

Como vimos, o conceito congariano de Tradição não é apenas “transmissão de coisas”, mas um processo ativo e constante da transmissão da fé. Tradição é uma revelação viva, situada no presente, em comunhão com a fé apostólica, conservada durante todos esses anos pela comunidade de fé. O Catecismo da Igreja Católica afirma:

A transmissão da fé cristã é primeiramente o anúncio de Jesus Cristo, para levar à fé nele. Desde o começo, os primeiros discípulos ardiam do desejo de anunciar Cristo: “Pois não podemos, nós, deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos” (At 4,20). E convidam os homens de todos os tempos a entrarem na alegria de sua comunhão com Cristo. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, n. 425)

Assim, a transmissão da fé é, primeiramente, um anúncio (Querigma). São Paulo fez dos atos correlatos de transmitir e receber, e também de preservar, isto é, o próprio princípio da Tradição, a lei construtiva das Comunidades cristãs, em virtude do Ministério Apostólico a ele confiado. Neste sentido, “São Paulo pode ser considerado como o teólogo da Tradição” (CONGAR, 1964, p. 25). Na vida de Paulo, Tradição e transmissão da fé estão devidamente articuladas:

Lembro-vos, irmãos, o Evangelho que vos anunciei, que recebestes, no qual permaneceis firmes, e pelo qual sois salvos, se o guardais como vo-lo anunciei; doutro modo, teríeis acreditado em vão! Transmiti-vos, em primeiro lugar, aquilo que eu mesmo recebi: Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras. Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. Apareceu a Cefas e depois aos Doze (1Cor 15,1-5).

O Apóstolo também havia falado, antes, de si próprio como elo de uma sucessão de tradições, referindo-se ao rito da Ceia Eucarística, iniciada por Jesus. Ele próprio ouvira falar dela, antes de o comunicar, por sua vez, aos Coríntios, para que o praticassem com frequência como forma de “anunciar a morte do Senhor até que Ele venha” (1 Cor 11,23-26).

Existiam também outras tradições concernentes tanto ao “modelo de ensinamento” (Rm 6,17) como à prática de vida; Paulo chama a atenção para a importância da fidelidade a elas: “Eu vos louvo por vos recordardes de mim em todas as ocasiões e por conservardes as tradições tais como vo-las transmiti” (1Cor 11,2; cf. Fl 4,9). A importância de aderir aos ensinamentos e preceitos transmitidos oralmente é repetida também nas cartas escritas depois em nome de Paulo: “Portanto, irmãos, ficai firmes; guardai as tradições que vos ensinamos oralmente ou por escrito” (2Ts 2,15; cf. 3,6). Em São Paulo, a existência muito certa de uma transmissão apostólica está ligada à consciência, que a domina, de que o próprio Senhor faz tudo na sua Igreja (CONGAR, 1964, p. 29).

Em termos de comunicação, implica que os próprios agentes de transmissão tenham experimentado em sua própria carne que, o que é central à fé, é recebido como um evento transformador, que configura seus modos de ver, sentir, pensar, agir e situar-se no mundo. Esta é provavelmente uma das maiores contribuições da V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe, reunida em Aparecida (2007), ao enfatizar que só pode ser missionário – comunicador da vida em abundância que Jesus oferece – aquele que é o primeiro discípulo, que ele mesmo se deixou encontrar por Jesus que é Vida.

Com efeito, em diferentes contextos socioculturais, observa-se uma crise na transmissão ou tradição (entrega) da fé, nas suas expressões espirituais, celebrativas, dogmáticas, imaginativas, artísticas e normativas, de uma geração para outra. Em particular, as jovens gerações não recebem ou não estão em condições de receber tais expressões como estruturantes para suas vidas. Longe de qualquer moralização precipitada que apontasse para má vontade ou indisposição dos jovens, é uma situação radicalmente nova, na qual os atores desta transmissão muitas vezes se sentem impotentes. Além disso, seus conteúdos são anacrônicos para os jovens,

os canais de socialização e comunicação da fé estão desatualizados e suas linguagens são pouco ou praticamente insignificantes.

É o que os pastores e leigos reunidos em Aparecida apontam como uma das sombras que desafiam profundamente a Igreja no tempo presente:

Na evangelização, na catequese e, em geral, na pastoral, persistem também linguagens pouco significativas para a cultura atual e em particular para os jovens. Muitas vezes as linguagens utilizadas parecem não levar em consideração a mutação dos códigos existencialmente relevantes nas sociedades influenciadas pela pós-modernidade e marcadas por amplo pluralismo social e cultural. As mudanças culturais dificultam a transmissão da Fé por parte da família e da sociedade. Frente a isso, não se vê a presença importante da Igreja na geração de cultura, de modo especial no mundo universitário e nos meios de comunicação social. (DAp 100 d).

O fascínio pela tecnologia caracteriza nossa civilização. Para além das variantes interpretativas, o que nos interessa é a influência que esta nova dimensão exerce sobre o conceito de transmissão da fé e, conseqüentemente, sobre a Tradição cristã. A racionalidade científica do mundo modificou grandes componentes que sustentavam a abordagem do próprio conceito de fé desenvolvido nos séculos anteriores. É justamente a racionalidade científica o elemento que os jovens assimilam mais rapidamente, o que provoca um processo crescente de “destradiconalização” da experiência religiosa e uma correlata individualização da experiência religiosa.

Ora, se a ciência não consegue realizar a plena compreensão do mistério humano para o qual se encontra cega sem uma interpretação que o transcenda, as categorias teológicas correm o risco de esvaziar-se sem relação com a experiência. A transmissão da fé torna-se, então, mais precária se considerarmos que as novas gerações têm mais interesse no provado e funcional, não tanto pelo tradicional, como pelo desejo de transcendência.

Quem transmite a fé deve fazê-lo de tal maneira que as ideias, os símbolos, as estruturas sejam compreensíveis. Receber a Tradição é como quem recebe a herança de uma lavoura, tem de continuar a cuidar dela e a “atualizá-la” para não ficar sem sua plantação. A tradição é parecida, tem que atualizar, tem que continuar cuidando para não ficar sem fé.

CONCLUSÃO

Aqui tratamos às questões que hoje situam o problema da crise da transmissão da Tradição às novas gerações e especifiquemos de maneira específica o trabalho que cabe à Teologia. O contexto atual em que vemos uma certa crise na transmissão da fé às jovens

gerações podem ser lido simplesmente como um espaço ameaçador que leva à petrificação de certas formas tradicionais como resposta aos tempos instáveis e hostis que correm.

No pensamento congariano, é possível refletir a Tradição cristã na vida da Igreja como sendo, ao mesmo tempo, histórica e pneumática pela força atuante do Espírito Santo nela. A Tradição da fé é uma realidade que recebemos e que ultrapassa geração, colocando-se, assim, em uma continuidade que nos permite vislumbrar uma questão ainda maior sobre Deus. A fidelidade à Tradição é um retorno à fidelidade do Evangelho e ao mesmo tempo inovação de método na transmissão da fé, no culto e na espiritualidade.

A Tradição não é apenas um objeto que permanece em sua natureza fundamental, mas é um ato de comunicação que sempre ocorre em uma história à qual é impossível permanecer estranho. A Tradição não é uma simples retrospectiva ou repetição do passado: é a transmissão criativa de uma fidelidade a fé recebida. A tradição é a entrega do conjunto de expressões visíveis da fé e é uma ação que inclui estes elementos: um conteúdo (crenças, narrações, fórmulas, reflexões, usos, símbolos, costumes... que uma geração transmite à outra); um ato (o ato de entregar); uma recepção (o fato de acolher o que é entregue).

A afirmação de que a Tradição estaria em contradição com a racionalidade, tornou-se o credo mediante o qual a modernidade se opõe a tudo o que é transmitido, gerando uma crise na transmissão da fé. O processo de transmissão da fé só será entendido mediante a compreensão exata do conceito de Tradição, distinguindo entre o que é princípio daquilo que pode ser mudado com o passar do tempo. A fidelidade à Tradição está diretamente ligada ao entendimento de que ela não é um fóssil, é viva, “a Tradição progride” (Dei Verbum n. 8), está aberta até os finais dos tempos.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3 ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.

CELAM. Documento de Aparecida. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus; Paulinas, 2007.

CONGAR, Yves. La Tradición y las tradiciones: Ensayo Histórico. Tradução Victor Bazterrica. San Sebastian: Dinor, 1964.

CONGAR, Yves. The Meaning of Tradition. New York: Hawthorn Books, 1960.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. Teologia hoje: perspectivas, princípios e critérios. Brasília: Edições CNBB, 2012.

WICKS, Jared. Introdução ao método teológico. São Paulo: Loyola, 1999.

Saciar-se da água viva: um caminho de enfrentamento à pós-verdade no meio cristão

*João Gilberto Torres Aranha**

RESUMO

O apelo à emoção, sem equilíbrio com a razão, conduz à disseminação de notícias falsas, em todos os meios, inclusive o cristão. Diante disto, o trabalho objetiva, a partir de pesquisa bibliográfica, ligar o comparativo que o salmista apresenta no início do Salmo 1, daquele que segue a Deus como uma árvore à beira do rio, e a apresentação de Jesus como portador de água viva, nos capítulos 4 e 7 do Evangelho segundo João. Por esta conexão, será apresentada uma proposta de caminho para que os cristãos brasileiros analisem as informações recebidas conforme ensina o Evangelho, e não sejam desviados a uma pós-verdade ou à mentira. O discernimento passa por duas atitudes necessárias: ouvir a verdade e ser a verdade. Conclui-se que quando se assumem as limitações, se abre um espaço de revolução, para que a água viva que Jesus ofereceu à mulher samaritana e nos oferece, conduza os que bebem dela, mediante reflexão, ao caminho de salvação, à vida que transforma vidas e à verdade libertadora.

Palavras-chave: Pós-verdade. Verdade. Cristianismo. Libertação.

INTRODUÇÃO

Uma das frases bíblicas mais ouvidas no Brasil, nos últimos anos, vem diretamente do Evangelho de João, no capítulo 8, versículo 32: “[...] e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (BÍBLIA, 2004, p. 1865). O próprio Jesus, intitulado como o “Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14:6), conduz a teologia a lidar “com a pergunta pela verdade - tarefa que o teólogo nunca poderá dar por terminada, por revelar-se de formas sempre novas” (BARTH, 1989, p. 72).

Além disso, o processo atual de recebimento e absorção de informações é colossal, com o que é verdadeiro e o que é falso se misturando de modos absurdos. Essa tensão é tão grande que, em 2016, a palavra do ano escolhida pelo renomado Dicionário Oxford foi “pós-verdade” (HANCOCK, 2016), que significa: “relacionar ou denotar circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal” (OXFORD, 2016).

Esse apelo forte à emoção, em detrimento do equilíbrio com a razão, nos conduz à disseminação de notícias falsas, em todos os meios, inclusive o cristão. Segundo o relatório da pesquisa “Caminhos da Desinformação”, feito pelo Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (NUTES), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, “cerca de 49% dos evangélicos

* Graduando em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA-PR)

pesquisados afirmaram terem recebido mensagens com conteúdo falso ou enganoso em grupos relacionados à sua religião” (2021, p. 14) e “um terço dos entrevistados não parecem estar muito preocupados com os efeitos da desinformação em suas comunidades. Não checam, não se incomodam, não percebem” (2021, p. 15).

O Salmo 1, em seu versículo 5, aponta que o caminho seguido por aquele que caminha na lei de Deus será “como a árvore plantada junto a riachos” (BÍBLIA, 2004, p. 864), se alimentando da água corrente, fluida e viva. Jesus se coloca como aquele que daria a água viva e que, quem bebesse dessa água, nunca mais teria sede. É uma afirmação tão impactante que ela é repetida e instigada pelo próprio Cristo, para que todos encontrem, nele, essa água: “Se alguém tem sede, venha a mim e beberá, aquele que crê em mim!” (Jo 7.37-38).

O trabalho tem o objetivo de, a partir de pesquisa bibliográfica, fazer um elo entre o comparativo que o salmista apresenta nos primeiros versículos do Salmo 1, daquele que segue a Deus como uma árvore à beira do rio, e a apresentação de Jesus como portador de água viva, nos capítulos 4 e 7 do Evangelho segundo João. A partir desta conexão, se procurará apresentar uma proposta de caminho para que os cristãos brasileiros analisem as informações recebidas conforme ensina o Evangelho, e não sejam desviados a uma pós-verdade ou à mentira.

1 A ÁRVORE NUTRIDA PELA ÁGUA VIVA

O Salmo 1 introduz a coleção de hinos e orações apresentando, como uma introdução que convida o leitor ao exame de consciência imediato antes do mergulho nos demais textos, dois caminhos para o ser humano: um para aqueles que observam os mandamentos divinos e outro para os que não o fazem.

Os três primeiros versículos do Salmo exaltam o quão “feliz o homem que não vai ao conselho dos ímpios, não para no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos zombadores” e se refere àqueles que foram citados nos dois versos anteriores, como “árvore plantada junto a riachos: dá seu fruto no tempo devido e suas folhas nunca murcham; tudo o que ele faz é bem sucedido” (BÍBLIA, 2004, p.864), apresentando uma espécie de base moral para aqueles que seguem os preceitos de Deus, a partir do momento em que o ser humano coloca o seu prazer na meditação da lei, em todos os instantes, como consequência da ação direta da graça divina.

Três características importantes, que são consequências naturais deste processo de sustento (ESTUDO, 2017). A primeira é que sempre existirão águas para se alimentar quando se é colocado junto aos riachos, deixando que o Espírito Santo seja o auxiliador constante da

jornada. A segunda é que os frutos aparecerão no tempo determinado por Deus, nunca naquele determinado pelo homem, exigindo perseverança na caminhada. A terceira característica é que haverá prosperidade espiritual pelos dias, quando a confiança e a esperança estão depositadas na provisão celestial.

2 QUEM É O RIO DE ÁGUA VIVA?

No Evangelho segundo João, Jesus relaciona a sua vida e aquilo que Ele tem a oferecer para os que creem em seus ensinamentos com água viva e corrente nos versículos 7 a 14 do quarto capítulo, onde a mulher samaritana se surpreende com um judeu não somente estabelecendo contato com ela, mas pedindo para que a mesma lhe desse um pouco de água. Os judeus e os samaritanos possuem um entrave histórico a ponto de que o ato de dividir a água com uma samaritana, pudesse fazer com que Jesus pudesse ter quebrado as leis de pureza levíticas. Jesus consegue, naturalmente, compreender a direção do discurso da samaritana, tirando o foco dos tabus da lei mosaica, apontando para si mesmo e suas perspectivas e possibilidades celestiais: se ela, ao menos soubesse o presente que Deus tinha para ela e com quem ela estava falando, ela é quem estaria pedindo água. E não uma água qualquer: uma água viva que quem beber, nunca mais terá sede. (Jo 4.13-14).

A provocação do próprio Jesus, para que todos se voltassem para ele, e fossem em sua direção, sem medo, é reafirmada quando, no último dia da festa das tendas (uma das mais importantes do povo judeu), Jesus, em pé, diz a seguinte frase: “Se alguém tem sede, venha a mim e beberá, aquele que crer em mim!” (Jo 7.37-38). Cristo chama o ser humano a ir diretamente a ele, afirmando que é somente ele quem pode saciar a sede de todos (CALVINO, 2015, p. 329).

O ato de voltar-se para o que Cristo nos oferece, entendendo que “do seu seio, jorrarão rios de água viva” (Jo 7.38) vai de encontro à atitude dos que buscam suas respostas fora do escopo e da reflexão cristã, deixando sociedades inteiras totalmente despreparadas para dar o lugar verdadeiro e digno à Cristo. Então, como manter a relação com Deus, a partir de Jesus Cristo, de maneira a não se desviar do caminho divino da verdade, diante de tantas verdades ditas como absolutas, no meio da sociedade contemporânea?

3 SACIAR-SE DA ÁGUA VIVA

A era da pós-verdade leva a sociedade a “adotar uma postura que se decanta pelo subjetivo e emocional, silenciando o objetivo e racional, reforçando, principalmente, crenças, opiniões, ideologias e preconceitos” (RUIZ, 2021). Essa mudança de atitude faz com que as pessoas – especialmente através das redes sociais – adotem situações estranhamente paradoxais, como não acreditar em nada, mas, ao mesmo tempo, serem capazes de acreditarem piamente em qualquer coisa (GRIJELMO, 2017).

Dentro desse conflito de sentimentos e teorias, o processo de discernimento necessita perpassar por duas atitudes (PFEIFFER; VOS; REA, 2007, p. 1990). A primeira delas é *ouvir a verdade*, em um mergulho profundo em cada âmago, clamando “que não seja Moisés a falar comigo, nem algum dos profetas, mas que seja o Senhor a falar (KEMPIS, 2017, p. 92-93) de forma direta e pessoal, revelando “sua presença mesmo em meio às maiores obscuridades do mundo” (REINKE, 2019, p. 20).

A segunda atitude é *ser a verdade*, ou seja, experimentar essa verdade divina a partir do instante em que se age de acordo com ela, mediante uma revelação clara e consistente da parte de Deus (PFEIFFER; VOS; REA, 2007, p. 1990), se amoldando, diariamente, à imagem e semelhança de Jesus, que apontou para si mesmo como caminho, verdade e vida (Jo 14.6).

A despeito disto, algumas pessoas, com o intuito de destruir a dignidade alheia, sem exercer nenhuma análise daquilo que têm em mãos, compartilham notícias falsas veiculadas diariamente pela internet (o termo em inglês é “*fake news*”) e as tomam como verdadeiras. se deixando induzir pelo discurso por não estarem comprometidas com a verdade, mas com aquilo que mais se alinha aos seus conceitos, desde que seja favorável a elas (FERNANDES, 2021).

Jesus faz um convite explícito a todos os seus seguidores: ouvir apenas o que Ele diz, pois é o único caminho para a libertação (ALEXANDRE, 2020, p. 18), tendo seu auge a partir de um ser completo que se move pela verdade.

CONCLUSÃO

Uma das informações mais importantes apresentadas no relatório da pesquisa “Caminhos da Desinformação” do NUTES, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é a de que 21,7% dos evangélicos pesquisados afirmam que as situações que são decorrentes da circulação de mentiras levam a conflitos, discussões ou ruptura. Ou seja, um percentual considerável sabe que a disseminação de informações falsas não tem a capacidade de levar o

debate para outro caminho, senão os confrontos violentos de ideias, sem que os lados envolvidos entendam a situação e trabalhem para conduzir a discussão para uma solução de esclarecimento, perdão e paz.

O chamado de cada cristão a ser promotor da paz acontece quando assumimos as limitações que a humanidade impõe, que se abre um espaço de revolução, para que a mesma água viva, que Jesus ofereceu à mulher samaritana e que oferece, ainda nos dias de hoje, para todos aqueles que tem sede, possa saciar, conduzindo a sua criatura, mediante reflexão, em uma condição filial, ao caminho de salvação, à vida que transforma vidas e à verdade que liberta.

Neste caminho de santificação, onde se desconstrói e reconstrói seres que são conduzidos à uma ética pessoal e se produz um espírito público (COSTA, 2017), o movimento que Jesus provoca é de um diálogo sincero, pautado em oração, informação em fontes confiáveis, respeito às opiniões alheias (por mais absurdas que possam parecer, em alguns momentos), num processo diário e gradual, onde a verdade de Cristo brilhe e prevaleça. Se não houver esse exercício, a tendência é de que todos os lados continuem presos às suas verdades (ou pós-verdades), onde “inflamados e cegos de paixão, acabaremos ainda mais distantes da liberdade necessária para poder olhar todos os lados da questão e, assim, crescer no entendimento de uma realidade cada vez mais complexa” (ALEXANDRE, 2020, p. 22).

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, R. E a verdade os libertará: reflexões sobre religião, política e bolsonarismo. São Paulo: Mundo Cristão, 2020.

BARTH, K. Introdução à teologia evangélica. Tradução de Lindolfo Weingärtner. 4. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1989.

BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém. 3ª impressão. São Paulo: Paulus, 2004.

CALVINO, J. O Evangelho segundo João. Prefácio de Franklin Ferreira e tradução de Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Fiel, 2015.

CAMINHOS da desinformação: evangélicos, fake news e WhatsApp no Brasil: relatório de pesquisa. Alexandre Brasil Fonseca; Juliana Dias (coord.). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde, 2021. Disponível em: <<https://www.nutes.ufrj.br/pesquisa/publicacoes/livros/>>. Acesso em: 1 set. 2021.

COSTA, A.C. Teologia da trincheira: reflexões e provocações sobre o indivíduo, a sociedade e o cristianismo. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

ESTUDO Salmos 1: O caminho dos ímpios e dos justos – Verdades Bíblicas. Enfoque Bíblico, [s.l.], 2017. Disponível em: <<https://enfoquebiblico.com.br/salmos-1/>>. Acesso em: 1 set. 2021.

FERNANDES, R. Fake news: um olhar teológico. Bereia: informação e checagem de notícias, [s.l.], 12 fev. 2020. Disponível em: <<https://coletivobereia.com.br/fake-news-um-olhar-teologico/>>. Acesso em: 27 set. 2021.

LUIS GONZÁLEZ, J. Cultura & Evangelho: o lugar da cultura no plano de Deus. São Paulo: Hagnos, 2011.

GRIJELMO, Á. A arte de manipular multidões. El País, Brasil, 28 ago. 2017. Seção Opinião. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/22/opinion/1503395946_889112.html>. Acesso em: 22 set. 2021.

HANCOCK, J. R. Dicionário Oxford dedica sua palavra do ano, ‘pós-verdade’, a Trump e Brexit. El País, Brasil, 17 nov. 2016. Seção Internacional. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638_931299.html>. Acesso em: 1 set. 2021.

KEMPIS, T. Imitação de Cristo. Tradução de Antivan Guimarães. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

PFEIFFER, C. F.; VOS, H. F.; REA, J. Dicionário bíblico Wycliffe. Tradução de Degmar Ribas Júnior. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2007.

REINKE, A. D. Os outros da Bíblia: história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

RUIZ, P. Verdade e pós-verdade. Pastoral Universitária PUC Minas. Minas Gerais, [2020?]. Seção Pensando Bem. Disponível em: <<https://www.pucminas.br/Pastoral/pensandobem/paginas/verdade-e-p%C3%B3s-verdade.aspx>>. Acesso em: 22 set. 2021.

WORD of the Year 2016. Oxford Languages. Oxford, England: Oxford University Press, 2016. Disponível em: <<https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>>. Acesso em: 1 set. 2021.

Teologia e ideologia: relação e incidências na vida da Igreja

*Darlan Alcântara Sousa**

RESUMO

A sociedade pós-moderna, marcada profundamente pelo pluralismo e subjetivismo, tem sido protagonista de discussões acaloradas acerca de quase todos os temas que tocam a humanidade. As instituições e seus valores nunca estiveram tão em cheque quanto agora. Também a Igreja com sua doutrina e teologias tem sido questionada e confrontada. Entre os fiéis, não há uma postura uniforme sobre muitos temas e a polarização tem ganhado força em seu meio, inclusive no âmbito digital onde os discursos são carentes dos pressupostos teológicos mais elementares, o que possibilita a argumentação sem fundamentação. Nas discussões sobre as teologias ou sobre a vivência da fé, tornou-se clichê acusar o outro de conceitos mal compreendidos, como ideológico, liberal, conservador, marxista, comunista, direitista ou esquerdista. Percebe-se uma visão exclusivista em algumas linhas da teologia em detrimento da pluralidade, própria do campo teológico. O que gera, conseqüentemente, divisão no tecido eclesial e enfraquece a força do testemunho dos cristãos para o mundo. Face à falta de uma compreensão mais ampla acerca da reflexão teológica, da elaboração de teologias contextuais ou novas teologias e de suas conseqüências para a vida prática de toda Igreja, o presente trabalho objetiva apresentar uma compreensão mais profunda sobre a Teologia como ciência humana e espera, por conseqüência, tornar-se instrumento de superação da divisão através da consciência de que é possível uma convivência frutuosa entre as diversas possibilidades de vivência da fé cristã no catolicismo.

Palavras-chave: Teologia. Ideologia. Reflexão. Práxis Pastoral. Comunicação.

INTRODUÇÃO

A sociedade pós-moderna, marcada profundamente pelo pluralismo e subjetivismo, tem sido protagonista de discussões acaloradas acerca de quase todos os temas que tocam a humanidade. As instituições e seus valores nunca estiveram tão em cheque quanto agora. Também a Igreja com sua doutrina e teologias tem sido questionada e confrontada. Entre os fiéis, não há uma postura uniforme sobre muitos temas e a polarização tem ganhado força em seu meio, inclusive no âmbito digital onde os discursos são carentes dos pressupostos teológicos mais elementares, o que possibilita a argumentação sem fundamentação.

Nas discussões sobre as teologias ou sobre a vivência da fé, tornou-se clichê acusar o outro de conceitos mal compreendidos, como ideológico, liberal, conservador, marxista, comunista, direitista ou esquerdista. Percebe-se uma visão exclusivista em algumas linhas da teologia em detrimento da pluralidade, própria do campo teológico. O que gera,

* Licenciado em Filosofia (UFSC); Bacharelado em Teologia (PUC Minas); Instituição financiadora da Pesquisa: FAPEMIG.

consequentemente, divisão no tecido eclesial e enfraquece a força do testemunho dos cristãos para o mundo.

1 PROBLEMÁTICA

Como teologia e ideologia relacionam-se? Quais são as implicâncias de tal relação na vida prática da Igreja? O aspecto sociocultural influencia o fazer teológico? Há ideologia somente numa proposta teológica ou todas estão permeadas por ela? A ideologia está ligada somente à teologia da libertação? Os discursos teológicos distintos falam todos a partir de um mesmo referencial e chegam à mesma conclusão? Como entender os diversos conceitos sobre elementos comuns não somente ao cristianismo, como também ao catolicismo?

2 TEOLOGIA

A reflexão teológica é de fundamental importância para a vida da Igreja, uma vez que é por meio dela, com seu método e epistemologia próprios, que se faz possível a iniciativa humana de compreender os mistérios divinos a partir da revelação e da experiência da fé. Assim, todo o esforço humano volta-se para Deus e faz dele seu principal objeto de conhecimento, na iniciativa de um maior aprofundamento daquele que, sendo todo mistério, deu-se a revelar e inaugurou limites transcendentais à capacidade humana. Dessa forma, pode-se afirmar que toda elaboração teológica é fruto de uma operação intelectual humana sobre Deus, mediante sua revelação (LIBÂNIO; MURAD, 2014, p. 61).

No decorrer da história, muitas elaborações teológicas foram produzidas, o que legou à Igreja um vasto acervo de conteúdos acerca da revelação divina, configurando-se, assim, como exemplos animadores de criatividade teológica (LIBÂNIO; MURAD, 2014, p. 238). É verdade que em muitos aspectos se distinguem e em alguns temas estão diametralmente opostas, uma vez que os contextos em que nasceram e as motivações que as impulsionaram são diferentes e objetivavam resultados também diferentes. Tal diversidade na unidade configura-se como uma verdadeira riqueza para toda a Igreja.

Todavia, a diversidade não tem sido vista com bons olhos e os diferentes prismas teológicos têm ocasionado divergência entre os fiéis cristãos e até mesmo entre os católicos. Afetadas pela subjetividade, pluralismo e polarizações as pessoas têm tido dificuldade de compreender a existência das várias teologias no tecido eclesial. Acabam por eleger uma em detrimento de todas as outras. “O equívoco se cria nos últimos séculos. A teologia, com poucas

exceções, cristaliza-se enormemente. Aferrando-se a categorias e conceitos já consagrados, cerceia a pesquisa e se fecha ao enriquecimento” (LIBANIO; MURAD, 2014, p. 237)

Assim, o fazer teológico deve ser compreendido como esforço intelectual do homem acerca de Deus e como um exercício marcado pelos limites próprios do teólogo e da cultura em que está inserido. Entenderemos a relação entre teologia e ideologia à luz do teólogo Juan Luis Segundo e como esta incide na vida prática da Igreja, a partir das imagens e concepções que dela derivam.

2 IDEOLOGIA

O tema da relação entre teologia e ideologia não é uma novidade no meio acadêmico, já há muito se discute sobre o assunto. Nesta linha de pesquisa, destacam-se grandes teólogos, em especial, latino-americanos, como é o caso de Juan Luis Segundo.

Juan Luis Segundo (1925-1996), jesuíta uruguaio, desenvolveu sua teologia a partir da realidade da América Latina. Dedicou grande parte de sua reflexão acerca da temática da presença da ideologia no discurso teológico. Para ele, “há uma complementariedade entre teologia e ideologia, uma vez que, na teologia da revelação, por exemplo, a ideologia, aliada à fé, é elemento principal na metodologia em que o homem busca meio para realizar a tarefa, dada por Deus, da libertação dos problemas históricos que desumanizam e oprimem”. (SOARES, 2005, p. 65)

O homem, apesar de ser *capax dei* e do seu aspecto relacional com o Criador é, todavia, marcado por sua condição criatural, que o impõe um duplo limite, a saber: em primeiro lugar, o aspecto existencial, por ser criatura, não tem uma experiência plena de Deus, apesar da possibilidade de conhecê-lo profundamente; em segundo lugar, o aspecto racional, toda a estrutura de que ele predispõe está marcada também pela limitação, logo, a razão e a linguagem são insuficientes na elaboração do discurso teológico: é impossível abarcar todo o mistério divino com as palavras humanas. “No fundo, está em jogo uma linguagem que se faz necessária, mas impossível. Necessária porque sem linguagem não temos acesso à realidade. Por mais misterioso que seja, Deus é realidade. Impossível porque nossa linguagem se forja a partir de experiências humanas, criaturais, históricas, e Deus é Deus para além de toda criatura, toda história” (LIBÂNIO; MURAD, 2014, p. 80).

O aspecto sociocultural também deve ganhar espaço na reflexão sobre os limites da teologia ou mesmo do processo da reflexão teológica pois, ao teólogo, é impossível refletir sobre Deus de maneira alheia a si mesmo, à Sagrada Escritura, à comunidade de fé ou à

sociedade. Isto significa dizer que não existe uma teologia etérea, desprovida de historicidade, uma vez que aquele que reflete é uma criatura concreta, inserida num determinado tempo-espaco, em determinada cultura e com determinada maneira de assimilar suas experiências, sejam elas existenciais ou racionais. Afinal, a vida e a teologia cristãs, esclarecidas pela luz do Evangelho, devem se conformar ao gênio de cada cultura, em acordo com as tradições particulares e com as ricas tradições dos povos. Com isso a teologia manifesta sua unidade na diversidade e tem seu trabalho enriquecido (AD GENTES, 22).

Nesta linha de raciocínio, se somados os elementos aqui já elencados, linguagem e razão limitadas, experiência sociocultural e emocional, logo se perceberá que o resultado teológico é fruto de um processo muito mais complexo do que comumente se imagina. A esse escopo de elementos denomine-se ideologia. Uma vez que o termo ideologia é visto com maus olhos por grande parte do meio teológico atual, faz-se necessária uma verdadeira compreensão de seu significado para um real entendimento de sua contribuição na reflexão teológica e, por consequência, na *práxis* da Igreja.

Na tentativa de expandir sua significação e superar uma visão unilateral e negativista, onde ideologia é entendida a partir de um sentido reduutivo, tornando-se instrumento unidimensional a serviço da classe dominante em função da tomada de poder e conceito-chave na teoria do materialismo dialético de Karl Marx. Entende-se o termo, para os fins desta apresentação, a partir de seus sentidos extensivo, teórico-pluralístico, pragmático-exclusivístico, descritivo e, por fim, valorativo; extensivo e etimológico porque a ideologia passa a significar um conjunto de ideias, convicções e doutrinas próprias de uma época, uma sociedade, uma classe. No âmbito da teoria e do pluralismo, a ideologia pode-se configurar como sistema cultural de um grupo humano num período histórico. Há o sentido pragmático exclusivístico, onde a ideologia orienta para ação, para a transformação do mundo. Por fim, diga-se que, num sentido descritivo, a ideologia pode se tornar um sistema de interpretação global do real (LATOURELLE; FISICHELLA, 2017, p. 357).

Para Segundo, ideologia corresponde a uma dimensão antropológica e deve ser entendida como um meio, um método pelo qual a fé se realiza. Ela está subordinada à fé e com ela deve relacionar-se de maneira complementar, uma vez que constituem a base da liberdade humana. (BOTELHO, 2007, p. 338). Isso significa dizer que “a fé sem ideologias não é fé e que uma ideologia sem fé também não é ideologia. Nesta relação entre fé e ideologia fica clara a necessidade da fé se encarnar em ideologias” (AHLERT, 2008, p. 342). Assim ele a define: “uma ideologia não apropriada degrada a fé. E uma fé que não reconhece todos os seus componentes conduz a uma ideologia contraproducente” (SEGUNDO, 1985, p. 405)

Nas palavras de Juan Luis: “vamos chamar de ideologia todo o saber do homem sobre eficácia, isto é, sobre o que acontece se se põem certas condições que é necessária pôr se querem conseguir certos resultados. É um saber que nasce sempre subordinado a valores, ou seja, a satisfações” (SEGUNDO, 1985, p. 34). O valor em questão é a fé e os certos resultados são a vivência autêntica de tal valor que serão conseguidos por meio da ideologia, por isso “nunca se escolhe um valor como dominante simplesmente porque realizável. Pelo contrário, buscar-se-ão métodos eficazes na direção dos valores mais apreciados”. (SEGUNDO, 1985, p. 34).

Por fim, diga-se que “a ideologia é, para Segundo, um sistema de fins e meios necessários para o agir do ser humano. Para, conforme suas antropologias, alcançar a felicidade. Ideologia é qualquer sistema de pensamento que integra, agrupa ou divide os seres humanos, o que significa que ideologia não possui um caráter valorativo, mas neutro e universal” (AHLERT, 2008, p. 335). A essa definição de ideologia pode-se aliar o processo de construção teológica ao longo de todos os anos do cristianismo e torná-la uma chave para maior compreensão acerca da diversidade dos discursos teológicos, afinal não há uma única teologia, e sim, várias teologias (LIBANIO; MURAD, 2014, p. 236).

As matrizes teológicas são expressões de processos de reflexão sobre os mistérios divinos impulsionados por leituras e posições ideológicas para se conseguir determinados resultados que corroborem com suas iniciativas. De alguma maneira, pode-se dizer que o dado revelado, matéria-prima do teólogo, ganha nova interpretação mediante as leituras feitas pelo teólogo que tem, ao seu redor, consciente ou inconscientemente, os elementos ideologizantes e elementos próprios da humanidade que foi assumida na encarnação do Filho de Deus (LIBANIO; MURAD, 2014, p. 240). E ainda: “a teologia cristã necessariamente se contextualiza. Negar tal realidade favorece a absolutização de determinado modelo como se fosse o único e legítimo e compromete as possibilidades de crescimento da ciência da fé” (LIBANIO; MURAD, 2014, p. 241)

Quando vistas as teologias a partir deste prisma, deve-se fazer o seguinte questionamento: é possível uma teologia/reflexão teológica que seja privada de uma ideologia?

CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, espera-se que, além de uma compreensão mais consciente da teologia, alcance-se uma postura honesta e respeitosa diante das teologias da Igreja, e, por fim, contribua para a unidade dos meios acadêmico e pastoral, entendendo a Teologia como ciência humana. Dessa forma, supere-se a divisão através da consciência de que é possível uma

convivência frutuosa entre as diversas possibilidades de vivência da fé cristã no catolicismo. Relacionando com o tema do simpósio, evoco a mensagem do Papa Francisco à Associação de Imprensa Católica, no ano de 2020: “Precisamos de meios de comunicação capazes de construir pontes, defender a vida e derrubar muros, visíveis e invisíveis, que impedem um diálogo sincero e uma verdadeira comunicação entre as pessoas e as comunidades. Temos necessidade de meios de comunicação que possam ajudar as pessoas, especialmente os jovens, a distinguir o bem do mal, a formular juízos corretos, com base numa apresentação clara e imparcial dos acontecimentos, a compreender a importância do compromisso a favor da justiça, da harmonia social e do respeito pela casa comum. Precisamos de homens e mulheres de princípio, que protejam a comunicação contra tudo o que poderia deturpá-la ou desviá-la para outras finalidades”.

Assim, embora teologia e ideologia não sejam equiparáveis, estão em constante relação, na tentativa genuína de comunicar ao homem de todos os tempos e culturas o dado revelado e a matéria da salvação da humanidade. Há uma comunicação de Deus ao homem e do homem ao mundo, que passa necessariamente pelos esquemas e compreensões humanas da realidade total, o que também podemos chamar de ideologia.

REFERÊNCIAS

AHLERT, Alvori. Fé e ideologia na teologia da libertação: inter-relações na obra de Juan Luis Segundo. *Theologica xaveriana*, Bogotá, v. 58, n. 166, p. 317-346, jul./dez. 2008. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-36492008000200002. Acesso em: 28 abr. 2022.

BOTELHO, André da Conceição Rocha. Teologia na complexidade: do racionalismo teológico ao desafio transdisciplinar. 2007. Tese (Doutorado) – Curso de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

DECRETO CONCILIAR AD GENTES. Documentos do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.

FRANCISCO, Papa. Mensagem do papa Francisco à catholic media conference promovida pela associação de imprensa católica. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20200630_messaggio-catholic-press-association.html . Acesso em: 02 out. 2022.

IDEOLOGIA. In: LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. Dicionário de Teologia Fundamental. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 355.

LIBANIO, J.B; MURAD, A. Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas. 9 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

SEGUNDO, Juan Luis. O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré I: fé e ideologia. Trad. Benno Brod. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

_____. O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré II/1: sinóticos e Paulo, história e atualidade. Trad. Benno Brod. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

_____. O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré II/2: cristologia. Trad. Benno Brod. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

SOARES, Afonso Maria Ligório (org.). Dialogando com Jon Sobrino. São Paulo: Edições Paulinas, 2009.

Francisco: um papa hipertextual

*Gustavo Laureano Pinto**

RESUMO

O Papa Francisco, em suas diversas viagens, aparições e escritos, apresenta sua enorme capacidade comunicativa. Utilizando-se da análise das redes realizada por Pierre Lévy, podemos classificar o papa, através de seu magistério, como *hipertextual*, ensinando não somente pelas palavras, mas pelas ações. Busca-se, nesta comunicação, analisar a atuação comunicacional do Papa, dando ênfase para sua visão das redes sociais, estabelecendo como os cristãos devem se portar no ambiente digital. Tal pesquisa, através da análise bibliográfica dos textos do pontífice e de Pierre Lévy, pretende verificar como as redes são um caminho necessário para concretizar a cultura do encontro, um dos principais conceitos no magistério de Francisco. Pode-se concluir que o Papa Francisco assume algumas categorias presentes na caracterização das redes, mesmo que não beba diretamente desta fonte. Ele considera as redes como um espaço privilegiado para as relações humanas, acentuando mais o aspecto relacional que o tecnológico, caminho necessário para que se supere os desafios atuais do ambiente digital.

Palavras-chave: Papa Francisco. Cultura do encontro. Pierre Lévy. Hipertexto. Ambiente Digital.

INTRODUÇÃO

Segundo um dos principais autores que atualmente estuda as relações entre comunicação e teologia, Antonio Spadaro, editor chefe da revista *La Civiltà Cattolica*, há, ao menos, sete abordagens ou campos de ação para este tema. De modo particular, interessa-nos duas destas possibilidades: o estudo da comunicação como contexto para o saber teológico e o uso de estruturas da comunicação para estabelecer uma reflexão teológica (cf. SPADARO, 2012, p. 31), proposta concretizada pela aproximação entre Pierre Lévy, filósofo e sociólogo francês, e o atual pontífice, o Papa Francisco. Este empreendimento relacional entre o espaço teológico e o comunicacional, postulado por Spadaro, já aparece na *práxis* eclesial desde o surgimento da Igreja, mas a partir do novo milênio, com o advento e a popularização da *Internet*, a perspectiva comunicacional é alterada, sendo marcada mais profundamente nos últimos anos pela experiências dos *smartphones* e dos dispositivos móveis, que permitem a conexão em qualquer lugar, além da pandemia da COVID-19, que exigiu que as comunidades eclesiais pudessem se

* Graduado em Filosofia pela Faculdade de São Bento (SP) e graduando em teologia pela PUC-SP. Pesquisa desenvolvida a partir do financiamento pelo PIBIC-CEPE. E-mail: glaureanop@gmail.com

readaptar ao mundo digital, postura esta que só ocorre de maneira correta através do entendimento das suas estruturas e seu contexto. Como todo processo de verdadeira evangelização ao longo da caminhada da Igreja, é necessário o conhecimento de onde se está inserido para bem anunciar Cristo. Nossa tese nesta comunicação é de que o Papa Francisco apresenta um magistério hipertextual. Vejamos o que isto significa.

1 PIERRE LÉVY E SEU HIPERTEXTO

Para compreendermos melhor a esfera do digital, utilizamos como aporte a obra de Pierre Lévy, filósofo e sociólogo francês, que, desde a década de 90, busca analisar a reconfiguração cultural da sociedade a partir do advento do mundo conectado, tornando-se um dos mais conceituados filósofos da mídia. Numa de suas obras, este autor tem por missão manifestar o papel das tecnologias da informação na constituição das culturas e do pensamento (LÉVY, 2010b, p. 12), argumentando que o advento das novas tecnologias de comunicação, nomeadamente a *Internet*, afeta diretamente o modo de pensar em nossa sociedade contemporânea.

Ao analisar as características do novo modo de informação atual, vê-se os conteúdos ali presentes não são vistos de forma isolada. Cada palavra, vídeo, texto, áudio, gráfico, constitui um nó, um ponto de informação que está ligado a outros. Vai-se de um a outro em poucos cliques, antes da sua completa absorção, afetando o modo com que estas informações são assimiladas, conectadas. Assim, para expressar esse modo próprio da inteligência de nossa época, Lévy propõe o conceito de *hipertexto*, que seria uma forma não linear de apresentar e consultar informações. Nessa forma, uma pequena rede é composta de “nós interconectados”, pontos de informação, que por sua vez, se abrem a diversos “novos nós”, se conectando com novos centros informativos. Os conteúdos estão profundamente vinculados, ainda que, partindo do mesmo “nó”, da mesma informação, possam se chegar a locais diferentes, já que estão em rede, não em linearidade, fluindo de acordo com o interesse do usuário. Embora uma biblioteca possa ser entendida como um *hipertexto*, já que apresenta relações entre seus diversos centros de informação, como os livros e as fichas de catalogação, o *hipertexto* digital dispõe as informações em uma rede mais intuitiva e rápida (cf. LÉVY, 2010b, p. 59), facilitando o acesso à informação.

O grande exemplo de *hipertexto* digital é a *Internet*, a junção destas pequenas redes informacionais, sendo este grande *hipertexto*, crescendo conforme o aumento de conteúdo adicionado à esfera virtual. Há, assim, uma descentralização na rede, já que não há apenas um

emissor de informações e diversos receptores. Todos são protagonistas no ciberespaço, como seus construtores e colaboradores constantes, através de suas opiniões, aptidões e conhecimentos. Disponível em qualquer computador com acesso à rede, esta avalanche de informações produzida massivamente favorece o aparecimento de uma inteligência coletiva, onde todos os usuários podem recolher informações e dar suas contribuições para o aumento do conhecimento humano.

Embora seja o usuário que determina o seu modo de utilizar as redes, parece haver uma vocação benéfica dos novos meios de comunicação, estreitando laços, promovendo um local de maior fraternidade entre os povos e de resolução dos problemas que afligem a humanidade (cf. LÉVY, 2015, p. 13), otimismo teórico que, muitas vezes, foge da prática vista nas redes, onde os discursos de ódio, a disseminação de *fake news* e outros tantos atos despontam reinantes.

2 O MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO

O Papa Francisco, desde sua primeira aparição como bispo de Roma, em suas diversas viagens, aparições e escritos, manifesta sua enorme capacidade comunicativa, chamando a atenção dentro e fora da comunidade católica, por seus gestos carregados de significado, de sentido. Pode-se ver diversos exemplos desta sua atuação, como a recente visita ao Canadá, sua 37ª viagem apostólica, chamada pelo próprio papa de peregrinação penitencial (cf. FRANCISCO, 2022, s/p), procurando estar próximo deste povo e pedindo perdão pelas mortes de indígenas causadas sob a responsabilidade da Igreja em solo canadense¹. Nela, discursou para este povo presencialmente, de forma próxima, mas também agiu, devolvendo ao país dois pares de mocassins que lhe haviam sido entregues, como sinal do flagelo sofrido pelas crianças indígenas. Além disso, foi um intermediário no acordo entre Estados Unidos e Cuba, amenizando os impactos do embargo estadunidense à ilha (cf. FRANCISCO, 2015, s/p), evidenciando sua função diplomática como chefe de Estado.

Outro sinal recente foi a utilização de uma cadeira de rodas, por conta de um problema em seu joelho direito. Se alguns, por conta da saúde do papa já começam a pensar no próximo conclave², sua condição de limitação física ajudou-o a iluminar suas falas nas Audiências Gerais, que versaram sobre a velhice, onde mesmo com suas fragilidades, os idosos são chamados a dar testemunho de vida para os demais (cf. FRANCISCO, 2022, s/p). Nos diversos

¹ <https://www.bbc.com/portuguese/geral-58021143>

² <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/618604-papa-francisco-o-pre-conclave-ja-comecou-e-nao-ha-porque-se-escandalizar-e-os-nomes-de-alguns-candidatos-papaveis-ja-estao-circulando>

silêncios de seu ministério, como na oração do povo em favor do novo pontífice no dia de sua eleição, antes da benção apostólica, ou na oração na praça de São Pedro vazia pelo distanciamento físico causado pela pandemia da Covid-19, o papa transmite sua mensagem com eficácia. Assim, seus gestos são capazes de chegar a todos, evidenciando um dos principais impulsos de seu ministério: a promoção de uma cultura do encontro.

Em seus escritos, tal proposta encontra-se sistematizada. Em sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, tratando sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, exortação que tem o peso de ser como um programa de seu pontificado, ele escreve reforçando o caráter missionário da Igreja, que leva necessariamente à promoção de uma cultura do encontro, assumindo o risco do encontro com o próximo (cf. EG, 88), na “mística do viver juntos” (n. 87), em comunidade (cf. n. 92). Sua proposta, que brota do Mistério de Cristo e de seu Evangelho, pretende ir na contramão do que é visto em muitos contextos da sociedade, numa cultura da exclusão, individualismo e do descarte (cf. CORAZZA, 2019, p. 144).

Para que a proposta da cultura do encontro encontre eco na prática pastoral no contexto digital, pressupõe-se a superação de uma postura eclesial fechada, abrindo-se a um espaço onde todos podem contribuir, “prontos a ouvir e a aprender uns dos outros” (FRANCISCO, 2014, s/p). O verdadeiro diálogo só acontece quando há um compromisso dos dois lados em aprender mutuamente, sabendo dar e receber, harmonizando as diferenças. Para que isso aconteça, é necessário o dom da escuta, pois “só se sairmos do monólogo é que se pode chegar àquela concordância de vozes que é garantia duma verdadeira comunicação” (FRANCISCO, 2022, s/p). A escuta proposta pelo papa é algo profundo, saindo da superficialidade das relações, escutando com o coração, num processo que envolve toda a pessoa, não apenas um único sentido.

3 ALGUMAS APROXIMAÇÕES ENTRE LÉVY E FRANCISCO

Esclarecidos alguns conceitos, busquemos relacionar os dois autores. Uma das teses de Lévy é que o desenvolvimento do mundo virtual estimula o mesmo impulso no mundo ordinário, ainda que a evolução digital seja mais rápida (cf. LÉVY, 2010a, p. 221). Se na *Internet* já temos um mundo organizado em rede, hipertextual, parece que o Papa Francisco, através, sobretudo, de suas encíclicas *Laudato Si'* e *Fratelli Tutti*, quer propor esta mesma estrutura no mundo cotidiano, fomentando a fraternidade e a amizade social em âmbito universal, onde os povos se ajudam mutuamente com seus recursos e informações, para solucionar nossas debilidades e problemas, na certeza de que tudo no planeta está interligado

(cf. LS, 91). Propor uma amizade social com a ajuda de todos é formar uma inteligência coletiva também no mundo desconectado.

Apesar desta relação inicial, não é possível afirmar que a estrutura em rede digital e a do mundo cotidiano são equivalentes. Um dos principais pontos de divergência é o sentido que é dado a esta estrutura. Para o filósofo francês, toda a estrutura em rede presente nas redes forma universal sem totalidade (cf. LÉVY, 2010a, p. 257), universal pela sua expansão, ao menos presumida, para todos, formando um único grupo, mas a ausência de totalidade é a ausência de sentido comum a este grupo, já que cada usuário lhe dá uma aplicação, um sentido. O Papa Francisco analisa que vivemos num mundo onde pensar um sentido global é escandaloso (cf. FT, 16), mas afirma que o amor cristão faz com que os indivíduos possuam um sentimento de pertença mútua entre si (cf. FT, 95), gerando corresponsabilidade, solidariedade, dando um sentido para uma ação global entre todos os homens e mulheres de boa vontade. De maneira especial, para o cristão, o amor é o fundamento que confere sentido a toda sua vida e atuação, modo pelo qual se verifica a intimidade com o Deus-amor (cf. 1 Jo 4,8). No amor fraterno, fundamentado no próprio Deus, há uma mensagem universal completa, total, com ou sem o mundo conectado, caminho que deve ser abraçado por todos os cristãos.

Se um hipertexto é construído por diversos agentes de forma efetiva, na troca constante de informações e saberes, podemos ver como no ministério do Papa Francisco há uma busca por um diálogo eclesial permanente, onde todos os batizados dão a sua colaboração. Ele sabe da sua responsabilidade enquanto pontífice de orientar e conduzir os católicos nestes tempos, mas conta com a participação de todos os fiéis. Já no dia de sua eleição, isso fica manifesto, ao pedir que o povo possa abençoá-lo, manifestando acessibilidade, abertura à escuta, humanidade (cf. VIGANÒ, 2017, p. 17), atitude que fazem parte da personalidade de sua pessoa, não sendo um artifício criado após sua eleição como bispo de Roma.

Desde o início de seu pontificado, parece prevalecer a via dialógica, buscando sempre a conversa e o diálogo para a construção de pontes, não de muros. Na *Evangelii Gaudium*, o papa não deseja sobrepor a sua análise da realidade às realizadas nos diversos contextos em que a Igreja se encontra (cf. EG, 16), favorecendo o exame em cada local. Na *Amoris Laetitia*, o papa recorda que “nem todas as discussões doutrinárias, morais ou pastorais devem ser resolvidas através de intervenções magisteriais” (AL, 3), reforçando a necessidade de reflexões próprias de cada cultura, também no contexto digital, sem que haja prejuízo da doutrina comum estabelecida.

O ponto alto desta trajetória dialogal parece-nos ser o Sínodo dos Bispos 2021-2023. O sínodo apresenta uma importante mudança metodológica: a consulta e participação de diversas

instâncias da Igreja. Realizado em um período de dois anos, a participação está dividida em quatro fases: diocesana, conferência episcopal e Igrejas orientais, continental e universal. Assim, todos os católicos são chamados a refletir sobre a própria estrutural sinodal, sobre o modo de escuta e caminhada na Igreja. Não é uma reflexão de um único grupo, mas o todo caminha e constrói junto as propostas e anseios. Deve se olhar o todo e todos podem colaborar neste processo, enriquecendo-o com suas contribuições. O processo sinodal apresenta, portanto, um alargamento no caminho da descentralização, favorecendo as diversas experiências de encontro entre os pastores de cada local com seu povo. Se é impossível que o papa se encontre com todas as pessoas, deseja ao menos escutá-las, verificando suas contribuições para a caminhada da Igreja.

CONCLUSÃO

Há um frutuoso encontro entre a comunicação e a teologia. Pode-se confirmar que o Papa Francisco pode ser entendido como um magistério *hipertextual*, utilizando-se de uma estrutura comunicacional estabelecida por Pierre Lévy. Não se espera de Francisco apenas textos doutrinários. Além dos discursos, o pontífice apresenta um modo de viver e de se relacionar que rapidamente trouxe admiração, dentro e fora da Igreja, apesar das perseguições sofridas por este mesmo estilo ministerial. Seus gestos e ações dão testemunho de proximidade das feridas da Igreja e da sociedade (cf. CORAZZA, 2019, p. 144). Sua postura é paradigmática para os cristãos nas redes sociais, superando os riscos do fechamento e da auto referencialidade para se encontrar com todos, criando uma verdadeira cultura do encontro no ambiente digital.

Se Lévy postula o hipertexto como rede informacional descentralizada, formando uma inteligência coletiva, o magistério atual parece propor algo parecido para a prática intra e extra-ecclesial, no desejo de criar e fortalecer uma rede fraterna, amiga entre os povos do globo, buscando integrar todas as pessoas como portadoras de um saber que pode agregar ao todo. O Sínodo 2021-2023 parece desejar reafirmar que a responsabilidade pela Igreja é de todos, sendo o resultado de um caminho magisterial, onde Francisco ampliou a descentralização, ou ainda, para encaixar nos termos comunicacionais, ampliou um processo de redes, numa colaboração entre todas as instâncias eclesiais. Que este processo possa render frutos para a vida da Igreja também na prática eclesial dentro das redes sociais.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 13ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2019.

CORAZZA, Helena. PUNTEL, Joana T. Os papas da comunicação: estudo sobre as mensagens do Dia Mundial das Comunicações. São Paulo: Paulinas, 2019.

FRANCISCO. Carta Encíclica *Fratelli Tutti* sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

_____. Carta Encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

_____. Catequese sobre a Velhice – Pedro e João. Disponível em: < <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2022/documents/20220622-udienza-generale.html>. > Acesso em: 23 jun 2022.

_____. Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro. Mensagem do Santo Padre para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações. Disponível em: < http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. > Acesso em: 06 jan 2022.

_____. Discurso do Santo Padre no encontro com as populações indígenas das First Nations, dos Métis e dos Inuit. Disponível em: < [vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/july/documents/20220725-popolazioniindigene-canada.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/july/documents/20220725-popolazioniindigene-canada.html). > Acesso em: 27 jul 2022.

_____. Entrevista com o Santo Padre durante o Voo de Santiago de Cuba a Washington D.C.. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150922_intervista-santiago-washington.html. > Acesso em: 30 mai 2022.

_____. Escutar com o ouvido do coração. Mensagem do Santo Padre para o LVI Dia Mundial das Comunicações Sociais. Disponível em: < <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20220124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>. > Acesso em: 15 mai 2022.

_____. Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

_____. Exortação pós-sinodal *Amoris Lætitia* sobre o amor na família. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. Tradução Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010a.

_____. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. Tradução Luiz Paulo Rouanet. 10 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

_____. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução Carlos Irineu da Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010b.

SPADARO, Antonio. Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos de rede. Tradução Cacilda Rainho Ferrante. São Paulo: Paulinas, 2012.

VIGANÒ, Dario Edoardo. Irmãos e irmãs, boa noite! O Papa Francisco e a nova comunicação da Igreja. Tradução Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2017.

Discípulo sem sorriso e sorriso sem discípulo: a formação dos discípulos missionários e o sentido de vida comunitária na era digital

*Sergio Esteban González Martínez**

RESUMO

Os desafios contemporâneos impõem-se na vida social comunitária; os sujeitos encontram-se interpelados pelas diversas realidades que pedem respostas. A fraternidade, o diálogo, a concepção de casa comum e a amizade social são afetados pela realidade fragmentária, parcial, episódica, individualista e superficial do sistema econômico que visa formar pessoas e comunidades vulneráveis para manipulação. Dentro desse contexto, a Igreja é chamada a formar discípulos missionários com identidade e missão comprometidas com o mundo, capazes de criar espaços de união e participação. Destarte, por meio de estudos bibliográficos, este trabalho pretende refletir sobre como a era digital influencia na formação e autorrealização dos discípulos missionários na concepção comunitária. O Papa Francisco, com seus diversos escritos, abriu luzes de reflexão, em harmonia com o Documento de Aparecida, que cria esperança na formação dos discípulos missionários. A afirmação que iluminará e dará sentido a esta pesquisa, orientada na dimensão existencial da vida cristã como corpo e estrutura, é: discípulo sem sorriso e sorriso sem discípulo.

Palavras-chave: Discípulo. Missão. Comunidade. Formação. Era digital.

INTRODUÇÃO

Olhar para a formação dos discípulos missionários no contexto contemporâneo é de suma importância, ao ser a comunidade de fé interpelada pela realidade atual no ambiente digital. Com um ritmo cada vez mais rápido, o grande desafio é o sentido de comunidade: como ser comunidade? Assim, este trabalho pretende responder a esta questão a partir de uma afirmação: discípulo sem sorriso e sorriso sem discípulo. Essa expressão conota a realização existencial do discípulo missionário no termo “sorriso” e na palavra “discípulo” ressalta o sentido da estrutura, corpo, comunidade, linguagem. Ante a tendência atual ao individualismo, fragmentação e massificação que gera intolerância, conflito e exclusão; este escrito acadêmico pretende criar pontes para a vida comunitária, com a intenção de gerar laços relacionais duradouros, com capacidade de resposta no que se refere ao sentido de unidade na sociedade,

* Possui graduação em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2019). Graduando em Psicologia na Universidade Católica do Salvador. Especialista em Psicanálise pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (2022). Membro do Grupo de Pesquisa Teologia e Cultura; Profecia e Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e do Grupo de Pesquisa *Fratelli Tutti* da Universidade Católica do Salvador. E-mail: sergioestebangonza@gmail.com

considerando o gênero humano como uma só família, aquela que vive o compromisso e a participação numa casa comum.

1 A FORMAÇÃO DOS DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS

A sociedade na atualidade apresenta-se num dinamismo que surpreende o sujeito contemporâneo. A comunidade mundial vive em constante movimento, o que desafia o gênero humano a impelir respostas cada vez mais rápidas e prontas. Ante essa realidade, Joel Birman comenta que, “a contemporaneidade se revela como uma fonte permanente de surpresa para o sujeito, que não consegue se regular nem se antecipar aos acontecimentos, que como turbilhões jorram de maneira disseminada ao seu redor” (BIRMAN, 2014, p. 7). Essa realidade caracteriza-se por ser uma caixa de surpresa que desafia o sujeito e a comunidade a se atualizarem e a dialogarem. Essa relação dialógica foi a mais modificada e afetada pela pandemia da Covid-19, já que, para manter o contato social, desenvolveu-se, tecnologicamente, no âmbito digital, encontros virtuais num contexto de isolamento, assim potencializaram-se novas formas de relações rápidas e fáceis. A dificuldade do rápido avanço encontra-se na desproporcionalidade do espaço de encontro virtual com a capacidade de comunicação: o resultado dessa desproporção gera conflito e intolerância nas relações, como afirma González Martínez ao mencionar que a falta de preparação para o diálogo e para o conflito tornam as pessoas e a sociedade agressivas, divididas e intolerantes (GONZÁLEZ MARTÍNEZ, 2021, p. 584).

A Igreja, ao estar inserida na realidade social, é afetada por esses desafios da contemporaneidade. Então, como pensar a formação dos discípulos missionários nesse contexto? Será possível fomentar o sentido de pertença à comunidade e identidade com o irmão e a irmã dentro desse ambiente? Pode-se criar espaços de encontro que fomente a estrutura vivencial comunitária da fé? Quais caminhos tomar para não cair, como Igreja, na tentação de buscar respostas rápidas e prontas a esses desafios, tendo em conta que uma das bases da construção da paz social e do bem comum apresenta que “o tempo é superior ao espaço” (EG, 222)? Qual o futuro do sentido do “ser comunidade” e do “ser missão” na cultura virtual? Ainda mais, como não cair no individualismo, no vazio existencial e nem na solidão nessa conjunção?

O Documento de Aparecida oferece luzes que ajudam a responder, a partir da fé, as realidades contemporâneas. Dentro da formação do discípulo missionário, o documento destaca a palavra “processo”, justamente indagando os aspectos dessa palavra que pode constantemente atualizar a identidade cristã. Mas, antes de apresentar os cinco elementos, ressalta-se a

importância de criar espaços de processos numa cultura da “velocidade”. O Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* sublinha um elemento para construção da paz social e do bem comum: o tempo superior ao espaço. Criar espaços que fomentem “processo” é perceber a superioridade do tempo sobre a categoria de espaço. Esse princípio ajuda a enxergar a importância de trabalhar a longo prazo, como disse Francisco, “sem a obsessão pelos resultados imediatos” (EG, 223). Ao mesmo tempo, a busca desse processo se fortalece ao conduzir à dinâmica comunitária, garantindo estrutura e amizade social, “um indivíduo pode ajudar uma pessoa necessitada, mas, quando se une a outros para gerar processos sociais de fraternidade e justiça para todos, entra no <campo da caridade mais ampla, a caridade política>” (FT, 180).

Os cinco elementos que o Documento de Aparecida apresenta são o encontro com Jesus Cristo, a conversão, o discipulado, a comunhão e a missão (DOCUMENTO DE APARECIDA, 278). Esse caminho formativo responde às necessidades e aos desafios contemporâneos. O primeiro elemento é a base de toda formação missionária: o encontro com Jesus Cristo; tudo parte e se fortalece na pessoa de Jesus. É Ele quem chama e orienta para um constante seguimento. Justamente, essa é a grande provocação da fé na era digital: criar espaços de encontro e reencontro pessoal, tanto no que se refere à comunidade de discípulos missionários, como, também, na pessoa do Mestre. Existem momentos que podem ser fortalecidos no ambiente digital, mas esses espaços não substituem o encontro face a face com o outro, como apontou o Diretório para a Catequese, ao falar das linguagens e ferramentas digitais, “é necessária uma comunicação autêntica, fruto da interação real entre as pessoas” (DIRETÓRIO PARA A CATEQUESE, 217).

O segundo elemento apresentado pelo Documento de Aparecida no processo de formação do discípulo missionário é a conversão, que é a resposta das pessoas que seguem a Jesus Cristo. A vida missionária é, na sua essência, uma constante conversão: a mudança acontece no seguimento. Sendo assim, pode-se afirmar que o “ser discípulo” se faz no caminho e na comunidade. Existe o elemento universal imutável que é a imitação das palavras e gestos do Mestre por parte dos seguidores ao fazerem continuidade da Sua missão, mas encontra-se também o aspecto mutável, ou em movimento, que é a mudança de vida a partir do evento salvífico, que se manifesta na conversão. Se esse elemento do processo formativo estiver em sintonia com o movimento da sociedade contemporânea, a comunidade dos discípulos missionários responderia constantemente aos desafios que a contemporaneidade apresenta. É oportuno destacar que essa conversão acontece no diálogo e na participação comunitária. Os discípulos, ao viverem a dinâmica de ser um “Igreja em saída”, mudam, pois sair de si para ir ao encontro do outro provoca necessariamente movimento existencial na vida missionária.

O terceiro aspecto formativo proporcionado pelo Documento de Aparecida é o discipulado. Ele ajuda a comunidade cristã no conhecimento da fé e no amadurecimento do aspecto da caridade que acontece no seguimento. Normalmente, cai-se na tentação de reduzir o discipulado no aspecto intelectual, mas é justamente o segundo elemento – a caridade – onde os seguidores do Mestre aprendem a amar o outro da mesma maneira que Jesus Cristo, “a pessoa amadurece constantemente no conhecimento, amor e seguimento de Jesus Mestre, se aprofunda no mistério de sua pessoa, de seu exemplo e de sua doutrina” (DOCUMENTO DE APARECIDA, 278). A Campanha da Fraternidade de 2022, que apresenta o tema: *Fraternidade e Educação* e o lema: *Fala com sabedoria, ensina com Amor* (cf. Pr. 31,26), proporciona alguns elementos que podem ampliar a compreensão do discipulado, ao ressaltar três aspectos de crescimento: idade, sabedoria e graça. Segundo o Texto-Base, o próprio José ensina a Jesus essas três dimensões: “crescer em idade, crescer em sabedoria, crescer em graça: este é o trabalho que José levou a cabo em relação a Jesus” (CF, 2022, 281). Destarte, pode-se afirmar que o discipulado toma ampla importância na vida de fé ao implicar um crescimento e um amadurecimento mais complexo que o intelectual.

O quarto elemento da formação do processo do discípulo missionário é a comunhão. O ser Igreja e o ser missão têm sentido na palavra comunhão, em vista que não existe fé cristã nem dinamismo missionário sem comunidade. O Documento de Aparecida esclarece que “não pode existir vida cristã fora da comunidade: nas famílias, nas paróquias, nas comunidades de vida consagrada, nas comunidades de base” (DOCUMENTO DE APARECIDA, 278). Mas, é oportuno realçar que a concepção de comunidade ou de casa comum acontece na experiência progressiva de vida: ela inicia na família, se prolonga na Igreja e na escola, para posteriormente ampliar-se na polis, “se para educar uma criança é preciso uma aldeia inteira, nesta mesma aldeia existem atores fundamentais neste processo: a família, a Igreja, a escola, e a sociedade” (CF, 2022, 238). Em sequência, a vivência progressiva do sentido de pertença à comunidade amadurece na percepção de uma comunidade mundial, onde todos são partícipes e responsáveis no todo, como disse Francisco: “a consciência de sermos uma comunidade mundial que viaja no mesmo barco, em que o mal de um prejudica a todos. Recordamo-nos de que ninguém se salva sozinho, de que só é possível salvar-nos juntos” (FT, 32).

O quinto aspecto do processo de formação do discípulo missionário é a missão; ela é a resposta do encontro pessoal, da mudança progressiva de vida, do discipulado e da comunidade. A missão é o compromisso com a fé cristã ao abrir caminho para toda a obra da Igreja, para a atividade missionária expressa no anúncio e para a vivência da identidade com o outro e consigo mesmo dentro da comunidade. A missão é proporcional ao encontro com o Transcendente e

semelhante “à medida que conhece e ama o seu Senhor, experimenta a necessidade de compartilhar com outros a sua alegria de ser enviado, de ir ao mundo para anunciar Jesus Cristo, morto e ressuscitado” (DOCUMENTO DE APARECIDA, 278). Torna-se pertinente distinguir três tipos de expressões de missão que o Papa Francisco apresenta na *Evangelii Gaudium*: a missão como atividade de evangelização numa Igreja em saída com portas abertas (EG, 46), a missão como “paradigma de toda a obra da Igreja” (EG, 15) e a missão como dimensão existencial, “eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo” (EG, 273).

2 DISCÍPULO SEM SORRISO E SORRISO SEM DISCÍPULO

Os cinco aspectos da formação do discípulo missionário ajudam a perceber a importância do processo de crescimento e amadurecimento na vida comunitária e missionária, a percepção da dimensão existencial da fé e da identidade cristã num contexto de movimento se realiza no corpo e na estrutura. Não existe discípulo sem comunidade; a realização e a missão têm a sua essência na comunhão dos discípulos que se unem em uma linguagem e estrutura, que a organizam e interpelam. Posto isso, pode-se iniciar uma reflexão com relação ao título do trabalho: discípulo sem sorriso e sorriso sem discípulo. Essa afirmação toma como base o sorriso, que é a resposta de uma realização de vida pessoal e comunitária, onde o sujeito se deixa interpelar pela estrutura, pelo outro. Com a intenção de descrever a importância da estrutura da linguagem, se traz a obra em espanhol de Lewis Carroll no livro: *Alicia en el País de las Maravillas* quando, no diálogo de Alice com o gato de cheshire, a moça afirma: “¡vaya! – se dijo Alicia –. He visto muchísimas veces un gato sin sonrisa, ¡pero una sonrisa sin gato! ¡Es la cosa más rara que he visto en toda mi vida! (CARROLL, 2003, p. 62). A estrutura percebe-se no corpo, não existe possibilidade de sorriso sem a estrutura do “corpo do gato” ao ser parte inerente dela.

A mesma realidade de estrutura, linguagem, corpo ou comunidade pode ser refletida na experiência do discípulo. Assim, percebe-se que não existe “sorriso” sem o corpo comunitário, sem gato ou sem “discípulo”; entretanto, a estrutura ou corpo não garante que o “sorriso” esteja presente no “discípulo”. Em outras palavras, é na comunidade como corpo que os discípulos missionários se realizam, encontrando seu lugar no mundo; mas, se a comunidade não oferece espaços saudáveis para viver a missão de seguir Jesus Cristo, a realização “sorriso” desaparece do corpo do discípulo, tornando-o insatisfeito e alienante. Outro ponto que é propício mencionar é “sorriso sem discípulo”, expressão que conota a tentação de viver a fé sem a estrutura do corpo, uma fé individualista e fragmentada, sem a característica de unidade. Viver um

seguimento sem criar laços comunitários e missionários reduz a experiência cristã em mero “narcisismo”. Ante essa realidade, torna-se oportuno refletir a importância da *comunidade de comunidades: uma nova paróquia*, como afirma o Documento 104 da CNBB, “assim a paróquia, sem prescindir do território, é muito mais o local onde a pessoa vive sua fé, compartilhando com outras pessoas a sua experiência” (CNBB, Doc.104, 107).

A noção de corpo como estrutura – linguagem – que marca a missão faz perceber a fé cristã não só como relação vivencial dos discípulos, senão também como resposta ante a sociedade contemporânea que desafia o sujeito comunitário. Pode-se compreender, a partir desse pensamento, que o diálogo e a participação da comunidade de fé são importantes para responder as interpelações do tempo presente. Ao mesmo tempo, faz-se significativo perceber que a própria realidade não é solitária, não existe realidade social, senão “realidades”. O teólogo Francisco de Aquino auxilia nessa afirmação quando apresenta a realidade de pobreza e marginalização em seis categorias: “como uma realidade coletiva, complexa, produzida, subjetiva, política e espiritual” (AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 86). A finalidade da resposta dos discípulos nesse contexto plural abre horizonte para formar uma ação complexa. É na participação no corpo heterogêneo onde a comunidade responde aos desafios, trazendo as palavras do Papa Francisco, essa ação heterogênea é manifestada na imagem do poliedro, na qual não existe massificação ou negação das partes ao ser essa figura a que, “reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade” (EG, 236).

CONCLUSÃO

A realização da vida cristã encontra-se no seguimento de Jesus Cristo, que acontece na comunidade; é ser uma Igreja unida no mesmo projeto, participantes do mesmo barco, onde se encontra o sentido de ser discípulo missionário. A comunidade como conjunto é o lugar de crescimento e amadurecimento da fé; na estrutura poliédrica encontram-se os laços que une o sujeito na mesma figura. Por isso, na cultura digital, onde o espaço e o tempo são afetados, torna-se propício repensar a maneira de criar laços. Se existe na formação da fé a prioridade da relação como elemento duradouro, os espaços físico e virtual – categorias essenciais para as relações humanas – transformam-se numa ponte para ser comunidade. Não se pode negar a importância do espaço físico e do espaço digital, como também não se pode tornar o fim sem ter em conta o elemento da experiência de vida que fomenta laços sociais fraternos. À vista disso, é necessário perceber que o espaço de encontro é progressivo e permanente, iniciando na família, escola, Igreja e, posteriormente, estendendo-se na sociedade para chegar na concepção

de planeta como casa comum. Perceber essa realidade manifesta a realização da missão de Jesus Cristo de considerar o gênero humano como irmãos, membros de um só Pai. Isso provoca mudanças na afirmação inicial que foi inspiradora deste trabalho: discípulo sem sorriso e sorriso sem discípulo; para dar lugar à nova afirmação: discípulo com sorriso.

REFERÊNCIAS

- AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Teologia em saída para as periferias. São Paulo: Paulinas; Pernambuco: UNICAP, 2019.
- BIRMAN, Joel. O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- CARROLL, Lewis. Alicia em el País de las Maravillas. Madrid: Ediciones del Sur, 2003.
- CELAM. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB, São Paulo: Paulus/Paulinas, 2007.
- CNBB. Campanha da Fraternidade 2022: texto-Base. Brasília: Edições CNBB, 2021.
- CNBB. Comunidade de Comunidade: uma nova paróquia. Documento 104. Brasília: Edições CNBB, 2013.
- GONZÁLEZ MARTÍNEZ, Sergio Esteban. A figura do poliedro em tempos de crise. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TEOLOGIA PASTORAL, v. 6, n. 1, 2021, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: FAJE, 2021. p. 584-592. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/4876/4716>>. Acesso em: 21 set. 2022.
- PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica Fratelli Tutti sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.
- PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. Diretório para a Catequese. São Paulo: Paulus, 2020.

Múltiplas juventudes, múltiplas propostas pastorais

*Valéria Andrade Leal**

RESUMO

A pluralidade é marca visível da sociedade atual. Aspectos da globalização e da era digital fazem crescer a diversidade diminuindo as distâncias entre diversas culturas juvenis. A presente pesquisa, como parte de investigação acerca da evangelização juvenil no Brasil e o querigma, buscou caracterizar a diversidade de propostas pastorais para as diferentes juventudes de forma a anunciar-lhes o Cristo vivo a partir de suas próprias experiências de vida e de comunidade eclesial. O ponto de partida é a análise das propostas pastorais das chamadas “expressões juvenis”, assim denominadas pelos documentos da Comissão Episcopal Pastoral para Juventude – CNBB. Para tanto, procedeu-se com a análise documental e crítica dos textos oficiais da conferência episcopal brasileira e fragmentos de documentos próprios das expressões juvenis e suas manifestações nas redes sociais em canais oficiais de diferentes grupos. Observou-se que cada expressão juvenil é fruto de uma experiência local, particular e/ou comunitária e que apresenta desafios pastorais próprios entre os quais destaca-se a unidade e sentido de pertença à comunidade eclesial como um todo.

Palavras-chave: Juventudes. Expressões juvenis. Evangelização juvenil.

INTRODUÇÃO

Às diversas formas de evangelização das juventudes no Brasil correspondem à diversidade de rostos jovens com suas experiências distintas de “ser jovem” em seus distintos contextos e experiências religiosas. O presente trabalho, busca provocar reflexão acerca da variedade de propostas e grupos de evangelização juvenil existentes no Brasil, chamadas de “expressões juvenis”, e compreender sua existência enquanto resposta à realidade juvenil também marcada pela pluralidade. O que se apresenta é parte de uma pesquisa mais ampla acerca da evangelização juvenil, ainda em andamento. Entretanto, a prática pastoral e a análise bibliográfica permitem defender a urgência do reconhecimento positivo da diversidade no interno da comunidade eclesial para gerar maior integração e amadurecimento dos diferentes grupos.

Com a diversidade surge o desafio da unidade, da formação integral, do diálogo, da fraternidade, sobretudo se considerarmos o contexto de polarizações e absolutização de discursos e ideias. Espera-se que o reconhecimento da beleza da diversidade possa favorecer o

* Doutoranda em Teologia Sistemático Pastoral – PUC-Rio. Mestre em Teologia pela PUCPR, Especialista em Filosofia da Educação pela UFPR. Pedagoga pela PUCPR. Assessora da Comissão Episcopal Pastoral para Juventude – CNBB. Religiosa do Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus. E-mail: vandradeleal@yahoo.com.br

crescimento de cada grupo em sua identidade e no processo de acompanhar jovens no seguimento de Cristo a partir de um encontro pessoal e performativo que se traduza, sobretudo na capacidade de acolher e conviver com o diferente, condição para a sinodalidade e para a própria vida em sociedade. Para isso, o ponto de partida é o Evangelho e o apelo para a formação integral da juventude, buscada, de maneiras diferentes nos grupos que se propõem a atuar pastoralmente com a juventude e que, na interação, poderão questionar-se e aprender como melhor servir ao Reino promovendo a vida da juventude e seu crescimento humano e espiritual.

1 DIFERENTES EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS

Já é amadurecida a reflexão acerca da pluralidade na sociedade globalizada, bem como o uso da expressão “juventudes” ao invés do termo no singular. Facilmente se percebe que, de acordo, com gênero, classe social, contexto cultural e, até mesmo opções pessoais, a forma de se experimentar a juventude é bastante diversificada, como já alertava Margulis e Urresti (1996).

Para diferentes pessoas, em diferentes contextos, também as experiências religiosas assumem características próprias e produzem identificação com grupos religiosos distintos. As diferentes formas da experiência religiosa são facilmente percebidas ao perceber o número alto de igrejas e grupos religiosos que convivem em um ambiente urbano, e até mesmo rural. As denominações marcam identidades pessoais e comunitárias que são expressas em símbolos, ritos, cantos, espaços sagrados, costumes, comidas, doutrinas e tantos outros elementos que são próprios de cada grupo. Em cada uma delas há distintas experiências de sentido, de significados dados à relação com o sagrado e que, mesmo se compartilhadas com o grupo, para cada pessoa é também única.

Da mesma forma, no interno da Igreja Católica, nota-se que a experiência religiosa, embora tenha a mesma fonte cristã, compartilhe símbolos, cantos, ritos e um sistema simbólico, é também marcada pela diversidade de grupos, tendências e experiências religiosas que se sistematizam, dentro da comunidade católica, compondo grupos distintos. Como afirmam os bispos brasileiros: “A Igreja é uma em pluralidade de situações, que não se opõe à unidade mais profunda em Cristo. Em sua diversidade, e não apesar dela, é que os homens são um em Cristo e no Povo de Deus” (CNBB, 1972, n. 18). Sendo múltiplas as experiências humanas de juventude, igualmente variadas são as experiências de Deus de cada pessoa e sua identificação com a comunidade eclesial se dá por diferentes meios e grupos.

2 SETOR DIOCESANO DE JUVENTUDE

Com já afirmado, é natural que, na sociedade plural, surjam diferentes grupos com base em experiências religiosas ancoradas em específicos lugares geográficos, históricos, étnicos... É fácil identificar, por exemplo, o pentecostalismo católico que difere das teologias da libertação que, por sua vez, são também distintas dos movimentos eclesiais europeus difundidos no Brasil, sejam eles mais recentes ou já bastante tradicionais, trazidos ainda pelos colonizadores e migrantes. Embora unidas pela mesma fé e doutrina, a Católica Apostólica Romana, estes e outros grupos, organizam-se e manifestam de formas específicas sua oração, sua ação caritativa, sua relação entre os pares, sua vivência cristã. Não cabe neste trabalho, questionar tais tendências ou avaliá-las como boas ou más, eficientes ou não, apenas quer-se considerar sua coexistência no mundo católico que resulta no desafio da unidade, sobretudo das juventudes, enquanto membros da mesma Igreja. Além do desafio da evangelização das juventudes no mundo secularizado, marcado por desigualdades, por sonhos e frustrações, surge o desafio da unidade, da fraternidade, do reconhecimento do valor das diferentes perspectivas em que se pode vivenciar a fé cristã.

Aos constatar realidade e a importante colaboração na missão evangelizadora dos diferentes grupos, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, propôs a criação do Setor Juventude em âmbito (arqui)diocesano, no intuito de “organizar uma articulação mais ampla que envolva todas as forças que trabalham com jovens” (CNBB, 2007, n. 186) e promova “a unidade de todas as forças ao redor de algumas metas e prioridades comuns” (CNBB, 2007, n. 196). Em âmbito nacional, a proposta é de que todos os grupos possam sentir-se representados e assistidos pela Igreja, em suas peculiaridades. Para concretização desse projeto, considera-se dois momentos cruciais: 1) o reconhecimento de diferentes formas de evangelização, de experiências religiosas, de engajamento comunitário coabitando os mesmos espaços. 2) O empenho em promover uma real e fraterna integração das diferentes propostas evangelizadoras tendo em vista o bem das juventudes.

3 DIFERENTES PROPOSTAS EVANGELIZADORAS

Dentro da proposta da CNBB, reconheceram-se, no primeiro momento da reflexão, as Pastorais da Juventude (Pastoral da Juventude, Pastoral da Juventude Estudantil, Pastoral da Juventude no Meio Popular e Pastoral da Juventude Rural), os movimentos eclesiais, as novas comunidades, as congregações religiosas que trabalham com as juventudes a partir dos seus

carismas, e outros grupos que também atuam com jovens como a Catequese Crismal, Pastoral da Educação, Universitária, Vocacional, etc. (CNBB, 2007, n. 193). Em cada um dos grupos citados, existem uma gama de denominações e experiências que enriquecem a ação evangelizadora no Brasil. Mais recentemente, a publicação do texto “Grupos paroquiais, jeito jovem de ser Igreja” evidencia o reconhecimento de mais esta *expressão juvenil* que é como a Comissão Episcopal Pastoral para Juventude refere-se aos diferentes grupos paroquiais.

O termo *expressão juvenil* remete justamente às diferentes formas, expressões, dos jovens que vivenciam sua fé nas diferentes comunidades eclesiais católicas, nos diferentes grupos que se formam a partir de experiências de encontro com o Senhor e se consolidam com suas peculiaridades, planejamentos, objetivos, metodologias e opções preferenciais. Juntas, as expressões juvenis, compõem a Pastoral Juvenil que é “a organização da ação da Igreja, presente em cada uma das expressões juvenis ou na articulação entre elas, que garante a Evangelização da Juventude” (CNBB, 2013, p. 95).

A Pastoral Juvenil, busca, portanto, ser um elo entre as diferentes expressões juvenis, acolhendo-as numa organização que, em âmbito diocesano e nacional, integra e promove o intercâmbio de experiências a partir do reconhecimento da contribuição que cada uma delas oferece à evangelização. Já posta desde 2007, como o documento “Evangelização da juventude”, vem de encontro a proposta que mais de dez anos nos apresenta o Papa Francisco:

seria altamente desejável recolher ainda mais as boas práticas: metodologias, linguagens, motivações que se revelaram realmente atraentes para aproximar os jovens de Cristo e da Igreja. Não importa a cor delas: se são «conservadoras ou progressistas», se são «de direita ou de esquerda». O importante é recolher tudo aquilo que deu bons resultados e seja eficaz para comunicar a alegria do Evangelho (Francisco, 2019a, n. 205).

À diversidade de juventudes, corresponde as variadas formas de evangelização juvenil. Esse reconhecimento, na prática, implica na valorização de propostas distintas, considerando-as como contribuição e oportunidade de acolhidas aos diferentes rostos juvenis que manifestam o desejo de uma experiência de encontro com o Cristo Ressuscitado. Para tanto, é necessário um exercício de superação de preconceitos, de absolutização da própria proposta e um renovado ardor missionário que aponte para o Reino e não para o próprio grupo, sem com isso, ignorar a necessidade de amadurecimento das propostas e metodologias de cada grupo conforme sua identidade, tendo como base os valores do Evangelho e a formação integral.

4 PROMOÇÃO DA UNIDADE

O reconhecimento e a valorização dos vários grupos e propostas evangelizadoras, pressupõe um amadurecimento na caridade fraterna para atender ao desejo de Jesus: “Que todos sejam um, como tu, Pai estás em mim e eu em ti” (Jo 17, 20). Todavia, é natural que haja tensões, sobretudo quando um grupo não conhece a fundo a proposta do outro e tira conclusões a partir de pré-conceitos ou de aparências. A unidade, passa pela consciência de que, em analogia ao Papa Francisco, a realidade “não é ‘monocromático’, mas – se tivermos coragem para isso – podemos contemplá-lo na variedade e na diversidade das contribuições que cada um pode dar”, e acrescenta: “Como precisa a nossa família humana de aprender a viver conjuntamente em harmonia e paz, sem necessidade de sermos todos iguais!” (FRANCISCO, 2019b). Assim é a realidade da evangelização juvenil no Brasil, marcada pela presença de muitas juventudes e muitas propostas evangelizadoras.

Cabe a consciência de que a “unidade é superior ao conflito” (FRANCISCO, 2013, n. 228) e que as tensões existentes não podem ser ignoradas ou minimizadas, mas também são determinantes. Já os jovens e os padres sinodais, no sínodo sobre a juventude (SÍNODO DOS BISPOS, 2018, N. 131), reconheceram que cada comunidade é composta por “muitos rostos” e que a Igreja, desde os primórdios “desenvolveu-se como um poliedro de pessoas com sensibilidades, proveniências e culturas diferentes” compondo uma “harmonia, que é o dom do Espírito” e “não suprime as diferenças, mas concilia-as gerando uma riqueza sinfônica”.

Nos tempos atuais, a notória polarização política se reflete também entre grupos religiosos e se manifesta nas redes sociais, local onde os jovens se encontram. Lá, tornam-se muitas vezes palco para disseminação de ideias superficiais do que não se conhece e a unidade torna-se um desafio ainda maior. Isso se reflete no convívio e aceitação das diferentes expressões no espaço da Pastoral Juvenil. Como exemplo temos, a gama de grupos que se identificam com ideias “tradicionalistas” e se colocam em oposição a grupos ditos “progressistas” e de ambos os lados fecham-se as portas para o diálogo, permanecendo em “bolhas” que passam do virtual ao real da sociedade e impede de reconhecer a riqueza das experiências de cada grupo. As reflexões de Passos (2020) sobre o tradicionalismo merecem ser aprofundadas, embora se tenha consciência de que não se trata apenas de polarizações, mas se pode correr o risco de haver disputas entre grupos próximos, por notoriedade e reconhecimento, ferindo a unidade.

Reconhecer, somar forças, perceber o empenho e a beleza da ação da graça em cada expressão juvenil é a proposta do Setor Diocesano de Juventude e não só, mas uma urgência

que se faz sentir cada vez tendo em vista o crescimento de todas as formas de evangelização juvenil frente a tantos rostos jovens. A presença de diferentes grupos é oportunidade de crescimento para todos, pois no diálogo, cada um tem a oportunidade de melhor elencar seus conceitos e sua identidade e perceber, ao conhecer propostas diferentes, o que precisa ser melhor desenvolvido no próprio grupo ou acumular experiências que melhor acolhem as juventudes.

CONCLUSÃO

A brevidade exigida a este texto limita a reflexão, porém, é possível perceber no entorno de cada pastoral o risco ao fechamento e a absolutização de sua proposta evangelizadora. Conviver com as diferenças é tema bastante considerado quando se pensa no âmbito da sociedade e das religiões, entretanto, pode passar despercebido a muitos quando se refere ao diálogo e integração entre grupos no interno da própria comunidade eclesial, incidindo no engano da absolutização da própria ação pastoral como única e legítima expressão da missão evangelizadora da Igreja.

Cada pessoa identifica-se com um grupo, vivencia nele experiências marcantes e tende a querer compartilhar dessa experiência. No entanto, é necessário reconhecer que esta experiência não é a única possível e que cada pessoa se coloca no seguimento de Jesus Cristo de forma única. Da mesma forma é salutar “pertencer”, zelar pela identidade de seu grupo o que não significa excluir outras possibilidades ou fechar-se para novidade dos “sinais dos tempos”. Todos são chamados a aprender juntos como responder aos desafios do tempo presente tendo como critério de avaliação a Revelação do amor de Deus em Cristo, pela ação do Espírito que convida ao seguimento; a formação integral e o cuidado com a vida das juventudes, considerando seu anseio por sentido e experiência de encontro com Jesus Cristo vivo; o desejo do próprio Cristo de que sejamos um povo novo caminhando juntos na construção do Reino.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Português. Tradução oficial da CNBB. 1 ed. Brasília: CNBB, 2018.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Evangelização da juventude. Brasília: CNBB, 2007. (Documento 85).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais. São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção documentos CNBB; 85).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Unidade e pluralismo na Igreja. São Paulo: Paulinas, 1972.

FRANCISCO, Papa. Encontro com os jovens. Discurso do Santo Padre, 25 de novembro de 2019. Viagem Apostólica à Tailândia e Japão. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/november/documents/papa-francesco_20191125_giovani-tokyo.html>. Acesso em: 20 set. 2022.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/francesco/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_po.html#II>. Acesso em: 15 set. 2022.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus Vivit*. Aos jovens e a todo o povo de Deus. São Paulo, Paulinas, 2019a.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. “La juventud es más que una palabra”. In: Margulis, M. (org.). *La juventud es Más Que una Palabra*. Buenos Aires: Biblos, 1996, p. 13-30.

PASSOS, João Décio. A força do passado na fraqueza do presente. O tradicionalismo e suas expressões. São Paulo: Paulinas, 2020.

SINODO DOS BISPOS. Os jovens a fé e o discernimento vocacional. Documento final da XV Assembleia do Sínodo dos bispos. Carta aos jovens. São Paulo: Paulus, 2019.